

Revista

RAÍZES

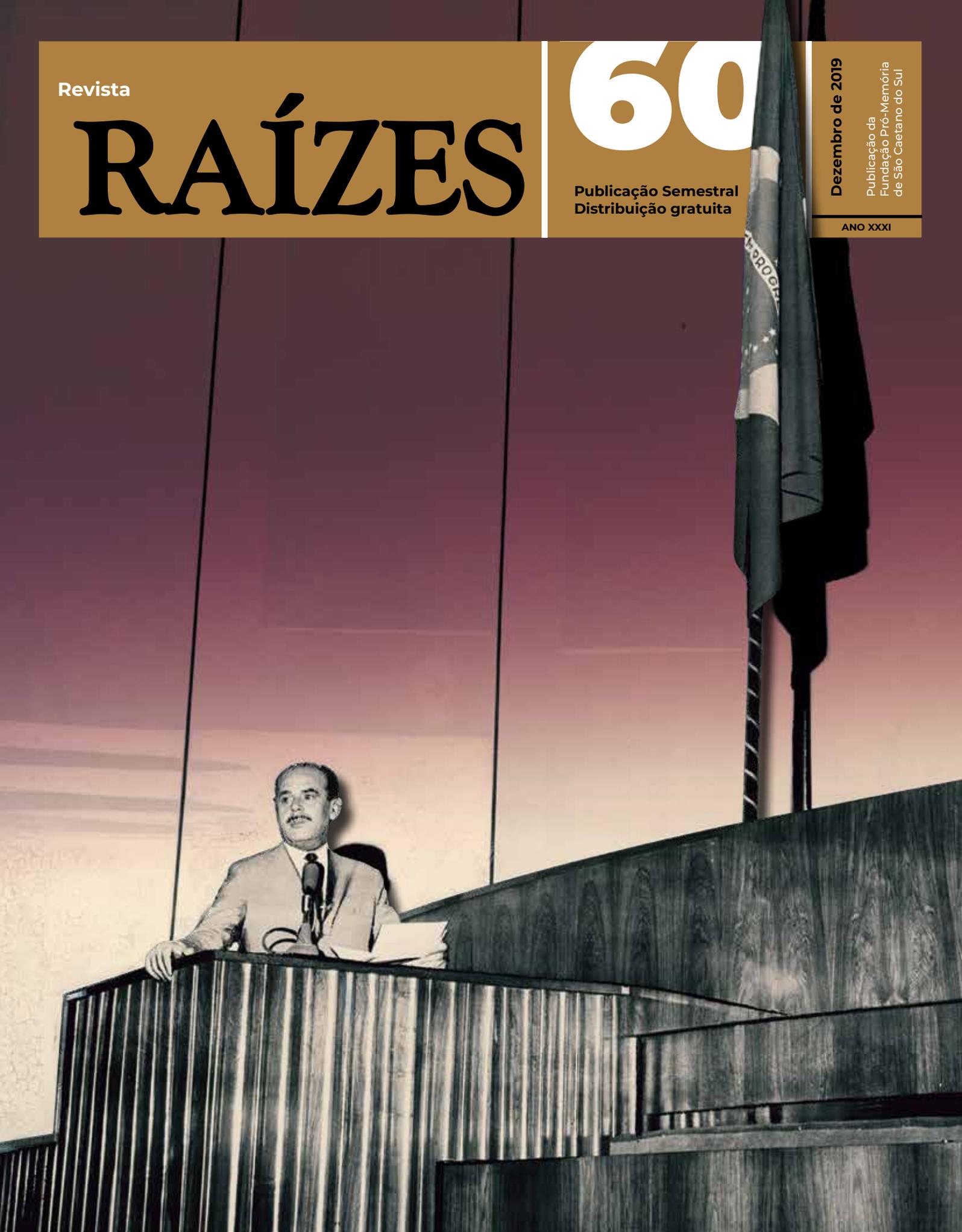
60

Publicação Semestral
Distribuição gratuita

Dezembro de 2019

Publicação da
Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul

ANO XXXI



Operários da fábrica
de viscoseda das
Indústrias Reunidas
Fábricas Matarazzo, em
São Caetano do Sul, no
Bairro da Fundação.
Foto de 1933

Acervo/FPMSCS

FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA

Há 28 anos
preservando
sua memória

Palavra do Presidente

Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

COM ORGULHO E DETERMINAÇÃO, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul segue constante em sua missão e dá continuidade à principal obra de seu projeto editorial, a revista *Raízes*.

O sexagésimo número da publicação permanece como um poderoso instrumento de consolidação das memórias e das identidades da população de nossa cidade. A memória de uma cidade é feita de histórias, experiências, sensações, mas também de documentos, fotografias e construções. Nossa revista materializa essas diversas narrativas, diferentes olhares.

Raízes já abordou variados aspectos da história de São Caetano. Já falamos sobre o desenvolvimento cultural local em diferentes manifestações artísticas, passamos pelas trajetórias de diversas correntes imigratórias, tratamos de importantes indústrias da cidade, enfim, nestes tantos anos de publicação, inúmeros temas ganharam destaque nas páginas da revista.

Os processos políticos e da administração pública também são parte importante da evolução histórica de um município. Em sua 28ª edição, de dezembro de 2003, *Raízes* enfocou a atuação de Oswaldo Samuel Massei como vereador e prefeito de São Caetano, e como deputado estadual. Mais recentemente, em dezembro de 2018, em seu número 58, a revista teve como assunto de sua antiga seção *Em Foco*, as três administrações de Hermógenes Walter Braidó. Neste número, que segue um novo projeto gráfico e editorial, o trabalho do prefeito, e deputado estadual e federal Anacleto Campanella ilustra a capa. Sendo assim, *Raízes* abre a possibilidade de explorar outros momentos políticos dentro do processo histórico de São Caetano em próximas edições.

E assim seguiremos, na tentativa de acompanhar a velocidade das mudanças da cidade e da sociedade, na busca pelo não apagamento da memória e pela veracidade histórica. **Tenham todos uma boa leitura!** ■

Ano XXXI – Número 60
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

Prefeito Municipal: José Auricchio Jr. **Secretário Municipal de Cultura:** João Manoel da Costa Neto. **Presidente da Fundação Pró-Memória:** Charly Farid Cury. **Coordenação Geral da Fundação Pró-Memória:** Márcia Gallo. **Conselho Diretor:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Anna Figueira, Breno Diorrener Pereira, Eva Bueno Marques, Francisco José Gripp Bastos, João Manoel da Costa Neto, João Tarcísio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Monica lafrate, Wagner Antônio Natale, William Pesinato. **Conselho Consultivo:** Cláudio Prieto, Issao Toyoda Kohara, Ivo Pellegrino, José Luiz Cabrino, José Ramos Vitorino, Maria José Amaral Pante, Mário Porfírio Rodrigues, Mauro Vincenzi Laranjeira, Newton Mori, Sueli Bimbachi, Teruo Fujita, Valdo Armindo Rechele

RAÍZES

Jornalista Responsável: Paula Fiorotti (Mtb. 28.927). **Edição e Revisão:** Cristina Toledo de Carvalho, Paula Fiorotti. **Comissão Editorial:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Ana Luisa Nóbrega Cury, Ana Maria Guimarães Rocha, Antonio Reginaldo Canhoni, Caio Bruno Siqueira de Paula, Cristina Toledo de Carvalho, Humberto Domingos Pastore, Isabel Cristina Ortega, João Alberto Tessarini, João Manoel da Costa Neto, Mário Porfírio Rodrigues, Monica lafrate, Nelson Albuquerque Oliveira Júnior, Paula Ferreira Fiorotti, Roberta Sernagiotto Soares. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Roberta Giotto. **Serviço de Difusão Cultural:** Caio Bruno, Cristina Ortega, Cristina Toledo de Carvalho, Paula Fiorotti, Rodrigo Marzano Munari. **Fotografia, Digitalização e Restauração de Imagens:** Antonio Reginaldo Canhoni. **Apoio à Pesquisa Iconográfica:** Jacqueline Nakagawa, Jussara Ferreira Muniz, Monica lafrate

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Dezembro de 2019

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Carta ao leitor

☰ Paula Fiorotti

EDITORA

Agradecimento

Agradecer. Começamos esta *Carta ao Leitor* agradecendo. Nossos agradecimentos se estendem à presidência da Fundação Pró-Memória, aos integrantes da Comissão Editorial, aos articulistas e aos nossos queridos leitores. Recebemos diversos comentários positivos sobre os novos formatos editorial e gráfico da revista *Raízes*, lançados na última edição. E isso nos deixa muito felizes! A sensação é de realização e de satisfação, em saber que, mesmo chegando ao seu 60º número, a revista *Raízes* continua atual, sempre se renovando.

A renovação está presente, mas sempre com aquele apego ao passado que faz parte de nossas vidas e do propósito da instituição. Neste número, apresentamos muitas histórias de pessoas, como da professora de piano Ana Russo, do hoteleiro Vicente Mezadri, do matemático Arnaldo Salvo Conceição e da escritora Maria Angélica Ferrasoli. Falamos também de quem deixou saudades entre nós, em relatos emocionantes de parentes e amigos, como a professora de psicologia Lideli Crepaldi, o

“guardador” de cultura João Masolini e Ivo Pellegrino, filho do primeiro prefeito de São Caetano (Ângelo Raphael Pellegrino).

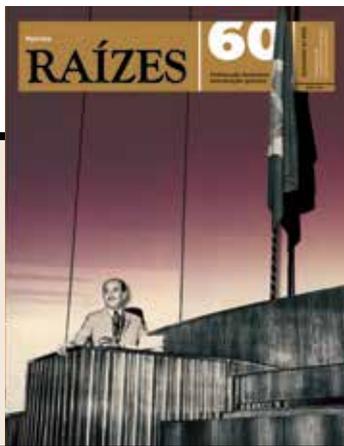
Outros textos muito interessantes, na seção *Artigos*, por exemplo, nos trazem informações sobre uma manifestação dos primeiros imigrantes italianos pela manutenção da primeira professora da cidade e acerca do processo de decadência das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. Em *Memória*, celebramos os 70 anos do Hospital Beneficência Portuguesa e abordamos a importância da construção do Viaduto dos Autonomistas para a paisagem urbana local. Nas páginas de *Esportes*, uma homenagem aos 30 anos da criação da Associação Desportiva São Caetano e um panorama das atividades esportivas e sociais do São Caetano Esporte Clube, texto que foi a última contribuição de Narciso Ferrari, grande amigo e colaborador da Fundação Pró-Memória e que nos deixou no mês de outubro passado. Registramos aqui nossa tristeza e fica a cer-

teza de que guardaremos muitas lembranças.

A seção *Regionais* recebeu uma valiosa colaboração sobre os 65 anos da Diocese de Santo André. E, finalmente, nosso texto de capa destaca os períodos da administração pública municipal de Anacleto Campanella e suas iniciativas como deputado estadual e federal. Além disso, há muitas curiosidades, muita informação e muitas belas imagens antigas da cidade, algumas do acervo da instituição e outras cedidas por moradores de São Caetano, como no caso das seções *Memória Fotográfica*, *Raízes e Retratos* e *Baú de Memórias*. Porque gostamos mesmo de um saudosismo e celebramos nossa história! ■

Paula Fiorotti é jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas, pela Faculdade Cásper Líbero, e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura, pela Unifai (Centro Universitário Assunção). É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul e é editora da revista *Raízes*.

✉ raizes@fpm.org.br



4
#HASHTAG

5
ENSAIO
**Olhar, mirar,
atirar pedra no rio**
João Alberto Tessarini

22
TRANSFORMAÇÕES

25
MEMÓRIA
**Viaduto dos Autonomistas:
referência simbólica na
cenografia urbana de
São Caetano do Sul**
Cristina Toledo de Carvalho

31
MEMÓRIA
**Beneficência Portuguesa:
os 70 anos da mais
sul-são-caetanense das
entidades lusitanas**
Caio Bruno

37
MEMÓRIA
**São Caetano do Sul
celebra o bicentenário
de nascimento do Báb**
Larissa Gandolfo

40
HISTÓRIA ORAL
**Entre os sons e acordes da
memória de uma cidadã
sul-são-caetanense**
Rodrigo Marzano Munari

46
HISTÓRIA ORAL
**Vicente Mezadri e o
empreendedorismo hoteleiro
em São Caetano do Sul**
Cristina Ortega

12
CAPA
**Anacleto Campanella,
prefeito e deputado**
A presença política de São Caetano
do Sul no Estado e no país
Márcia Gallo

50
HISTÓRIA ORAL
**Computadores, cálculos,
lousa e a vida**
Caio Bruno

56
ESPECIAL
Autonomia - 71 anos

62
PERSONAGENS
**Maria Angélica Ferrasoli
e sua caixa de palavras
e memórias**
Cristina Toledo de Carvalho

66
PERSONAGENS
**João Massolini, o
“guardador” de Cultura**
Marcos Eduardo Massolini

72
PERSONAGENS
**Carta de amor a
quem só cultivou amor**
Lilian Crepaldi

76
HOMENAGEM
**Ivo Pellegrino e
sua história de
dedicação a São Caetano**
João Tarcisio Mariani

79
MEMÓRIA E AFETO

80
ARTIGOS
**Em honra de Felicidade
Perpétua: a primeira
professora da Colônia
de São Caetano num
abaixo-assinado de 1883**
Rodrigo Marzano Munari

86
ARTIGOS
**Uma mesopotâmia
de Labor Et Honor**
Enrique G. Staschower

96
QUEM FOI?

98
ESPORTES
**São Caetano Esporte
Clube e a cidade**
Narciso Ferrari

104
ESPORTES
**A primeira temporada
da Associação Desportiva
São Caetano**
Renato Donisete Pinto

111
REGIONAIS
**Povo de Deus a caminho:
os 65 anos da Diocese
de Santo André**
Pe. Felipe Cosme Damião
Sobrinho

117
NOSSO ACERVO
Museu Histórico Municipal

118
NOSSO ACERVO
Pinacoteca Municipal

119
NOSSAS VISITAS

120
ACONTECEU

124
MEMÓRIA
FOTOGRAFICA

11, 60
CURIOSIDADES

**23, 39, 53,
54, 55, 75**
RAÍZES E RETRATOS

24, 38, 97, 110
BAÚ DE MEMÓRIAS

(#) HASHTAG

A Fundação Pró-Memória criou a hashtag **#meucoracaonaretinaexpo** para que os visitantes pudessem interagir com a exposição *Retina – Regis Ribeiro*, que ficou em cartaz no Espaço Cultural – Casa de Vidro, de 26 de julho a 6 de outubro de 2019. **Confira algumas participações!**



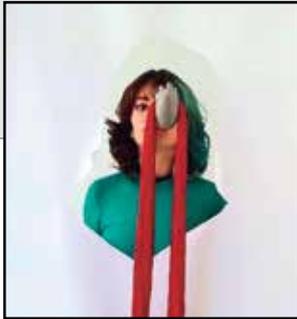
instagram.com/
fpmscs_oficial



facebook.com/
promemoria.caetano



Tami Rocha
@rochachado



Thiel Pelegri
@djthiel



Maria Eduarda de Almeida
@dudalmeida018

**#meu
coracao
naretina
expo**

**WWW.
FPM.ORG.BR**



A história de São Caetano na Internet

A Fundação Pró-Memória disponibiliza, por meio do site fpm.org.br, exposições virtuais que apresentam diferentes aspectos da história de São Caetano.



Imagens de diversos grupos familiares na exposição **RETRATOS DE FAMÍLIA**

Você também pode acessar nosso site pelo celular!

Foto/Teruo Fujita





**A foto 1268*:
memórias a partir dela
Qual o grau de fidelidade?
Pesquisas dizem que retemos
mais com a experiência do
que com o registro.**

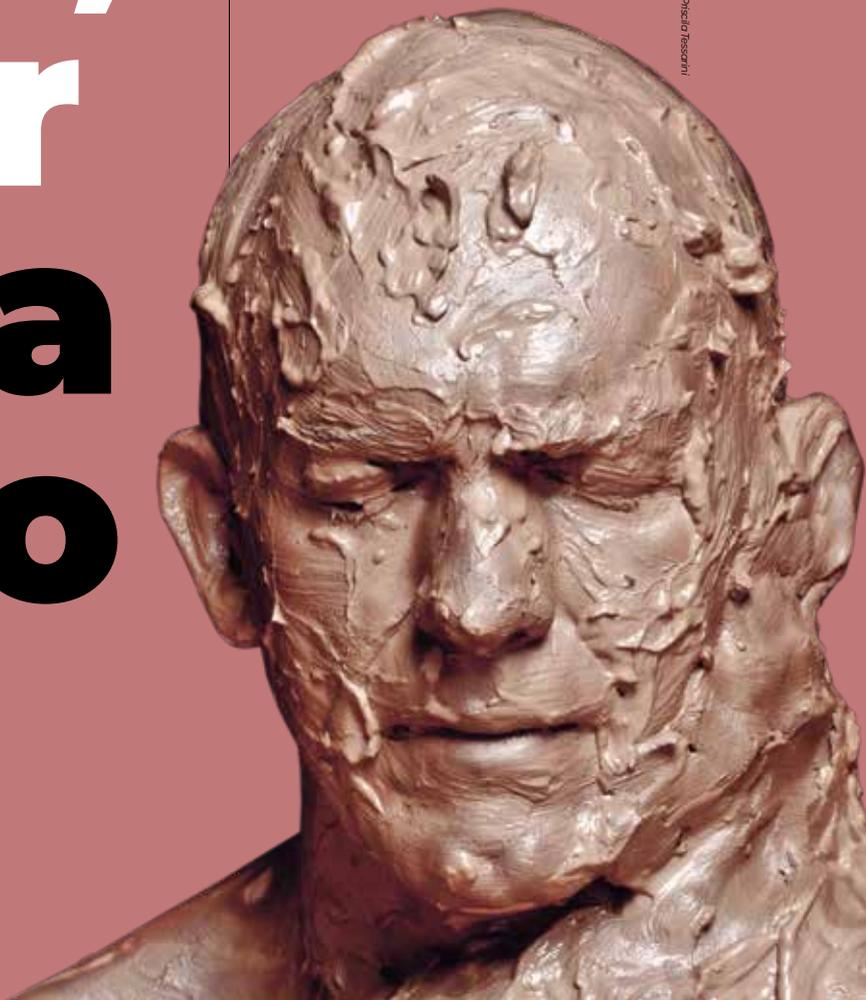
Olhar, mirar, atirar pedra no rio

 João Alberto Tessarini

*1268 é o número pelo qual esta foto é identificada no acervo iconográfico do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória.

IMAGINE VOCÊ morando ao lado de um rio com suas cheias e vazantes acrescidas de um regime *extrapluvial*, tendo como efeitos colaterais, muitas vezes, os injustificáveis e controversos “desejos de progresso”. Por mais que tenha visto fotos e até filmes, ou tenha uma imaginação fértil, nunca a sua descrição de viver ao lado do rio será tão poderosa e detalhista como as lembranças do engenheiro mecânico e fotógrafo Teruo Fujita,

Foto: F. Tessarini



autor da foto 1268 que escolhi. Foi com esse espírito e em busca da emoção vivida por ele, por tantos outros ribeirinhos urbanos, que passo a descrever com licença poética alguns acontecimentos, tendo o rio como protagonista impávido, testemunha, algoz e vítima que segue adiante, apesar de tudo.

Moro ao lado do Rio dos Meninos, afluente do Rio Tamanduateí, que tem como vizinho o Fujita. Se fossemos casas ou sobrados, nós moradores às margens do rio poderíamos pensar-nos geminados? Vizinhos geminados ou irmãos siameses, nós e o rio? Para essa narrativa fui conversar com o Teruo Fujita sobre o tempo da foto, feita em 1984.

Instigador, o filósofo Heráclito de Éfeso disse algo assim: “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra a mesma água, e o próprio ser já se modificou.” Levando em conta essas palavras, talvez a lama do rio, aquela bem lá no fundo, esteja impregnada dessa espécie de atemporalidade. Então, se eu me lambuzar de rio, cobrir a minha cabeça com a lama, posso imaginar-me em uma máquina do tempo e voltar ao passado, com ou sem fotos, partindo de textos históricos, testemunhos ou nadando em suas águas. Observar, por exemplo, os monges beneditinos e sua relação trabalhista com os escravos na fabricação de telhas e tijolos, que eram transportados via esse rio para a capital de São Paulo. No seu percurso original, acontecia o encontro com o seu afluente principal, o Rio Anhangabaú. Imagine, a Avenida São João e o Vale do Anhangabaú. Era ali o embate.

às águas claras
sem rodeios
endireitar as suas voltas

f ó r c e p s ,
criatividade nula

empurram-se
espremem-se

c o n t i n u a m
construindo
p r ó x i m o
às margens e
como um Judas
b e i j a m
e lambuzam
o seu corpo

remédio para
r e s s a c a ?
concreto ciliar

c o r a g e m
para assumir
a violação?

d e s c u l p e
m e u r i o
meu irmão,
meu querido

obrigado por
insistir em seguir
m e s m o e m
curso imposto

obrigado por
misturar-se às
nossas lágrimas:
dejetos, dejetos
d e s e j o s
de progresso

João Alberto Tessarini

As cidades cantam o Tamanduateí que passa
Prefeitura do Município de Mauá, 2003

Prossigo lembrando a controvérsia entre os dois possíveis significados para o nome Tamanduateí na língua tupi: “o rio dos muitos tamanduás” e “rio das muitas voltas”, pelo seu percurso originalmente sinuoso. Talvez, o significado de Anhangabaú justifique as muitas voltas do Tamanduateí, este vivendo uma possível procrastinação para retardar o seu encontro com o Anhangabaú, o “rio do mau espírito”. Rio tem medo?

A foto *Várzea do Tamanduateí*, de Militão Augusto de Azevedo (acervo da Prefeitura Municipal de São Paulo), feita em cerca de 1862, mostra o Pateo do Collegio ao alto e o Rio Tamanduateí abaixo, além de diversos homens e uma mulher lavando a roupa – Quais seriam seus pensamentos? – Ainda na imagem, cavalos bebendo água e, nivelada com o rio, uma construção e seu telhado incompleto – Uma obra em construção? Sendo reformada? Ou sofreu com o vento? – Talvez o rio, nas cheias, só chegasse até a mureta que divide a foto na horizontal.

No registro do Teruo Fujita podemos ver as vigas de aço, que, com a ajuda do equipamento bate-estacas, foram perfiladas nas duas margens para criar uma mureta que conteria o desmoronamento e a vazão das águas. Com o passar do tempo, nem uma coisa e nem outra aconteceu totalmente.

Fujita tem 77 anos, há 70 mora ao lado do rio. Uma das suas lembranças registra que, entre 1968 e 1972, a Avenida do Estado, em direção a São Paulo, foi aterrada e seu nível ficou até dois metros mais alto que o lado de São Caetano do Sul. Sim, as datas são imprecisas, ele se desculpa, digo que não importa e pergunto se tinha peixe no rio. Ele olha para cima e repete: “Peixe?”. Sua expressão muda, a repetição da palavra parece que gerou uma lembrança-hipérbole. A partir desse momento, os pequenos olhos do fotógrafo, do menino Teruo Fujita, brilharam e a conversa fluiu, nos lançando em águas de outros tempos: “Tinha cará, lambari, tinha rã que o amigo Sizuo Takeoka caçava à noite com o farolete. Fizemos uma cabana com galhos ao lado da margem. Milton Iochida, Catcian era o seu apelido, falava que um dia alguém de nós poderia cair no rio. Somente ele mesmo caiu, mas tudo terminou bem. Outro que deu problema foi o senhor Argídio Andreassa, que viu, de dentro do ônibus, os meninos – o Dr. Gordo, o Marinho e outros – e suas boias, feitas com câmaras de pneus, indo para a lagoa Biagi para nadar pelados, como em tantas outras vezes. Só que nesse dia as mães foram alertadas pelo senhor Argídio e a maioria deles apanhou desde o caminho de volta para

casa. Não fui nadar, disse que ficaria jogando bola no campinho. Eram várias lagoas, antes do terreno onde hoje está o Central Plaza Shopping, e lá existia uma placa onde se lia ‘Aqui morreram 44 pessoas, não seja o próximo’”. Dr. Gordo, escrito na etiqueta de papel colada na camisa, era Antonio Protázio, que brincava ser um dentista, até montou com o braço de uma vitrola quebrada o motorzinho que ele apontava na direção de todos fazendo aquele barulho tão temido.

Foi assim, conversa rápida. Rimos bastante com as recordações sem datas precisas, mas com a emoção plena ao recordar aquilo que ficou.

Na minha infância, em Espírito Santo do Pinhal, no interior de São Paulo, tive contato com o primeiro rio da minha vida. Ele passava no fundo do quintal da nossa casa e terminava em uma encosta e, lá embaixo ficavam as bananeiras, um pé de amora e uma clareira, onde eu encontrava os amigos para brincar. O local era um buracão, um universo à parte onde, repito, algumas bananeiras, as galinhas que fugiam e botavam os seus ovos no meio do mato, um pé de amora, e outras poucas árvores, além de duas grandes jabuticabeiras um pouco mais adiante, eram a nossa floresta, e, claro, o rio, um menino de águas cristalinas, com girinos e bagres que nos desafiavam com

seus ferrões gigantes, enquanto nadávamos apostando quem chegaria primeiro à outra margem. Juro que não foram histórias de pescador que vivemos lá, foram histórias de Tarzan, até com cipó, do qual tenho um pedaço guardado até hoje.

Agora, uma confissão de olhar adulto, que espero não tirar toda a credibilidade do que foi dito até aqui: o rio que corre em mim, na verdade, era bem menor do que você pode ter imaginado. O nosso rio era um córrego que atravessávamos com um pulo e que, às vezes, até desaparecia em certas épocas do ano. E as mães e os sumiços dos filhos? Na maior parte das vezes, era lá no buracão que os meninos passavam muitas horas exercitando dominar os elementos da natureza.

**Eu rio
Tu rio
Ele rio
Nós rio
Vós rio
Eles rio**

Conjugação errada? Não. Um convite, também com liberdade poética, para pensar todos nós como um rio e suas muitas voltas, margens, habitantes; seu leito de pedras roladas pelas águas cristalinas, sua velocidade, resiliência, generosidade, força; sua mata ciliar sempre tão diversificada e rica, isso quando deixamos. O meu rio de menino é igual ao Rio dos Meninos, afluente do Rio Tamandateí do Teruo Fujita, que também ainda conserva em sua memória histórias que o salvam nessa relação conflituosa. Histórias que salvam o espírito, a emoção e as suas irmãs, Olga e Luiza, e que nos fortalecem para as insistentes decepções, entre elas a descrita de forma contundente pelo poeta Manoel de Barros, em *O livro das ignoranças*, de 2016: “O rio que fazia uma volta atrás da nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa. Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem.” ■

João Alberto Tessarini é publicitário e artista plástico. Membro da Comissão Editorial da revista *Raízes* e do Conselho de Cultura de São Caetano do Sul, é coordenador e atelierista do Ateliê Pedagógico da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

“Tirar fotos de tudo durante uma viagem para lembrar de cada detalhezinho, ainda mais com milhares de cliques disponíveis nas câmeras e smartphones atuais, pode não ser uma ideia muito boa, apesar de tentadora. Aliás, pode surtir o efeito contrário, segundo uma pesquisa feita em uma universidade americana.

A doutora Linda Henkel, da Universidade de Fairfield, em Connecticut, realizou um experimento em um museu para ver como as pessoas se relacionavam com as memórias que registravam. Foi pedido ao grupo de voluntários que tirasse fotos dos objetos da exposição ou tentasse se lembrar deles.

No dia seguinte, foi pedido que eles falassem dos objetos vistos. O resultado foi que a maioria das pessoas conseguia dar menos detalhes dos objetos fotografados que dos que foram apenas observados.”

Trecho do artigo *Tirar fotos de tudo pode acabar com a sua memória do evento (e da viagem, da festa...)*, de autoria de Giovana Penatti, publicado no site tecnoblog.net

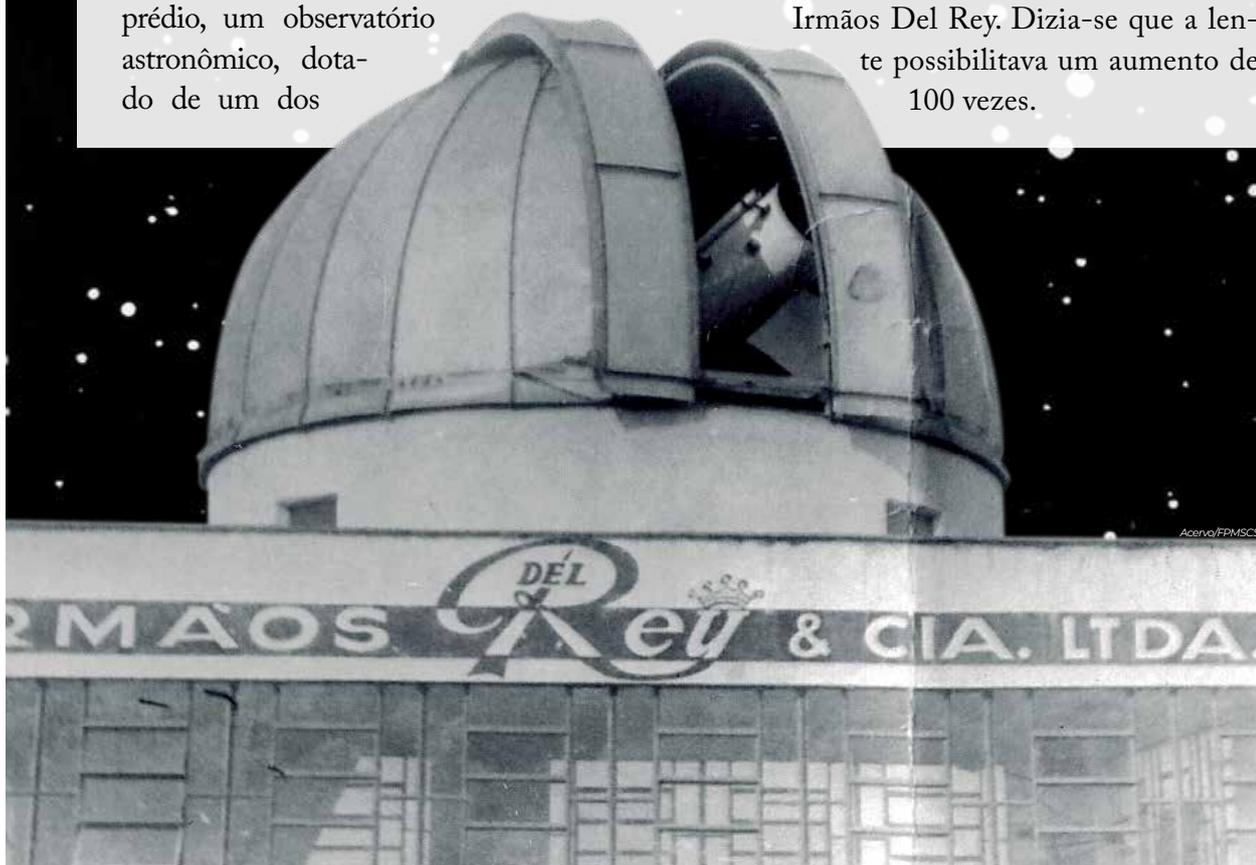
De São Caetano, era possível se observar as estrelas

A INDÚSTRIA DEL REY foi fundada por Ignácio Del Rey em 1943, na Rua Santa Catarina. Foi uma das pioneiras empresas da região a fabricar brinquedos e materiais escolares. Na década de 1950, era a primeira concessionária dos refrigeradores Frigidaire para o ABC e pioneira, em toda a região, no sistema de vendas a crédito. Mas uma característica muito especial chamava a atenção de quem passava pela rua: uma grande cúpula metálica.

O entusiasmo pela astronomia por parte dos irmãos, principalmente de Francisco e Felipe, fez com que se instalasse, no alto do prédio, um observatório astronômico, dotado de um dos

maiores telescópios do país. Segundo o *Journal de São Caetano*, de 25 de outubro de 1958, o equipamento possuía dois telescópios: “Um, do sistema Newton, montando sobre equatorial, com espelho parabólico de 16 polegadas e distância focal de 2,52 metros. O outro, é um refrator ‘Unitron’, de quatro polegadas e distância focal de 1,50 metros”.

No ano 1956, o planeta Marte se aproximou bastante da Terra. Centenas de estudiosos e muitos curiosos vieram a São Caetano para observar o maior planeta do sistema solar pelo observatório do Edifício Irmãos Del Rey. Dizia-se que a lente possibilitava um aumento de 100 vezes.



Observatório astronômico instalado no topo do Edifício Irmãos Del Rey

Anacleto Campanella, prefeito e deputado

A presença política de São Caetano do Sul no Estado e no país


Anacleto Campanella

Márcia Gallo

Anacleto Campanella, duas vezes prefeito de São Caetano do Sul

NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE há períodos de ruptura e de permanência. Na história de São Caetano do Sul a conquista da autonomia político-administrativa consistiu num processo de ruptura da ordem estabelecida, sendo determinante para o progresso da cidade, como podemos observar atualmente.

Até a década de 1940, mesmo sendo um subdistrito produtivo, recolhendo altos impostos aos cofres de Santo André, São Caetano não recebia o retorno em benfeitorias, permanecendo uma localidade abandonada. O movimento autonomista, que culminou com o plebiscito de 24 de outubro de 1948, tornou São Caetano independente de Santo André, marcando o início de novos tempos para a cidade.

Em 1º de janeiro de 1949, foi instalado o município de São Caetano do Sul, no qual deveria ser realizada a eleição para a escolha

dos vereadores e do prefeito. O grupo de pessoas que liderou o movimento autonomista procurou Ângelo Raphael Pellegrino, convidando-o a disputar a eleição a prefeito, uma vez que era pessoa conhecida pela população, participou ativamente da campanha em prol do Hospital São Caetano, e do movimento autonomista, e foi apoiado por um grande número de partidos. O adversário vencido por Pellegrino na eleição de 13 de mar-

ço de 1949 foi José Luiz Fláquer Neto. Nesse pleito foram também eleitos os 21 vereadores que compuseram a Câmara Municipal.

O engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino teve trajetória de muito sucesso na cidade, onde atuou primeiramente como gerente da Cerâmica São Caetano e, depois de mudança para Campos de Jordão, retornou a São Caetano como empreendedor do ramo imobiliário, adquirindo vários terrenos e abrindo ruas para a construção de casas que eram vendidas à população a preços acessíveis e com facilidades de pagamento. Além disso, foi um dos fundadores de outros empreendimentos industriais na primeira metade do século 20. Foi empossado como primeiro prefeito, legitimamente eleito, em 3 de abril de 1949, iniciando um governo sem recursos tanto estruturais e humanos quanto financeiros. No início, precisou reunir contribuições de pessoas que foram abordadas nas ruas, nas feiras, pois Pellegrino encontrou os cofres vazios e nenhum material de escritório na sede do subdistrito. A partir daí, os problemas se avolumavam, dada a marcha de desenvolvimento do município, como escreveu Sonia Xavier em *Raízes* (edição nº 3, de julho de 1990):

O primeiro ano de vida do novo Município foi o mais difícil, mas os obstáculos foram sendo vencidos,

um a um, e a máquina administrativa aparelhada foi atacando os vários serviços públicos, preferencialmente os que careciam de maior urgência, como foi o caso da água, fornecida por Santo André de forma precária e insuficiente. (XAVIER, 1990, p. 52)

Ao longo dos quatro anos de governo muitos desafios foram sendo enfrentados nos diferentes campos da administração municipal: na educação, na saúde, na assistência social e na própria estruturação da prefeitura, como resume Santarneckchi em artigo publicado na revista *Raízes* nº 22:

Ainda que tenha enfrentado várias dificuldades, Pellegrino conseguiu fazer com que a cidade comesse a sair da condição semi-rural em que se encontrava. Com efeito, os primeiros passos para um real crescimento (pois, até então, Santo André não havia promovido um desenvolvimento efetivo em São Caetano) haviam sido dados. (SANTARNECCHI, 2000, p. 31)

E é nesse contexto social e político que, em 4 de abril de 1953, toma posse Anacleto Campanella, segundo prefeito de São Caetano do Sul, que viria a ter uma expressiva carreira política.

O início da vida pública - Nascido em São Caetano do Sul no dia 14 de julho de 1924, filho de Mi-

guel Campanella e Tereza Campanella, Anacleto Campanella casou-se com Aracy Torres e teve três filhos: Marisa, Adauto Cleto e Anacleto Campanella Júnior.

Completo os estudos no Liceu Acadêmico de São Paulo, na capital do Estado, formando-se contador. Trabalhou na Cerâmica São Caetano e na Papelaria Ao Carioca, nesta última, como empregado e, posteriormente, como proprietário. Exerceu, ainda, o cargo de presidente da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul (Aciscs).

Iniciou-se na vida político-partidária em 1947, aos 23 anos, quando foi eleito vereador, pela União Democrática Nacional (UDN), na Câmara Municipal de Santo André. Tinha como objetivo trabalhar ativamente em prol da emancipação do subdistrito de São Caetano, e, para tanto, renunciou ao mandato após um ano e três meses.

Segundo Mário Porfírio Rodrigues, São Caetano era representado por dez vereadores na Câmara Municipal de Santo André, sendo que quatro deles trabalhavam a favor da emancipação política de São Caetano: Lauro Garcia, Antonio Dardis Neto, João Dal'Mas e Anacleto Campanella. Rodrigues aponta a propriedade e a combatividade de Campanella no apoio à autonomia que acabou por provocar sua renúncia ao mandato, o que



Registro do casamento de Anacleto Campanella e Aracy Torres Campanella, realizado no dia 15 de abril de 1947

representou uma “cassação”.

Campanella candidatou-se a deputado estadual, em 1950, obtendo a segunda suplência. Em 1951, foi convocado para ocupar uma vaga na Assembleia paulista, onde permaneceu até 1952.

Nesse mesmo ano, o Sr. Anacleto Campanella guindou-se ao alto cargo de Deputado Estadual, primeiro filho de São Caetano

do Sul a conquistar tão alto posto. Após memorável campanha, foi eleito, em dezembro de 1952, Prefeito Municipal de São Caetano do Sul, cuja posse deu-se em 4 de abril de 1953. (Relatório de Governo, 1953-1957)

Campanella e seu vice, Jacob João Lorenzini, elegeram-se com o apoio da Coligação De-

mocrática Autonomista, constituída pela UDN, o Partido Social Progressista (PSP), o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido de Representação Popular (PRP).

O primeiro mandato (1953-1957) - Segundo o Relatório de Governo de 1957, a primeira preocupação de Campanella foi voltada ao planejamento de um grande rol de ações, que se faziam prementes à população, bem como aos assuntos internos. Havia a necessidade de acomodar a máquina administrativa, e, para tanto, contar com mais e maiores dependências para a prefeitura. Nesse sentido, foi determinada a mudança da sede do Executivo para o Edifício Vitória, na Rua Baraldi.

Pelo censo populacional de 1950, o município de São Caetano do Sul contava com 13 km² e uma população de 59.832 habitantes, sendo o segundo município de maior densidade no país (IBGE, 1958, p. 159). Já em 1957, o Relatório apresentou o número de 70 mil habitantes, uma densidade demográfica de 5.384 habitantes por km², o que demonstra o ritmo dinâmico do município.

O primeiro mandato de Campanella foi voltado à ur-

banização do município, uma reivindicação dos munícipes. Dados de 1953 dão conta de um déficit escolar para mais de 15 mil crianças. Com o objetivo de sanar o problema, foram iniciadas e concluídas obras para a construção de prédios destinados aos grupos escolares e ao ginásio. Em 1957, o Relatório de Governo dá conta da construção de 14 escolas primárias, dez grupos escolares, três ginásios, sendo um estadual, uma escola normal, uma escola de Comércio e uma de alfabetização de adultos.

Merece destaque a ampliação da concessão de bolsas de estudo, desde o primeiro ciclo (ginásial, básico comercial e industrial) até o grau superior, e também para os cursos de piano e balé. Em depoimento a *Raízes*, em artigo publicado na edição de número 20, a professora Isola Maria Marques Teani ressaltou a importância de ter sido beneficiada com uma bolsa de estudos integral (curso e materiais) para poder cursar o ensino médio no Instituto de Ensino de São Caetano e concluir o curso em 1954. Prosseguiu os estudos e formou-se professora pela Escola Estadual Alexandre de Gusmão, em São Paulo, e iniciou sua carreira profissional na Escola Municipal de Educação Infantil Primeiro de Maio, em São Caetano.

Sempre com foco nas demandas da população, Campanella implantou a assistência hospitalar, postos de puericultura, o

Serviço da Guarda Municipal, o Instituto Municipal de Previdência e o Serviço de Trânsito.

O primeiro posto de puericultura foi inaugurado em 28 de julho de 1954 e recebeu a denominação de Aracy Torres Campanella, em homenagem à primeira-dama e presidente da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de São Caetano do Sul (Apami).

A entidade era formada por senhoras da sociedade e tinha como objetivo proteger e amparar a infância pobre da cidade, priorizando a construção de um posto de puericultura. Eram comuns os concursos de robustez infantil como incentivo aos pais, para que não descuidassem da alimentação dos filhos. A Apami consolidou-se como uma entidade atuante e, nesses 65 anos de existência, cuidou para que milhares de bebês recebessem enxovais personalizados, além de oferecer assistência às mães.

Em maio de 1956, foi inaugurado o segundo posto de puericultura, o Nair Spina de Benedictis, que continua se destacando em importância e atendimento de excelência.

O primeiro mandato de Anacleto Campanella imprimiu um ritmo acelerado de obras na cidade. Foi realizada a pavimentação de ruas e a colocação de guias e sarjetas, arborização e organização dos transportes coletivos. Havia 1.256 ruas e 19 praças no município, que conta-

va com 4.011 veículos licenciados. Esse ritmo é reconhecido na publicação do IBGE, de 1958:

A intensa atividade industrial de São Caetano do Sul está refletida em sua paisagem, dominada pelas chaminés. Por outro lado, a relativa proximidade com São Paulo contribui sobremodo para seu progresso atual. A cidade está, atualmente, com quase todas as ruas calçadas ou asfaltadas. O jardim 1º de Maio destaca-se dentre os logradouros públicos. Por sobre os trilhos da E.F. Santos - Jundiá, foi construído o Viaduto dos Autonomistas, em concreto armado, com 261 metros de comprimento, e, junto dele, a Estação Rodoviária. (p. 162)

Campanella terminava o mandato com inúmeras obras concluídas e outras em construção. Seu sucessor, Oswaldo Samuel Massei, filiado ao Partido Democrata Cristão (PDC), tomou posse em 4 de abril de 1957, cumprindo mandato até abril de 1961. Tinha sido eleito vereador na primeira legislatura (1949-1953) pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Como escreve Russo (2003), o primeiro ano da terceira administração se pautou pela contenção de gastos, pelo estudo dos problemas existentes e pela preparação dos três anos seguintes, que também foram marcados por trabalhos necessários ao desenvolvimento do município.



Vereadores de Santo André, no plenário da Câmara de Santo André, na década de 1940. A partir da esquerda, vemos: Anacleto Campanella, Otaviano Gaiarsa e Luiz Lobo Neto

Acervo/FPMSCS – Família Campanella



Acervo/FPMSCS – Família Campanella



Dois flagrantes da posse de Anacleto Campanella como segundo prefeito de São Caetano, no mandato de 1953 a 1957. Na foto acima, Ângelo Raphael Pellegrino (de óculos), o primeiro alcaide, transmite seu cargo

Em 1957, São Caetano possuía 350 fábricas, que utilizavam a mão-de-obra de mais de 20.000 trabalhadores. Anualmente, eram gerados mais de quatro milhões de cruzeiros. Existiam cerca de 1.600 estabelecimentos comerciais, e 95 mil pessoas, aproximadamente, moravam na cidade. A arrecadação, no ano anterior, fora de 112 milhões e 840 mil cruzeiros. (RUSSO, 2003, p. 8)

O espírito desenvolvimentista que dominou os dois primeiros governos do município permaneceu no primeiro governo de Oswaldo Samuel Massei, que defendia a moralidade política, a democracia e o ser cristão.

O segundo mandato (1961-1965) - Em outubro de 1958, Anacleto Campanella elegeu-se deputado estadual, desta vez pela legenda do Partido Social Democrático (PSD). Exerceu o mandato na legislatura iniciada em fevereiro de 1959, afastando-se da Assembleia paulista para concorrer novamente ao cargo de prefeito de São Caetano do Sul. A campanha desenvolveu-se nos três primeiros meses do ano de 1961.

Numa disputada eleição entre três forças políticas da cidade – Walter Braido, Joaquim Formiga e Anacleto Campanella – este último saiu-se vencedor, tendo Lauro Garcia como vice-prefei-

to, assumindo o segundo mandato a partir de abril de 1961.

Lauro Gomes de Almeida, prefeito de São Bernardo em 1951 e de Santo André em 1963, teve trajetória semelhante e concomitante à de Campanella, elegendendo-se também deputado federal. Surgiu uma identidade entre os dois prefeitos dos municípios vizinhos, que aproximou suas famílias.

Tal como nos três primeiros governos da cidade, a preocupação com a infraestrutura e as necessidades mais básicas da população também prevaleceu. A seguir, relatamos algumas das ações desenvolvidas no segundo mandato do prefeito Anacleto Campanella.

Havia ainda a insuficiência de fornecimento de água à população, problema também verificado nos municípios vizinhos que se uniram a São Caetano para reivindicar junto ao governo do Estado de São Paulo providências no sentido de resolver a questão. Foi então assinado um convênio entre as prefeituras do ABC e o Estado, pelo qual seriam enviados 25 milhões de litros de água por dia à região.

No dia 30 de julho 1961, a prefeitura inaugura um espaço destinado ao lazer da população: o Parque Municipal do Bairro Santa Maria, também chamado de Bosque do Povo (e que a partir de 1971 passaria a ser chamado de Cidade das Crian-

ças). Instalado em área desapropriada da antiga Chácara Refúgio Tranquilo, o parque foi entregue à população com muita festa e celebração de uma missa na oportunidade dos festejos de aniversário da cidade.

Preocupado com o orçamento, Campanella assina a lei nº 989, de 28 de agosto de 1961, que trata da reforma tributária no município, com novas regras para o imposto das indústrias, profissões e outros.

As enchentes assolavam o centro da cidade e obras de elevação do nível da Rua Baraldi foram realizadas com o intuito de minorar as consequências. No Bairro São José a prefeitura realizou a colocação da rede de

Inauguração da Escola Estadual Anacleto Campanella, em 4 de julho de 1980. Na imagem, Aracy Torres Campanella descerra o quadro com a fotografia do patrono, ao lado do então prefeito Raimundo da Cunha Leite



Acervo/FPMSCS

esgotos, iniciando pela Estrada das Lágrimas.

Em 1962, o governo municipal nomeou uma comissão para elaboração do plano diretor visando ao estabelecimento de diretrizes sobre o zoneamento da cidade, pensando na organização urbana da cidade em crescimento. Com o objetivo de acomodar as dependências da Câmara Municipal em maior espaço, Campanella promoveu a mudança das instalações para o quinto andar do Paço Municipal, na Avenida Goiás.

Na área educacional, foi necessário realizar a reforma do Colégio Estadual Bonifácio de Carvalho, que teve sua construção iniciada em sua primeira gestão. A Câmara Municipal solicitou a criação de uma escola industrial e profissional em São Caetano, sendo disponibilizada

uma área no Bairro São José para construção do prédio. Também assinou convênio com o governo do Estado para a construção de oito novos grupos escolares, pelo qual a prefeitura doaria os terrenos e o Estado se responsabilizaria pelas construções.

Ao longo de duas gestões à frente da prefeitura, Anacleto Campanella construiu 40 km de rede de esgotos e a rede de águas pluviais, iluminou toda a área urbana e pavimentou 1/3 do município. Solucionou os problemas do transporte coletivo, realizou obras viárias e inaugurou escolas, postos de puericultura e o Hospital São Caetano. Instalou o Foro, a Justiça do Trabalho, o serviço de trânsito e a previdência social, além da Cooperativa de Consumo dos Servidores Municipais. Permaneceu no cargo até 1965 e, com a extinção dos partidos políticos pelo Ato

Institucional nº2 (27/10/1965) e a posterior instauração do bipartidarismo, filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). (CPDOC FGV)

Campanella na Assembleia Legislativa de São Paulo e na

Câmara Federal - Anacleto Campanella candidatou-se a deputado estadual em duas eleições, exercendo mandatos entre 1950 e 1952 e, depois do primeiro mandato de prefeito, entre 1959 e 1961.

Em sua atuação como deputado estadual, Campanella foi autor, entre outros, de dois projetos de lei pleiteando a criação de dois ginásios em São Caetano, em continuidade ao antigo curso primário. Esses projetos foram aprovados pelo governador do Estado, na época, Carvalho Pinto, cujo apreço pelo prefeito e

1948

Assume o mandato de vereador em Santo André

1949

Renuncia ao mandato de vereador

1950 - 1952

Eleito segundo suplente de deputado estadual

1952

Eleito delegado do Partido Social Progressista em São Caetano do Sul

1953 - 1957

Primeiro mandato como prefeito de São Caetano do Sul

pela cidade era efetivo. A instalação dos cursos foi realizada em grupos escolares já existentes. O Ginásio de Vila Gerty foi uma ampliação do Grupo Escolar Padre Luiz Capra e o Ginásio de Vila Barcelona foi instalado no prédio do Grupo Escolar 28 de Julho.

Como deputado federal, Campanella foi eleito pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) para o período de 1967 a 1971. Participou de várias comissões permanentes em 1967: Comissão de Agricultura, como suplente; Comissão de Finanças, como membro efetivo; Comissão Parlamentar de Inquérito sobre Veículo Nacional, como relator-substituto.

No Congresso Nacional foi membro da Comissão Mista PL 5, que regulamentou o artigo 178 da Constituição do Brasil, que

dispunha sobre ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial.

Politicamente afinado com as ideias de Carlos Lacerda, Campanella aderiu ao movimento da Frente Ampla, idealizado por Juscelino Kubitschek, no exílio, com o apoio de políticos como o ex-presidente João Goulart. A Frente Ampla defendia uma nova política, mais democrática e ansiada pelos jovens. Por ser considerado um movimento conspiratório contra o regime, em abril de 1968, pela portaria nº 177 do Ministério da Justiça, foram proibidas todas as atividades do grupo.

Tal como Lacerda, Mario Covas, Gastone Righi e outros políticos, Campanella teve o mandato de deputado federal cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos, na 43ª legislatura (1967-1971), em face

do disposto no artigo 4 do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968.

A intensa e bem sucedida carreira política de Anacleto Campanella foi interrompida definitivamente em 18 de março de 1974 quando do seu inesperado falecimento. A família Campanella continuou na vida política da cidade, pois os dois filhos do ex-prefeito se elegeram vereadores por duas legislaturas: Adauto Cleto Campanella, entre 1983 e 1992, e Anacleto Campanella Júnior, de 2001 a 2004, e na atual legislatura.

Em sua homenagem, dois próprios municipais o tem como patrono, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Anacleto Campanella e o Estádio Municipal Anacleto Campanella, no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. ■

1954

Realiza inúmeras inaugurações de obras no município

1959 - 1961

Segundo mandato como deputado estadual

1961 - 1965

Segundo mandato como prefeito de São Caetano do Sul

1967 - 1971

Mandato como deputado federal pelo Movimento Democrático Brasileiro

1974

Falece, repentinamente, aos 49 anos

1968

Tem os direitos políticos cassados por dez anos



Abertura solene da porta principal do Hospital São Caetano. Vemos, desatando a fita de inauguração, a primeira-dama Aracy Torres Campanella e o prefeito Anacleto Campanella, no dia 25 de julho de 1954. Na imagem também aparecem: Adriano Duarte, Nicolau Tuma e João Cambaúva



O então prefeito Campanella despachando em seu gabinete, durante seu segundo mandato (1961 – 1965)



Campanella (de camisa branca) durante visita à General Motors, em dezembro de 1954. Foram identificados: João Nilo Ferrari, Christovam Miguel Sanches, Antonio Júlio Saraiva Margarido, Manoel Gutierrez Duran, Antonio Caparrós Guevara, Jayme da Costa Patrão, Maurício Simão, Sebastião Sampaio de Assis, Ângelo Raphael Pellegrino, Ivo Pellegrino, João Cambaúva e Walter Thomé



Anacleto Campanella e Aracy Torres Campanella (ao centro), no Baile do Lírio, realizado no Clube Comercial no dia 17 de agosto de 1963. Na imagem ainda foram identificados: Edno Pontes, Jordano Vincenzi, Oscar Ludovico Chiorim e Delmo Nicolli



Prefeito e primeira-dama presentes na inauguração do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, no dia 28 de julho de 1964



Campanella (de branco), ao lado de Carlos Lacerda em comício realizado pela Frente Ampla, em 1968

ACERVO SULCAETANENSE

Verdadeiramente, podíamos chamar a Anacleto Campanella “pioneiro” atualizado de uma nova era para a grande Comunidade.

Homem de fibra nos anseios de sua vida pública e administrativa, sequência incontestada e progressista tal aqueles de “entre as torbas de S. Caetano”, podíamos concluir.

Idealista de têmpera que marcara época no “gigante” avançado, entre espirais de fumaça no espaço das chaminés, “silhueta” combativa, nos anais de nossa história, na marcha do tempo e para a posteridade.

Marca indelével do presente que o futuro jamais poderá destruir. Anacleto Campanella, ei-lo tal ao majestoso jequitibá derramando ramagens de progresso em todas as direções.

Anacleto Campanella, “acervo-público” Sulcaetanense, em que o olvido jamais fenecerá sua lembrança, na marcha gloriosa entre as forjas de um progresso, onde a luta foi sua própria luta.

Nicola Perrella

Roteiro da Vida de Um Homem Público

Edições Alarico. Ltda. São Paulo, 1962.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASCENÇÃO, Yolanda. Isola Maria Marques Teani. Trinta e sete anos de Magistério. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 20, p. 74-76, dez. 1999.
- AZEVEDO, Débora Bithiah de e RABAT, Márcio Nuno. *Parlamento Mutilado* – Deputados federais cassados pela ditadura de 1964. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Anacleto Campanella Biografia*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/131165/biografia>. Acesso em: 29 ago. 2019.
- CPDOC FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Anacleto Campanella*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/campanella-anaclito>. Acesso em: 29 ago. 2019.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *São Caetano do Sul*. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Volume XXX. Rio de Janeiro, 1958.
- MEDICI, Ademir. Os primeiros representantes políticos de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 17, p. 5-14, jul. 1998.
- RUSSO, Alexandre Toler. Um ano de vacas magras, três anos de vacas gordas. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 28, p.7-13, dez. 2003.
- SANTARNECCHI, Domingo Glenir. *Ángelo Raphael Pellegrino, primeiro impulso para o desenvolvimento real*. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 22, p. 29-32, dez. 2000.
- XAVIER, Sonia. *Ángelo Raphael Pellegrino*. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 3, p. 50-53, jul. 1990.

Márcia Gallo

é mestre em Educação: História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Foi docente da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) e é coordenadora geral e membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória. É autora dos livros *A Parceria Presente: a relação família-escola numa escola da periferia de São Paulo* (2009), e *Indisciplina, violência e bullying – Um desafio para os gestores escolares* (2019), e coautora em outras obras sobre Educação.

TRECHOS DO DISCURSO DE DESPEDIDA NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO

Quis o destino mais uma vez que eu fosse administrar minha terra, S. Caetano do Sul. Eu nasci em S. Caetano do Sul, sempre vivi ali e ela é a razão quase integral de minha existência política (...).

Conseguida que foi a autonomia, apoiei naquela época Angelo Raphael Pelegrino para Prefeito e posteriormente tive a honra de substituí-lo na Prefeitura.

Apenas com 27 anos de idade eu era o segundo Prefeito de minha terra, S. Caetano do Sul.

A vida continuou, as lutas continuaram, eu também não parei: estive nesta Assembleia em 1952 e para cá voltei há dois anos. Hoje é meu último de minha permanência nesta Assembleia (...).

Finalmente, com a maior alegria entrego meu mandato ao Deputado Lincoln Feliciano, que foi um dos heróis da batalha pela conquista da autonomia e emancipação de S. Caetano do Sul. Acredito ser esta a maior homenagem que eu poderia prestar à minha terra, dando meu mandato ao Deputado Lincoln Feliciano que cumprimento neste instante com satisfação e alegria, na certeza de que saberá continuar com maior capacidade e brilho, os trabalhos deste modesto Deputado.

Sr. Presidente, encerrando estas palavras, deixo aqui consignado a minha alegria por ter podido conviver, durante estes dois anos, com colegas tão brilhantes, tão amigos e tão carinhosos.

Muito obrigado a todos e até breve, se Deus quiser.

Diário Oficial do Estado, 5 de abril de 1961.

TRANSFORMAÇÕES



A evolução da paisagem urbana de São Caetano do Sul

NA ESQUINA DA AVENIDA CONDE FRANCISCO MATARAZZO COM A RUA MANOEL COELHO, onde hoje está instalado um dos departamentos do grupo Via Varejo (dona da rede Casas Bahia), já funcionou uma escola. Construído para ser um empório de vassouras, o local passou a abrigar a sede do Colégio Santo Antonio a partir de 13 de junho de 1931.

As atividades educativas se iniciaram em 1º de julho, com mais de 50 crianças divididas em duas salas de aula de jardim da infância. Apenas dois meses depois, sob a orientação da madre Geralda, o Colégio Santo Antônio organizou a Escola de Corte e Costura e Trabalhos Manuais, com cursos profissionalizantes muito procurados pelas moças sul-são-caetanenses da época. Em 1º de fevereiro de 1932, o colégio já contava com 80 crianças e 15 jovens em seus cursos.

Em 1956, o nome da instituição mudou para Externato Santo Antonio e, no ano seguinte, a escola foi transferida para uma nova sede, localizada na Avenida Goiás, onde permanece até os dias atuais. ■

Então Colégio Santo Antonio, na esquina da Avenida Conde Francisco Matarazzo com a Rua Manoel Coelho

ANTES

Foto da década de 1930



Aerov/PMSCS

O prédio de esquina ainda mantém as mesmas características e hoje pertence às Casas Bahia

DEPOIS

Foto de 2017



Aerov/PMSCS

Acervo Daniel Balabenute

RELEMBRANDO OS VELHOS TEMPOS, quando as crianças podiam ficar até tarde nas ruas de São Caetano, brincando, jogando bola ou andando de carrinho de rolimã, e quando não havia internet, tampouco redes sociais, Daniel Balabenute nos conta a história de um grupo de amigos que morava nas redondezas da Rua Antonieta, no Bairro Boa Vista.

Nesta via, um estúdio era ponto de encontro da garotada. O dono do estabelecimento, o fotógrafo Altelino Rodrigues da Silva, participava de muitas das brincadeiras infantis e costumava registrar os momentos

de descontração da turma. Balabenute lembra que as fotografias eram colocadas na vitrine da loja.

“Ele (*Silva*) nos viu crescer e sempre que podia reunia todas as crianças para tomar um refrigerante bem gelado. Ele gostava muito de registrar esses momentos. São tantas lembranças que não caberiam em uma folha de papel, mas foram registradas em nossas memórias e eternizadas em nossos corações e nas fotos do senhor Altelino”.

Daniel Balabenute



Nesta imagem na frente do estabelecimento de Altelino Rodrigues da Silva (que é o primeiro, a partir da esquerda, em último plano), foram identificadas as crianças: Fábio Estevão, Leandro Estevão, Valmir Estevão, Josimar Estevão, Sergio Marcelo Oliveira, Daniel Balabenute, Marcio de Matos Correa e Cibele Balabenute. Foto do início da década de 1980



Mais um flagrante das brincadeiras na frente do estúdio de Silva, no início da década de 1980. As crianças são: Luiz Carlos Rodrigues, Leandro César Rodrigues, Rodrigo Balabenute, Sergio Marcelo Oliveira e Josimar Estevão

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados serão incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal

Doação Luiz Antônio Mantovani Filho

Exemplares de passe mensal de subúrbio, do trecho Mauá – Perú, da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, dos anos de 1965 e 1966



Viaduto dos Autonomistas: referência simbólica na cenografia urbana de São Caetano do Sul

 Cristina Toledo de Carvalho

ENTRE O FINAL DA DÉCADA DE 1940 e o início dos anos de 1950, o aumento do tráfego na região central do então novato município de São Caetano do Sul trouxe à baila o problema relativo à ligação do Bairro da Fundação com aquela região da cidade. Dificultada, sobretudo nas imediações da estrada de ferro, pela lentidão do funcionamento das já obsoletas porteiras que controlavam o fluxo de trens, pedestres e veículos junto aos trilhos, a conexão entre ambas as áreas tornou-se causa de alguns transtornos, em face de um acelerado ritmo que se impunha, cada vez mais, ao cotidiano local.

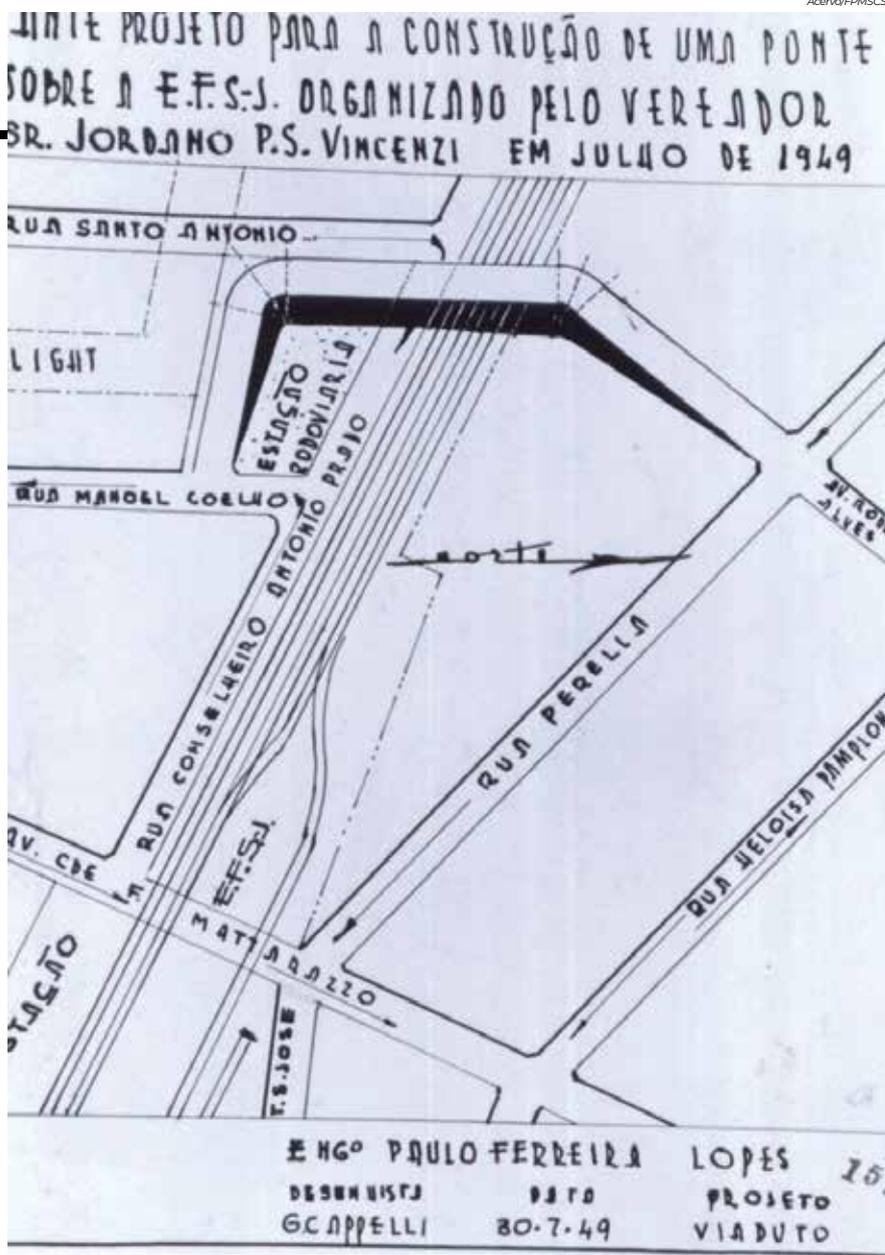
Toda (...) série de aborrecimentos era causada devido ao fato de as

porteiras se fecharem no instante em que um trem transitava na linha ferroviária, provocando grandes filas e vários congestionamentos no trânsito rodoviário, o que com certeza trazia problemas para várias pessoas (...)¹

Assim, tendo em vista solucionar tal questão, o assunto envolvendo as porteiras passou a ocupar a agenda do poder público municipal, firmando-se como objeto de discussões e debates a partir de 1949, no engatinhar do município sul-são-caetanense.

(...) nos primeiros seis meses de legislatura, foram apresentadas indicações e projetos, em número de cinco, subscritos por Lauriston Garcia, Oswaldo S. Massei, Jordano P. S. Vincenzi, Angelo Cianfarani e Jacob João Lorenzini, objetivando a construção de uma passagem de nível ou passagem inferior.²

Além de tais indicações, outras ideias circularam também nos bastidores decisórios da municipalidade na época, como as alusivas à construção de um viaduto entre as ruas Pernambuco e Rio Branco e à de um outro elevado, que se encarregaria da ligação das ruas Amazonas e Heloísa Pamplona.³ Fruto da precisão técnica da enge-



Estudo elaborado pelo desenhista Giorgio Cappelli, do escritório de engenharia de Paulo Ferreira Lopes, tendo em vista a construção de um elevado sobre os trilhos da estrada de ferro. Datado de 30 de julho de 1949, tal estudo integrou o projeto definitivo do que viria a ser o Viaduto dos Autonomistas

nharia, a edificação de um viaduto era a obra que melhor atenderia aos anseios de desenvolvimento e progresso em curso no novíssimo município de São Caetano do Sul. O retrato de uma cidade que se pretendia moderna e pujante, sob o afã de seu poderio econômico, advindo, em grande parte, do respeitável parque fabril que conseguira constituir ao longo de quase um século, e de sua condição política autônoma, responsável pela intensificação do sentimento identitário no imaginário local.

Projeto, trâmites e inauguração – Entre as sugestões encaminhadas na ocasião, uma, em especial, ganhou corpo, transformando-se

em projeto de lei. De autoria do vereador Jordano Pedro Segundo Vincenzi, o referido projeto abarcou um minucioso estudo feito por Giorgio Cappelli, desenhista de São Caetano que integrava a equipe de funcionários do escritório de engenharia de Paulo Ferreira Lopes, situado em São Paulo. No dia 28 de setembro de 1949, o projeto de lei deu entrada na Câmara Municipal. Pouco tempo depois, mais precisamente no dia 7 de dezembro daquele ano, a lei municipal nº 61 autorizava abertura de concorrência pública para a apresentação de propostas e orçamentos para a construção do viaduto e de uma estação rodoviária em sua parte inferior. Edificado sobre o leito da estrada de ferro, partindo da Rua Manoel Coelho até a Rua Conselheiro Rodrigues Alves, o elevado, por força da lei municipal nº 398, de 10 de dezembro de 1953, recebeu a denominação de Viaduto dos Autonomistas.⁴

No dia 28 de julho daquele ano, durante os festejos do 76º aniversário da cidade, foi lançada a sua pedra fundamental. Na ocasião, Jordano Vincenzi, autor do projeto de lei da construção do viaduto, proferiu detalhado discurso (o qual se encontra no acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória), apresentando um panorama dos trâmites que

englobaram a sua concepção e feitura. Ao explicar acerca de como aparecera a ideia de construí-lo, o ex-vereador pontuou:

A idéia surgiu no regresso de uma visita à Represa do Rudge, quando se cogitava do aproveitamento de suas águas para o abastecimento da nossa cidade, em palestra que mantivemos com os engenheiros que nos acompanhavam nessa visita e que nos falavam do Viaduto em forma de “U”, na Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Acudiu-nos logo a idéia de construir um Viaduto em forma de cotovelo, para contornar as dificuldades do local que tínhamos em mira e que outro não era senão este mesmo onde nos encontramos, neste instante.⁵

Um ano depois, no dia 28 de julho de 1954, no decorrer do primeiro mandato do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957), o Viaduto dos Autonomistas foi inaugurado (tendo sido também construído durante a referida gestão) com pompa, em cerimônia na qual estiveram presentes várias autoridades políticas, como o então governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez. A obra foi entregue com 254 metros, apresentando 15 de largura e altura livre máxima sobre os dormentes da linha férrea de 7,05m.⁶

Significados – As narrativas que cercam o Viaduto dos Autonomistas, desde o período em que sua existência restringia-se ao plano das ideias, em termos de projetos, estudos e plantas, até a sua concretização, evidenciam a sua importância para o dia a dia da cidade. Em franco processo de expansão urbana, no início de sua vida como município, São Caetano do Sul via-se às voltas com problemas tidos como recorrentes em grandes centros citadinos, como os condizentes ao tráfego moroso de veículos em suas principais vias. Dessa forma, a construção do viaduto foi empreendida para sanar



Assinatura do contrato de construção do Viaduto dos Autonomistas, durante a gestão do prefeito Ângelo Raphael Pellegrino (1949-1953), que aparece, ao fundo, sendo cumprimentado. Foram também identificados Eneas Chiochetti (ao fundo, à esquerda), na época, diretor de assuntos jurídicos da prefeitura, a então vereadora Olga Montanari de Mello e o chefe de gabinete, professor Benedito de Moura Branco (à frente de Pellegrino)

tal questão e “resolver o velho e angustiante problema da passagem sobre os trilhos da Estrada de Ferro Santos a Jundiá, (...), antes feita através das porteiras daquela Estrada, então única via de ligação.”⁷

Para além de tais finalidades práticas e de seu utilitarismo concreto, o Viaduto dos Autonomistas foi alçado à qualidade de marco do desenvolvimento local, uma referência simbólica na cenografia urbana sul-são-caetanense frente à conjuntura do processo de estruturação do município. Os significados que lhe foram atribuídos por um conjunto de enunciados discursivos e imagéticos, que consistem nas fontes primárias pesquisadas para a produção deste artigo, dentro do período situado entre os anos de 1949 e 1957, apontam para a magnitude da obra, segundo uma perspectiva de tempo que extrapola os limites daquele momento histórico, de compreensível euforia na urbe. Considerado “(...) o primeiro grande elevado a se construir no ABC por sobre os trilhos da estrada de ferro”,⁸

o Viaduto dos Autonomistas era concebido como um empreendimento que fora projetado “para um futuro distante(...)”⁹, conforme a interpretação da própria municipalidade. Esperava-se, ainda, que a sua construção representasse “acima de tudo (...) um símbolo de união indissolúvel das famílias e do povo de São Caetano do Sul.”¹⁰

Em face das considerações expostas, pode-se asseverar que, sob tal quadro conjuntural, o Viaduto dos Autonomistas emergiu como marca não só de uma gestão municipal, mas, principalmente, de um município, que, dando os seus primeiros passos, buscava recuperar e/ou eleger referenciais simbólicos

que pudessem representar o seu crescimento e forjar a sua identidade histórica.

Foi hegemônico, nesse sentido, o papel desempenhado pelo *Jornal de São Caetano*, que, no período aqui focalizado, desponta como um dos principais articuladores da vida sul-são-caetanense, em suas diferentes esferas. Organizava e divulgava campanhas de várias naturezas, denunciava os problemas locais, alinhava-se às forças políticas que estavam no poder, além de assumir também a responsabilidade pela recuperação e difusão da memória local, que, nas edições comemorativas ao aniversário da cidade, ganhava grande espaço, firmando-se como uma das pautas mais expressivas

do periódico. Foi a partir desse contexto que narrativas memorialísticas a respeito do passado da localidade foram produzidas, em diálogo, muitas vezes, com um material discursivo e ilustrativo de enaltecimento ao quadro econômico promissor do município, o que criou condição para a construção de uma imagem pujante e grandiosa da urbe.

Essa imagem da São Caetano da pujança e do progresso necessitava, no entanto, de um campo simbólico¹¹ para projetar-se e legitimar-se. Assim, alguns marcos foram eleitos, entre discursos, ações, instituições e lugares, a fim de representá-la. O Viaduto dos Autonomistas, figurando junto a tais marcos, passa a simbolizar a

Acervo/FPMSCS



Cerimônia de inauguração do Viaduto dos Autonomistas, no dia 28 de julho de 1954. Discursando, o então prefeito Anacleto Campanella e, ao centro, em destaque, Lucas Nogueira Garcez, governador de São Paulo na época. Foram também identificados, a partir da esquerda, Lauro Gomes, Francisco Prestes Maia (que, na ocasião, era candidato ao governo de São Paulo) e Antônio Sílvio Cunha Bueno (no canto da imagem), candidato a vice-governador na chapa de Prestes Maia



Outro flagrante do evento de inauguração do Viaduto dos Autonomistas, em 28 de julho de 1954. Destaque para a estação rodoviária (à direita), construída sob o viaduto. Por força da lei municipal nº 512, de 8 de janeiro de 1955, passou a chamar-se Estação Rodoviária Presidente Vargas

conjuntura vigente na localidade, naqueles meados da década de 1950, e a espelhar o júbilo reinante no município sul-são-caetanense. Os adjetivos que lhe são conferidos pelo *Jornal de São Caetano* atestam o entusiástico estado de ânimo então presente na cidade, conforme pode-se elucidar por meio de algumas de suas edições, publicadas entre 1954 e 1956, e das quais foram extraídos os seguintes trechos:

Os vereadores (...), pelo seu Presidente, vem ao povo, ao ensejo do aniversário de nossa cidade, co-

munhar na alegria e na satisfação desta gente, este ano engalanada com uma série de inaugurações, onde sobressae o colossal viaduto, que bem atesta a pujança deste querido torrão, calado na admiração de todo o Brasil, como município soberbo.¹²

(...) outra obra grandiosa (...) é esse monstro de cimento armado que liga as duas partes da cidade, tornando transponível a barreira que representam os trilhos da EFSJ.¹³

Obra gigantesca a assinalar o dinamismo do jovem município que cresce extraordinariamente para o progresso de nossa Pátria.¹⁴

O Viaduto dos Autonomistas (...), uma das mais arrojadas obras da atual administração, ligando o Bairro da Fundação à parte nova da Cidade, é bem o símbolo do período de progresso da gestão do sr. Anacleto Campanella e do seu incontido desejo de elevar o nome da Cidade que lhe serviu de berço entre os mais progressistas do País.¹⁵



O Viaduto dos Autonomistas destaca-se nesta imagem panorâmica. À direita, avista-se a Rua Manoel Coelho

Um dos mais antigos problemas do Município era, sem dúvida, a ligação entre o Bairro da Fundação e a parte alta da cidade, separados pelos trilhos da Estrada de Ferro Santos a Jundiá cujas porteiras constituíam um pesadelo semelhante ao causado pelas porteiras do Brás. O monumental Viaduto dos Autonomistas veio resolver o problema.¹⁶

Consolidado na cidade como referência simbólica da São Caetano da pujança e do desenvolvimento, o Viaduto dos Autonomistas teve os significados que cercam a sua imagem apropriados por periódicos renomados da imprensa nacional, como a revista *O Cruzeiro*. Em sua edição de 24 de setembro de 1955, tal revista publicou uma foto daquele viaduto, em razão da participação de São Caetano do Sul no concurso *Municípios de Maior Progresso*, organizado pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal (Ibam), em maio daquele ano, quando a cidade ficou entre os dez municípios do

país melhores classificados no certame, recebendo uma menção honrosa. Na legenda da foto em questão, a revista afirmou: “Este é o famoso Viaduto dos Autonomistas, feito para resolver o problema do tráfego entre o Bairro da Fundação e a parte alta da cidade. Obra notável.”¹⁷

O Viaduto dos Autonomistas impôs-se, de forma notória, na cenografia de São Caetano do Sul, destacando-se junto a outras referências que vinham concedendo ares de modernidade à localidade e nela despondo também como marcos simbólicos. O Edifício Vitória, a antiga Praça Primeiro de Maio e o prédio da hoje Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Bartolomeu Bueno da Silva, com o seu imponente painel de azulejos, cuja pintura representativa da figura do citado bandeirante é de autoria de Jayme da Costa Patrão, são algumas daquelas referências. Tais construções foram elencadas pelo *Jornal de São Caetano*, em 1955, como cartões-postais da cidade, ao lado do viaduto.¹⁸

Os registros aqui apresentados, mesmo que sucintamente, dão conta de ressaltar a importância do Viaduto dos Autonomistas para o cotidiano de São Caetano, revelando, ainda, a sua força simbólica, que, ao fomentar o imaginário local, articula-se a uma trama complexa de representações constitutivas daquilo que se pode chamar de identidade sul-são-caetanense. Logo, “a cidade não é somente física, mas espaço do imaginário, do devaneio e do sonho que a experiência permite e estimula.”¹⁹ ■

Notas

¹ VINCENZI, Jordano P. S. As porteiras da estrada de ferro e os 40 anos do viaduto. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 40-41, jul. 1994, p. 41.

² Idem. *Discurso proferido durante o lançamento da pedra fundamental do Viaduto dos Autonomistas*, São Caetano do Sul, 1953.

³ Idem. As porteiras da estrada de ferro e os 40 anos do viaduto, op. cit., p. 41.

⁴ MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993, p. 222.

⁵ VINCENZI, Jordano P. S. *Discurso proferido durante o lançamento da pedra fundamental do Viaduto dos Autonomistas*. São Caetano do Sul, 1953.

⁶ MEDICI, Ademir, op. cit., p. 222.

⁷ MARINARO, José Luiz S. V. *São Caetano do Sul, 1953-1957: 48 meses de administração do prefeito Anacleto Campanella*. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1957.

⁸ MEDICI, Ademir, op. cit., p. 222.

⁹ MARINARO, José Luiz S. V., op. cit.

¹⁰ VINCENZI, Jordano P. S. *Discurso proferido durante o lançamento da pedra fundamental do Viaduto dos Autonomistas*, São Caetano do Sul, 1953.

¹¹ LOFEGO, Sílvio Luiz. 1954 – A cidade aniversariante e a memória coletiva. O IV Centenário da cidade de São Paulo. *Projeto História*, São Paulo, n. 20, p. 301-314, abr. 2000, p. 302.

¹² DUARTE, Adriano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 443, p. 9, 1º. Caderno, 28 jul. 1954.

¹³ JORNAL DE SÃO CAETANO. São Caetano do Sul, ano IX, n. 488, primeira página, 12 jan. 1955.

¹⁴ JORNAL DE SÃO CAETANO. São Caetano do Sul, ano IX, n. 492, primeira página, 26 jan. 1955.

¹⁵ JORNAL DE SÃO CAETANO. São Caetano do Sul, ano XI, n. 610, primeira página, 2º. Caderno, 28 jul. 1956.

¹⁶ NO último período de administração do prefeito Anacleto Campanella comemora São Caetano do Sul seu 79º aniversário de fundação. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XI, n. 610, primeira página, 28 jul. 1956.

¹⁷ Apud RAÍZES, São Caetano do Sul, n. 13, jul. 1995, p. 83.

¹⁸ JORNAL DE SÃO CAETANO. São Caetano do Sul, ano IX, n. 490, primeira página, 19 jan. 1955.

¹⁹ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento apud CEDRO, Marcelo de Araujo Rehfeld. *Praça Sete, Pampulha e Savassi: centralidades urbanas e modernidade periférica na cidade de Belo Horizonte*. São Paulo: Annablume Editora, 2016, p. 19.

Cristina Toledo de Carvalho é historiadora, mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e doutoranda junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História desta Universidade. É autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, publicado em 2015 pela Fundação Pró-Memória, onde atua como colaboradora na área de pesquisa histórica.

Beneficência Portuguesa: os 70 anos da mais sul-são-caetanense das entidades lusitanas

 Caio Bruno

QUANDO FALAMOS DE SÃO CAETANO DO SUL lembramos imediatamente de pessoas, famílias e instituições que de tão enraizadas e ligadas à cidade fica impossível dissociar um do outro. A Sociedade Portuguesa de Beneficência é uma delas e com um diferencial: nasceu poucos meses após a autonomia e, portanto, sua história e a do município correm em paralelo e se confundem em diversas passagens.

Entre a independência do Brasil e a República de Portugal: o surgimento - Um desses encontros é o desfile de 7 de setembro de 1949, o primeiro produzido pela recém-instalada prefeitura municipal sul-são-caetanense. Naquela época, a parada do Dia

da Independência do Brasil era realizada na Rua Santa Catarina, no Bairro Centro. Ao lado de centenas de pessoas, um grupo de lusitanos acompanhava o evento. Instituições passavam com seus integrantes uniformizados, alguns homenageando outros povos e nenhum enaltecendo o imigrante português. Quase uma desfeita com nossos coirmãos.

“Por que não criamos então uma entidade que congregue nossa colônia e demonstre nossas boas características como a fé, o trabalho e a alegria, além de nos auxiliarmos?”, foi mais ou menos com essas palavras que os jovens portugueses iniciaram a semente do que viria a se tornar, em pouco tempo, a Sociedade Portuguesa de Beneficência

e, por consequência, o Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul, visando ao sentimento humanitário e hospitaleiro.

A primeira reunião aconteceu – não por coincidência – em 5 de outubro daquele ano. A data escolhida é a mesma da comemoração da proclamação da República Portuguesa, fato acontecido em 1910. O local desse primeiro encontro foi a antiga sede do Monte Alegre Futebol Clube, localizada na então Rua Minas Gerais, nº 35 (atual José Benedetti). Lá foi definido o grande objetivo: construir o hospital.

O primeiro símbolo da entidade foi produzido pelo professor e artista plástico João Fernandes Ribeiro, que a partir das cores verde e vermelha da bandeira de



Posse da primeira diretoria, em ato realizado no dia 18 de outubro de 1953. Foram identificados: Roberto dos Santos, Manoel Ribeiro, Olímpio Scardelato, Manoel Laranjeira, Antônio Soares, Alfredo Rodrigues, Antônio de Andrade, Júlio de Melo e Oriundo Dal Poggetto

Portugal criou a simbologia dos sete castelos agrupados dentro de um escudo, tendo ao centro a cruz de malta. Já a primeira bandeira, tendo como base o brasão, foi confeccionada e doada à sociedade por Aline Pina Bernardes, esposa do primeiro presidente de seu conselho deliberativo, Antonio Bernardes. O pavilhão foi benzido pelo padre Ezio Gislimberti na primeira sessão solene, realizada em 14 de novembro de 1949, no salão do Clube Jaraguá, sede inicial da sociedade, localizada na Rua Santa Catarina, nº 25, no segundo andar.

Com estatuto aprovado, conselho e diretoria eleitos e empossados, era hora de levantar fundos para a realização do sonho da construção do hospital.

Neste período, foram realizadas várias campanhas visando à arrecadação de recursos como a do *metro de terreno, metro de areia, do cimento* e também o *Livro de Ouro*. Além disso, marcantes foram as festas portuguesas, lembradas sempre por sua comida típica e danças. Além do dinheiro arrecadado, essa época marca a solidificação da sociedade e o fortalecimento dos laços entre os sócios, suas famílias e a comunidade. Importante destacar, nesta fase inicial, a figura do médico Abib João Kirche, que atendeu durante anos os integrantes da entidade em seu consultório, gratuitamente.

Eis o hospital - O hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano do Sul

começa a sair do papel em 1952, três anos após a criação da instituição, com a compra de terreno localizado na então Rua Tapuias (atual Nossa Senhora de Fátima), onde existia o campo de futebol do Clube Tamoyo. No mesmo ano, iniciou-se a construção do equipamento de saúde. Em 1953, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima passou por São Caetano e abençoou o terreno. Como homenagem, foi dado o seu nome à futura unidade de saúde. Além disso, no local foi construída uma capela cuja primeira missa foi rezada pelo padre Gislimberti.

Em paralelo, as campanhas e doações continuaram até a concretização total do sonho em 17 de novembro de 1957, com a inauguração do primeiro bloco

do hospital. A cerimônia contou com a presença do então prefeito de São Caetano, Oswaldo Samuel Massei, e teve como madrinha, Lavínia Rudge Ramos, esposa do prefeito de São Bernardo do Campo, Lauro Gomes.

Como uma de suas primeiras conquistas, a diretoria da época realiza a implantação do programa do governo federal chamado Serviço de Atendimento Médico Domiciliar de Urgência

(Samdu), precursor do atual Sistema Único de Saúde (SUS).

Ampliação e consolidação - As primeiras décadas do hospital foram “de vento em popa”, com ampliação de serviços, aumento de demandas e ofertas. Com isso, na década de 1970, surgiu a necessidade da ampliação do local com a construção de mais um bloco. Concluído em 1982, o novo prédio ampliou o atendimento e au-

mentou o conforto e a oferta de serviços prestados, trazendo aos associados, convênios e população mais qualidade e modernidade.

Nos anos 1990, a Beneficência Portuguesa, como é carinhosamente conhecida, começou a investir em campanhas publicitárias temáticas de grande alcance, além de sucessivas reformas e ampliações de setores, fazendo de seu complexo hospitalar um dos mais importantes do Grande ABC.

Acervo/FPMSCS



Inauguração do hospital em 17 de novembro de 1957. A madrinha foi Lavínia Rudge Ramos, que, em primeiro plano, aparece ao lado de Antônio Carvalho, Ângelo Raphael Pellegrino, Alfredo Rodrigues, Lauro Gomes de Almeida, Concetto Constantino e Oswaldo Samuel Massei

Acervo/FPMSCS



Comitativa da Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano do Sul recepciona a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima no porto de Santos, em 1953. Foram identificados: José Cavalheiro, Antônio Benedito Remondes, Antônio Soares, Ângelo Raphael Pellegrino (prefeito de São Caetano do Sul), Alfredo Rodrigues, Eugênio Augusto, Isaura Rodrigues, Serafim Carlos e Amadeu de Almeida

Crise e ressurgimento - A virada do século 20 para o 21 não foi de bons ventos para a economia brasileira e mundial e, conseqüentemente, trouxe reflexos mais diversos setores da atividade econômica. Na área da saúde não foi diferente. Somando a questão financeira com dificuldades internas, a Sociedade Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul passou pela mais grave crise de sua história em 2001, com colapso contábil e até o impensável fechamento temporário do hospital entre novembro de 2001 e fevereiro de 2002. Sem dúvida, um triste momento.

Foi aí que o velho espírito de solidariedade, irmandade e companheirismo, que sempre norteou a sociedade, retornou com o afincamento dos tempos iniciais. Havia a necessidade de batalhar pelo hospital novamente. Dessa vez não para construí-lo, mas para mantê-lo em pé. Nesse momento, os sócios promoveram mudanças na composição dos conselhos, aliando-se à experiência de profissionais competentes do mercado, com o objetivo de diagnosticar a real situação financeira e reerguer o equipamento de saúde. O trabalho sério e a dedicação integral deram o resultado esperado e, em pouco tempo, a entidade estava firme, reerguida e em franco crescimento.

Fachada da ala antiga do hospital, no ano de 1955, onde funcionava o posto do Serviço de Atendimento Médico Domiciliar de Urgência (Samdu)



Solenidade realizada em 6 de abril de 1950, com o batismo da bandeira da Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano do Sul, que fora oferecida por Alice Pina Bernardes, esposa do presidente do conselho, Antônio Bernardes



Diretores da entidade no ano de 1965. Em pé, a partir da esquerda, vemos: Alcindo Pereira, José Sampaio de Vasconcelos, Luiz Crepaldi, Luiz Alves Escudeiro, Arsênio Peres dos Santos, Antônio Porfírio de Andrade, Manoel Joaquim, Antônio Benedito Remondes, Cláudio Caetano Tornincasa e Manoel da Cruz. Sentados, estão: Amadeu de Almeida, Paulo Dival Canossa, Orlando Rodrigues de Almeida, Júlio de Mello, Cândido Campos Lopes e Antônio Carvalho

Hoje - Ao completar 70 anos no último dia 5 de outubro, a Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano do Sul está consolidada, com saúde financeira e estrutura que não deixam a desejar para nenhum complexo de saúde da região, pelo contrário.

Com três entradas principais, sendo distribuídas nos seguintes endereços: Rua Gonzaga, nº 451, para ala de internação e pronto-socorro; Rua Nossa Senhora de Fátima, nº 497, para ambulatório de pronto-socorro de ortopedia e diagnóstico por imagem; e Rua Rio de Janeiro, nº 550, para os ambulatórios de especialidades, além de vários pontos de embarque e desembarque que facilitam o acesso dos clientes às instalações do hospital.

Nos últimos anos, houve ampliação de espaços e o complexo conta com os mais variados serviços prontos a atender às mais diversas especialidades médicas como: ambulatório médico, centro cirúrgico completo, UTI adulto e infantil, pronto-socorro adulto, infantil e ortopédico; laboratório de análises clínicas, centros de oncologia e de diagnósticos. Além disso, há eventos fixos como a reunião de voluntárias para trabalhos artesanais às segundas-feiras e a missa na capela do hospital, realizada todo dia 13 de cada mês, às 19h30.

Entrando na sétima década de existência, a Beneficência Portuguesa projeta ainda mais novidades e mantém acesa a chama benemérita que permeia sua existência desde o início. ■



Comemoração do 10º aniversário da Beneficência Portuguesa, em outubro de 1959. Foram identificados: Antonio Soares (com o microfone), Adriano Carvalho (cônsul de Portugal) e Ítalo Dal'Mas

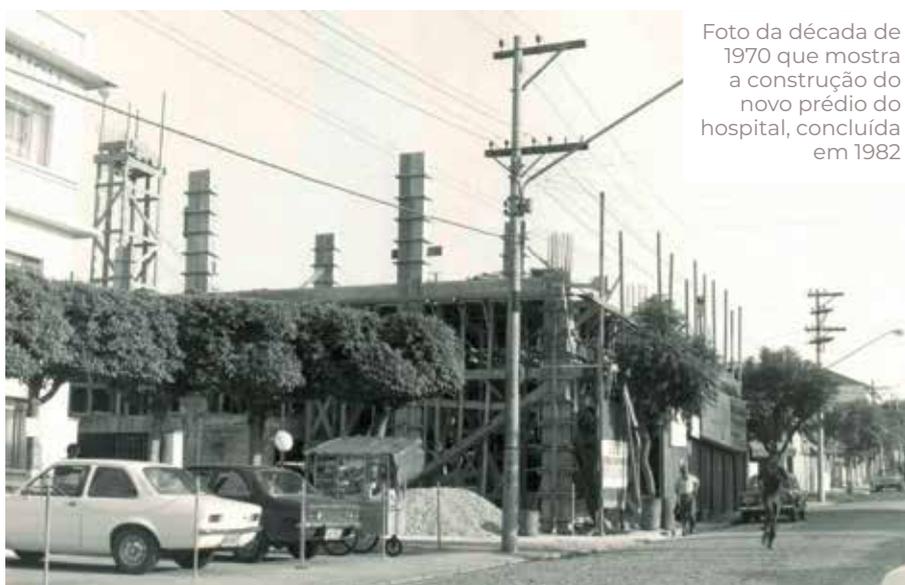


Foto da década de 1970 que mostra a construção do novo prédio do hospital, concluída em 1982



Fachada do hospital, em 1999

FUNDADORES

Seguindo a sequência das assinaturas no livro de ata inaugural da entidade, em 5 de outubro de 1949, os fundadores portugueses e luso-brasileiros foram: Júlio de Mello, José Cavalheiro, Adriano Duarte, Alfredo Rodrigues, Antônio Soares, Dirceu de Oliveira Lima, Anacleto Pires Laranjeira, Antônio Lopes Carvalhal, Amadeo de Almeida, Antônio Benedito Remondes, Serafim Carlos, Adriano Gonçalves, Dirceu Vieira de Souza, João Antônio dos Santos, Joaquim Marques Vasconcelos, José Maria Rodrigues, Amadeu Pinto, José Correia, José Ferreira Pires, Manoel Maria dos Louros, José Teixeira Brandão, Manoel José Dias, José Garrido Lourenço, Aníbal Soares, Francisco Nogueira, Serafim R. de Almeida, Antônio Manoel, Antônio Marques Leal, José Rodrigues Neto, Elísio dos Santos, Manoel Nobre, Patrício José da Silva Gaspar, Francisco dos Santos, Manoel da Silva Laranjeira, Antônio Patrício, José Luiz Fláquer Neto, José Salvatore Neto, Paulo Gonçalves Pereira, Antônio Bernardes, Manoel de Oliveira Castro, Antônio de Andrade, João Sérgio de Almeida Filho, Antônio Augusto Remondes, Francisco Del Rey, Cândido Campos Lopes, Manoel Ribeiro, Armindo Ribeiro, José Salvetti, Pompeu Andreucci, Bernardino Borges, José de Almeida Claro e Inácio Ferreira Barbosa.

Fachada do complexo hospitalar com entrada pela Rua Gonzaga. Foto de 2019



Integrantes dos conselhos e diretores da Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano do Sul, em 2019

Caio Bruno é jornalista formado pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul, com extensão universitária em gestão e crise em redes sociais pelo Senac-SP e cursos livres na área de gestão cultural. É pós-graduando em comunicação empresarial pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é supervisor do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul.

São Caetano do Sul celebra o bicentenário de nascimento do Báb

☰ Larissa Gandolfo

NÃO SÃO POUCAS AS QUESTÕES que permeiam a vida do ser humano. Desde os mais remotos tempos a humanidade olhou para as estrelas e se questionou sobre a sua existência, sobre o seu propósito, sobre quem realmente é. E continuamos a nos questionar e buscar respostas. No mundo contemporâneo, a velocidade e a constante exposição a novas informações muitas vezes nos dão a sensação de que nada mais é sólido, que a liquidez da sociedade, das relações e da verdade alcançou todos os aspectos de nossas vidas e que estamos abandonados em busca de algo que reanime o sentido da existência.

A comunidade bahá'í de São Caetano do Sul, no mês de outubro de 2019, celebrou o bicentenário de nascimento do Báb; o precursor da Fé Bahá'í, nascido na Pérsia há 200 anos. Mais que apenas um acontecimento histórico ou sagrado como o é para os bahá'ís, esse nascimento é também o sur-

gimento de uma nova luz no mundo, uma nova perspectiva para encararmos os nossos próprios desafios e angústias enquanto humanos. Para celebrar esse acontecimento, a comunidade bahá'í preparou uma exposição na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), que convida o público a se reconhecer em suas próprias perguntas e encontrar nos escritos bahá'ís uma série de respostas para os problemas do nosso tempo, seja no trabalho, na família, na nossa relação com o conhecimento ou nas disputas socioeconômicas e políticas. Para além da exposição, uma bela apresentação aconteceu no dia 29 de outubro no auditório da Uscs, contando com a participação da comunidade local e também do Coral Juvenil Meraki do Espaço Cultural das Artes, composto por mais de 40 jovens da cidade.

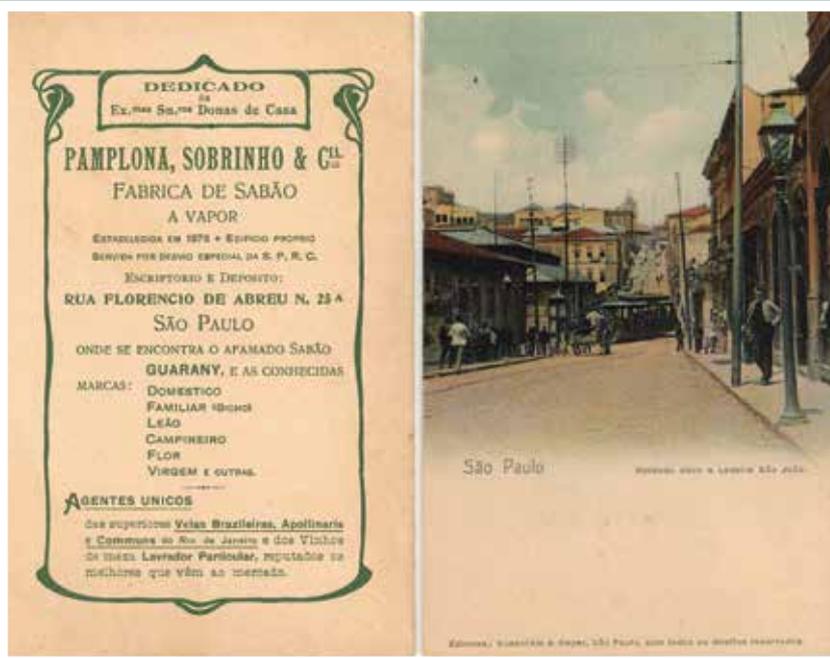
A Fé Bahá'í está espalhada pelo mundo em mais de 150 mil localidades, com mais de

sete milhões de bahá'ís declarados que fazem de suas vidas um exemplo de serviço aos demais. Os bahá'ís acreditam na unidade da humanidade, que pode ser entendida como uma única família que deve prosperar junta, livre de preconceitos e de injustiças. Por meio de ações educativas e sociais, procuram, junto a suas comunidades locais, construir formas de promover a justiça e o bem-estar de todas as pessoas. O nascimento do Báb e também de Bahá'u'lláh, considerados profetas gêmeos para a Fé Bahá'í é a renovação da aliança de Deus com a humanidade. O envio dessa nova mensagem pode ser a respostas às antigas questões que ainda acompanham o gênero humano. A comemoração se estenderá para outras atividades ao longo do ano de 2019 promovidas pela comunidade bahá'í na cidade. ■

Larissa Gandolfo, é pedagoga e filósofa, membro da comunidade bahá'í de São Caetano do Sul.

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados serão incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal

Doação José Coelho Pamplona Jr.



Cartões-postais da empresa Pamplona, Sobrinho & Cia. que, em 1896, instalou sua fábrica em São Caetano, no local onde havia sido o núcleo da Fazenda de São Caetano. Em 1916, essa fábrica foi comprada pelo Conde Francisco Matarazzo, dando início ao grande complexo industrial das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo



Acervo Alexandre Iglesias Hernandez



O casal Julio Iglesias Hernandez e Maria Munhoz, em foto da década de 1940, durante passeio ao Viaduto do Chá, em São Paulo. Apesar de sempre residir na outra margem do Rio Tamanduateí, o espanhol Hernandez sempre trabalhou em São Caetano. Seus filhos e netos residem na cidade desde os anos 1970



Maria Munhoz, em foto de 1923, quando tinha apenas 14 anos



Julio Iglesias Hernandez posa para foto durante passeio à Praça da República, em São Paulo, na década de 1920

Entre os sons e acordes da memória de uma cidadã sul-são-caetanense

Rodrigo Marzano Munari

Ana Russo em entrevista concedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em 19 de setembro de 2019

Foto/Ari Tonon (FPMSCS)



SE A MÚSICA PODE SER DEFINIDA COMO A ARTE DE SE EXPRESSAR POR MEIO DOS SONS, pautando-se em normas que são construídas historicamente e que variam de acordo com cada cultura ou sociedade, pode-se dizer que a memória é a arte da expressão por meio dos *ritmos*, dos *compassos* e *descompassos*

da pessoa que fala. A memória age de modo similar à música: ela se reorganiza, se desestrutura, se faz e refaz a cada novo mergulho em seu interior. A memória de uma pessoa não reproduz sempre os mesmos sons e acordes, como numa técnica perfeita; e engana-se quem pensa que a música, como aponta uma experiente professora de piano, reduz-se a uma simples questão técnica: “a parte mais difícil na música não é a música, é sentir e transmitir o que você está sentindo. Porque a pessoa (*que ouve*) tem que sentir o que você está sentindo, e isso é o mais difícil”.

A lição da professora é dita com a propriedade e a seriedade de quem já leciona há seis décadas e tem a música como parte de seu cotidiano e de seu próprio ser. A construção musical, que compõe o ritmo cadenciado das ideias que nela fluem em

um palavreado límpido e lúcido, pode-se afirmar que também compõe a nervura das memórias dessa cidadã sul-são-caetanense de 86 anos de idade. Ana Russo nasceu no Bairro da Fundação no dia 9 de dezembro de 1932, mais especificamente, na Rua Perrella, onde ela não permaneceria por muito tempo. Tanto sua família paterna quanto a materna têm origens italianas. Sua mãe (Tomazina Paladino) e seu pai (José Antonio Russo) vieram para o Brasil quando ainda crianças, com suas respectivas famílias, que se estabeleceram ambas no bairro do Bom Retiro, na capital paulista. Lá se conheceram e lá se casaram Tomazina e Russo, iniciando a construção de sua própria família. Mas o casal só viria a se estabelecer em São Caetano alguns anos depois.

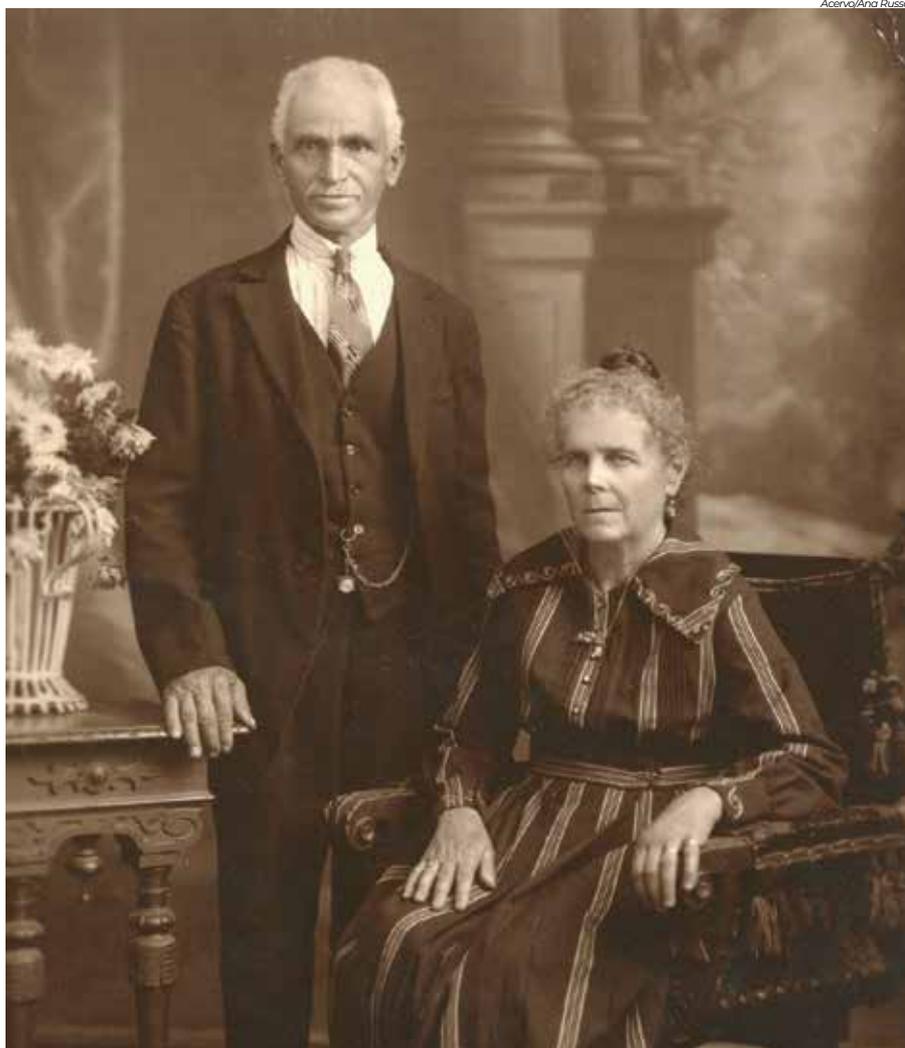
Por ocasião da Revolução Paulista de 1924, quando unidades do Exército e da Força

Pública se rebelaram e tomaram as ruas da capital para tentar derubar o presidente Arthur Bernardes (que governou o país de 1922 a 1926), “estavam abrindo trincheiras em São Paulo”. É o que Ana relata ter ouvido de sua mãe, a respeito desse episódio tão marcante quanto pouco conhecido da história paulistana e nacional. Nesse contexto, a família mudou-se para Jundiaí. Durante esse tempo, o seu pai, que era sapateiro *artesão* – note-se a ênfase no artesão, pois que José Antonio Russo trabalhava para um ateliê de modas, cujos sapatos eram confeccionados com o tecido de que se faziam os vestidos –, tinha de se dirigir diariamente à capital para exercer seu ofício. Depois de quatro anos dessa rotina extenuante de trabalho, ele decide mudar-se com a família para São Caetano, para

“a parte mais difícil na música não é a música, é sentir e transmitir o que você está sentindo. Porque a pessoa (que ouve) tem que sentir o que você está sentindo, e isso é o mais difícil”.

um lugar “pertinho da estrada de ferro”, circunstância que o favoreceria nos seus deslocamentos para São Paulo. Foi nessa casa do Bairro da Fundação, na Rua Perrella, que a pequena Ana Russo veio à luz. Não satisfeito, pois “meu pai desejava viver num lugar alto, cheio de sol, de árvores, ele foi subindo”, conta Ana, e a família acabou indo morar na Rua Espírito Santo.

Nessa última rua viveu a pequena Ana em contato frequente com algumas figuras que desempenhariam papel de destaque na vida pública de São Caetano, como Ângelo Raphael Pellegrino – além de seu filho, Ivo, que ela conheceu “pequenino” – e Octávio Tegão, ambos vizinhos



Avós maternos de Ana Russo:
Antonio Paladino, de origem italiana,
e Ana Blois, de origem francesa



Turma do 2º Grupo Escolar de São Caetano (atual EMEF Bartolomeu Bueno da Silva), em foto de 1940. A professora é Dulce de Castro Lima. Ana, com oito anos de idade, é a terceira aluna sentada na fileira de baixo, da esquerda para a direita

próximos de sua família. Pellegrino, que morava na esquina da Rua Espírito Santo com a Monte Alegre, num “lindo casarão por ele mesmo construído” e que hoje não mais existe (em seu lugar atualmente funciona um estacionamento), tornou-se figura marcante na vida de Ana também por outro motivo especial: exercendo seu ofício de engenheiro, fora ele quem construíra a casa na Rua Conceição para a qual a menina Ana se mudara aos quatro anos de idade, ainda na mais tenra infância, e onde se tornara a mulher de fibra e professora experiente que lá habita até hoje. Com orgulho ela afirma que a sua é a única casa sobrevivente das que foram construídas por Pellegrino naquela rua. Imagine o leitor uma

São Caetano bastante diferente da de hoje, ainda com feições eminentemente rurais naqueles anos que encerram a década de 1930. Como outras residências de sua rua e das cercanias, a casa de Ana dispunha de largos espaços para árvores e plantações de gêneros alimentícios: “Havia a casa, do lado havia um lindo jardim, depois uma chácara imensa. Nós tínhamos uma chácara com árvores frutíferas, os canteirinhos com verduras e legumes, de modo que minha mãe não precisava ir à feira para comprar essas coisas. Quando meus avós maternos morreram, com o dinheiro da herança foi construída a casa nos fundos, onde eu moro até hoje, e foi alugada a casa da frente. A casa da frente foi reformada, mas ainda

é a mesma que o Pellegrino fez, o mesmo alicerce, apesar de algumas mudanças (...)”.

Essa era “a casa das meninas”, no dizer de Ana, porque seus pais tiveram dez filhos: oito homens e duas mulheres, que eram as caçulas. Numa família desse tamanho, não era fácil garantir que todos os filhos pudessem estudar. Faziam-se os estudos primários, afirma nossa entrevistada, mas a continuidade nos bancos da escola dependia da existência de recursos que a família não podia dispor com facilidade. Para seu pai, era essencial que todos os filhos tivessem um trabalho, uma profissão ou um ofício a que se dedicassem, como tiveram to-

dos os seus irmãos. Depois, era comum que fizessem alguns cursos como complemento da formação e para melhor desempenho no trabalho.

Alfabetizada em casa por um de seus irmãos, a menina Ana fez seu curso primário no 2º Grupo Escolar de São Caetano (atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Bartolomeu Bueno da Silva), que na época ficava na Rua Monte Alegre. Chegou a fazer também, no mesmo grupo escolar, um curso de Língua Portuguesa, mas isso depois de já ser formada em música. A seu pai não agradava a ideia de que a filha “trabalhasse fora” ou “fizesse cursos”. “Éramos educadas para ser as perfeitas donas da casa. Então a gente aprendeu culinária, corte e costura – Você acredita que eu sou diplomada em corte e costura? – e música... A música era um complemento de educação que nós tínhamos de estudar, fazia parte da educação naquela época”, relata a entrevistada.

A jovem Ana foi educada de acordo com os costumes daquele tempo e foi preparada para cumprir seu “destino” como mulher: o de ser uma dona de casa exemplar e dedicada à família. Entretanto, desde cedo manifestou sua inquietude e se-

(...) desde cedo
manifestou
sua inquietude
e sede de
conhecimento,
conseguindo
“driblar” muitos
obstáculos e
tornando-se
senhora de seu
próprio destino.

de de conhecimento, conseguindo “driblar” muitos obstáculos e tornando-se senhora de seu próprio destino. Se havia uma rígida hierarquia dentro de sua casa, o que significava submissão a seu pai, em primeiro lugar, e depois a seus irmãos, é certo que havia também muita leitura em seu ambiente doméstico: “Meu pai comprava a *Folha da Manhã*, a *Folha da Tarde* e a *Folha da Noite*, porque vinham notícias diferentes, *A Gazeta*, o *Fanfulla* (um jornal da comunidade italiana no Brasil). Para a minha mãe ele comprava as revistas *Vida Doméstica* e *O Cruzeiro*. E nós, crianças, tínhamos as nossas histórias infantis, que eram lidas com curiosidade e

avidez”. E assim, penetrando fundo em seu íntimo, a ânsia pelo saber produziu naquela menina uma fermentação surda e salutar, da qual brotou o estímulo para a busca de conhecer sempre mais, fazendo-a sensível aos clamores cívicos que despontavam no cenário local.

Talvez nenhum outro tenha despertado nela tão viva admiração como o movimento autonomista, que uma jovem de 15 a 16 anos experimentou com entusiasmo: “Eu me lembro como se fosse hoje! Eles (*os autonomistas*) eram incríveis, incríveis... Eles fundaram o *Jornal de São Caetano* e lutaram, lutaram tanto... Que incrível! E na minha casa só se falava sobre isso”.

O interesse pela leitura foi avivado na jovem Ana por seu contato com um “rapaz de calças curtas” que naquela época ainda dava os primeiros passos rumo a uma trajetória intelectual bem-sucedida. Hoje, um dos grandes nomes da sociologia brasileira e autor de diversas obras notáveis sobre a história sul-são-caetanaense. Ana Russo conheceu José de Souza Martins nos bancos da Igreja Presbiteriana Filadélfia (na esquina das ruas Goitacazes e Niterói), em meados da década de 1950, quando o menino passara a frequentar aquele templo



Arquivo Ana Russo

Arquivo Ana Russo

Família reunida no quintal da casa da Rua Conceição, onde Ana Russo mora até hoje. Em pé estão os seus irmãos Renato, João, Mário, Salvador e Vicente. Sentados, Braz (irmão), José Antonio (pai), Tomazina (mãe) e Leonor (cunhada). Abaixo, Antonio (irmão), Ana (com 10 anos de idade), Fernando (sobrinho) e Maria Francisca (irmã). Foto de 1942



Ana Russo recebendo seu diploma em piano na formatura do Conservatório Musical Heitor Villa-Lobos, ocorrida na Universidade Mackenzie em 27 de abril de 1963

em companhia da mãe, que se convertera ao protestantismo. Ana, que fora batizada e fizera a Primeira Comunhão conforme os preceitos da religião católica, tomou contato com a Igreja Presbiteriana em Jacutinga (MG), quando visitava a casa de sua tia em mês de férias. Adveio seu interesse do ardente desejo de conhecer mais sobre os mistérios que a religião encerra: na Igreja Presbiteriana se celebrava e se lia a Sagrada Escritura em português, enquanto na católica ainda eram rezadas as missas em latim (situação que só mudaria após as reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II, em

1962-1965). Despertou também seu interesse a vontade de aprender música para tocar na igreja, como de fato acabaria por fazer: Ana foi organista da Igreja Presbiteriana por oito anos e, posteriormente, da Igreja Metodista, durante outros 15 anos.

A amizade com Zezinho Martins, como carinhosamente a ele se refere, começou na Igreja Filadélfia pelo convívio de Ana e seus irmãos com aquele jovem,

que por volta de seus 15 anos lhe dissera: “São Caetano tem uma história. E deve ser muito bonita. Eu vou estudar a história de São Caetano”. Dito e feito, Martins vasculhou incansavelmente os arquivos até escrever e publicar, com apenas 17 anos de idade, seu primeiro livro: *São Caetano do Sul em Quatro Séculos de História*, cujo exemplar com dedicatória Ana guarda até hoje, assim como vários outros livros

do autor e os cartões-postais natalinos religiosamente enviados, todos os anos, pelo rapaz inteligentíssimo que ela conhecera na igreja, e com o qual mantém o sublime vínculo do afeto.

A música da jovem Ana adquiriu um colorido próprio nesse contexto de sua vida. De atividade quase obrigatória em sua formação, passou a ocupar o centro de suas atenções. Num casa extremamente musical, proveniente de uma geração que cultivava o prazer e o valor da música, aquela menina fora logo e naturalmente introduzida nas primeiras lições com seus irmãos, vizinhos e professores particulares, como Mário Previato e o grande mestre Carlos André Wacyk, organista da Igreja Luterana de São Paulo. Na altura dos seus 20 anos de idade, quando ganhou um piano e pôde intensificar seus estudos em casa, Ana decidiu que não lhe bastava aprender a tocar o instrumento; ela precisava de um pouco mais de teoria, pois desejava saber *ler a música*.

É assim que ingressa no Conservatório Musical Heitor Villa-Lobos, na capital paulista, onde se formará em piano clássico no ano de 1962. Sua solenidade de formatura ocorreu no auditório da Universidade Mackenzie, na Rua Maria Antônia, no dia 27 de abril de 1963, ao som da *Dança Húngara Nº 6*, de Johannes Brahms, executada simultaneamente em quatro pianos de cauda e a 16 mãos, entre as quais estavam as da formanda Ana Russo. Logo depois de formada, será convidada para lecionar no Conservatório Musical de São Caetano do Sul, primeira escola de seu gênero a funcionar na cidade, desde que foi fundada em 1959 pela professora Cleusa Elias Corrêa. Ana fez também seus estudos de aperfeiçoamento com o grande professor Moura Lacerda, “um gênio na música”, segundo suas palavras.

No Conservatório de São Caetano Ana trabalhou durante cerca de cinco anos e já nessa época lecionava em sua casa. Assim se fez a professora de piano que há várias décadas mi-

nistra aulas particulares para alunos de diferentes faixas etárias e níveis de conhecimento musical. Ela conta que já chegou a ter 38 alunos estudando em sua residência. Como as aulas são individuais, a professora desenvolveu o hábito de convidar seus alunos para reuniões de confraternização no final de cada ano, guardando com carinho o álbum de fotos de alguns dos muitos encontros realizados. Para Ana, ser professora de música é uma paixão que vai muito além do ensino do instrumento: “Eu educo através da música! É isso o que eu faço. Eu amo a música, amo dar aula, amo as pessoas! Desde criança até adulto. E pode parecer que eu ensino só música, mas não... É preciso também estudar o aluno para saber como eu vou dar aula, como eu vou usar as palavras e fazê-lo entender uma matéria complicada”.

São muitas as histórias que povoam a mente de uma professora dedicada ao seu ofício, que ela exerce com a maestria de uma pianista e, sobretudo, com o olhar perspicaz de uma educadora sensível às particularidades de seus alunos, dos quais muitas vezes se fez amiga e confidente. A respeito de sua filosofia de vida, talvez possamos tomar de empréstimo algumas palavras do alemão Friedrich Nietzsche, um filósofo músico (ou um músico filósofo?), que em seu *Crepúsculo dos Ídolos* ponderou: “Quão pouca coisa é necessária para a felicidade! O som dum gaita. — Sem música a vida seria um erro. O alemão até concebe o próprio Deus prestes a cantar canções”.¹ ■

¹ NIETZSCHE, Friedrich. W. *O Crepúsculo dos Ídolos ou A Filosofia a Golpes de Martelo*. Curitiba: Hemus, 2001. Tradução de Edson Bini e Márcio Pugliesi. Obra consultada em: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/NIETZSCHE-F.-O-Crep%C3%BAsculo-Dos-%C3%BDolos.pdf>

Rodrigo Marzano Munari é historiador. Bacharel, licenciado e mestre em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), onde atualmente é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social. É autor do livro *Deputados e delegados do poder monárquico: eleições e dinâmica política na província de São Paulo (1840-1850)*, publicado pela Editora Intermeios em 2019. Membro da Comissão Pró-Memória Histórica da Diocese de Santo André e colaborador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, atua na área de pesquisa.

Vicente Mezadri e o empreendedorismo hoteleiro em São Caetano do Sul

 Cristina Ortega

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Vicente Mezadri durante entrevista na sede da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em setembro de 2019

VICENTE MEZADRI nasceu em 2 de outubro de 1938, em São Caetano do Sul. Sua família veio do interior de São Paulo por volta de 1935, durante o governo de Getúlio Vargas, em busca de um futuro promissor na cidade. Seu nascimento aconteceu no fundo do quintal de uma modesta ca-

sa na Rua 28 de Julho, nº 26, no Bairro da Fundação, onde também passou sua juventude. Seu pai se chamava Gutembergue Mezadri e sua mãe Prescila Bruno Mezadri. Ela ajudava com as despesas da casa trabalhando como lavadeira e passadeira para a família de um comerciante, seu vizinho, João Perrella. O pai de Vicente Mezadri começou a trabalhar nas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, mas também fazia alguns trabalhos eventuais, os chamados “bicos”, para aumentar sua renda, abrindo fossas e esgotos.

Mezadri trabalhou, desde criança, ajudando a mãe, lavando as louças e panelas. Também entregava marmitas, quando caminhava longas distâncias. Às vezes, ganhava uma moeda de seu pai ou um pedaço de bolo da

dona de uma padaria que ficava em frente à Igreja São Caetano, que o chamava para limpar seu quintal.

Estudou no Grupo Escolar Senador Fláquer e no Ginásio Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. No período noturno começou a trabalhar com seu pai, que se adoentou quando já trabalhava na General Motors. Depois a família se mudou para o nº 31 da mesma rua e lá seu pai montou um pequeno comércio, uma quitanda. Comprava as frutas de um depósito da Rua Alagoas, que as entregava com uma carroça. Como a casa era próxima à portaria da Matarazzo, os funcionários passavam diante da quitanda com frequência. Como havia vários turnos de trabalho, o pai viu ali a oportunidade de aumentar seus negócios, passan-

do a vender pequenos lanches para esses trabalhadores.

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, por volta de 1950, houve um novo movimento de imigração de italianos para o Brasil. São Caetano recebeu diversas famílias. Os imigrantes que passaram a frequentar a quitanda começaram a reclamar que não havia onde comprar comida e da dificuldade que tinham para preparar sua alimentação. Foi então que a mãe de Mezadri, Dona Boneca, como era conhecida, que também tinha ascendência italiana, resolveu organizar uma macarronada para os conterrâneos em um domingo. Todos ficaram muito contentes com o evento e, percebendo as suas habilidades culinárias, os italianos pediram que ela continuasse servindo refeições. Foi assim que nasceu, no local, um pequeno restaurante.

A propriedade da Rua 28 de Julho, onde funcionavam a quitanda e o restaurante, foi uma das primeiras edificações a serem construídas em São Caetano, onde morou, inclusive, Victorio Dal'Mas (que construiu o Edifício Vitória) quando chegou da Itália. Em pouco tempo, o Bar e Restaurante Santo Antonio funcionava como bar, mercearia, quitanda, restaurante e lanchonete.

Os pais e os quatro irmãos trabalhavam juntos, com a mãe, que atuava na cozinha. Em pouco tempo seu pai fez um “pé de meia”, à custa desse trabalho cansativo, que começava às 4h da manhã e ia até às 22h. Seu pai então comprou um terreno na Rua Ceará, que na escritura, curiosamente, constava como tendo sido doação do Imperador Dom Pedro II aos primei-

Acervo/Vicente Mezadri



Retrato de Vicente Mezadri em 1º de julho de 1970

Acervo/Vicente Mezadri



Gutemberg Mezadri e Precila Mezadri, pais de Vicente Mezadri, em foto de 1990

Acervo/Vicente Mezadri



Vicente Mezadri, (à esquerda) aos 10 anos de idade, com seu primo Manfredo Mezadri, durante passeio ao Jardim da Luz, em 1948



Entrada do Hotel Imperial, na Rua Rio Grande do Sul. Na imagem, vemos o proprietário, Vicente Mezadri, em foto de 1992

Arquivo Vicente Mezadri

Arquivo Vicente Mezadri



ros colonos que aqui chegaram no início da colonização. Nessa propriedade, ele construiu sua casa e nos fundos fez 12 quartos, que alugava para funcionários da Matarazzo.

Em 1957, Gutemberg Mezadri se aposentou e passou a direção dos negócios para os filhos, mudando-se para uma chácara em Mauá. Com o passar do tempo, como o empreendimento estava dando certo, os irmãos compraram uma propriedade vizinha e fizeram uma hospedaria com 40 quartos. Nesse momento, entre os anos de 1957 e 1960, o interesse pela hotelaria foi despertado em Mezadri, que começou a frequentar diversos cursos na área. Nesse período, casou-se com Maria Joaquina Mezadri e

Fachada do edifício onde se encontra o Hotel Imperial, na parte superior, em foto de 1992. Está localizado na Rua Rio Grande do Sul, esquina com a Rua Baraldi. Neste mesmo edifício, na parte superior, funcionou a primeira sede da prefeitura de São Caetano do Sul

começou a administrar o negócio da família. Em frente à hospedaria, montou um pequeno estabelecimento, que funcionava como bar e mercadinho.

Era o ano de 1969 e a ideia de construir um hotel na cidade começou a aflorar em Mezadri. Não havia nenhum empreendimento do tipo em São Caetano. Com o fechamento da Matarazzo, a propriedade da

família localizada na Rua Ceará foi vendida. A solução foi alugar de Arthêmio Lorenzini, comerciante de grande presença na cidade, um prédio com sete salas, na Rua Alagoas, que seria transformado em um hotel com 12 quartos. Nascia o Poty, seu primeiro hotel, inaugurado em 2 de outubro de 1969. Vicente Mezadri desempenhava todas as funções, de porteiro a camareiro.

Após o primeiro ano de inauguração do Hotel Poty, Mezadri pensou em expandir seu negócio. Alugou o piso superior de um prédio na Rua Rio Grande do Sul, nº 191, na esquina com a Rua Baraldi, onde havia funcionado a antiga Delegacia de Polícia. No térreo estava instalada a Casa do Pão de Queijo, recém-inaugurada. No local, uma reforma transformou dez salas em seis apartamentos com banheiro e mais quatro quartos. Nascia, então, em 1970, o Hotel Imperial. Nesse período, o Hotel Poty foi arrendado por um de seus empregados.

Próximo da estação de trem de São Caetano, Mezadri comprou um imóvel, na Rua Serafim Constantino, nº 140. O terreno tinha 7x70 metros, com um pomar com mais de 20 tipos de frutas ao fundo. No canto do terreno havia uma acácia, uma árvore grande e frondosa, cuja muda veio da Itália. E assim surgiu o nome do terceiro empreendimento, o Hotel Acácia, com 60 quartos, inaugurado em 28 de julho de 1992. Atualmente, com padrão três estrelas, é administrado pelas mulheres da família.

Hoje, Vicente Mezadri se dedica a gerir sua empresa de construção e administração imobiliária e, com sua esposa, não deixa de aproveitar as viagens para o exterior, fazendo peregrinações rotineiras a Santiago de Compostela, na Espanha. ■



Acervo/Vicente Mezadri



Cartões de visitas do Hotel Poty e do Hotel Imperial



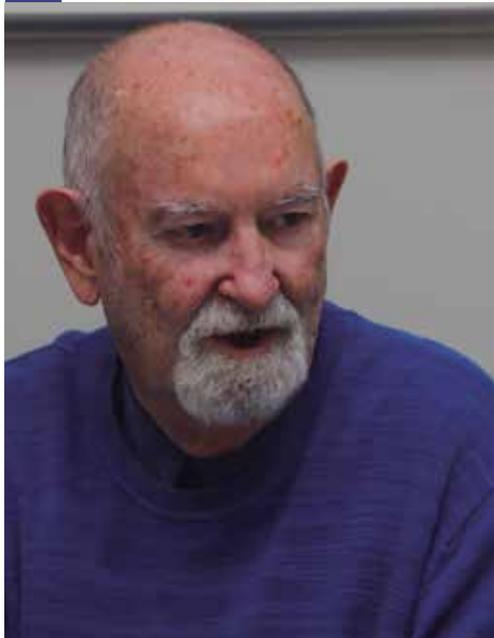
Vicente Mezadri e sua esposa Maria Joaquina rodeados pelos netos. Em pé, da esquerda para a direita, vemos: Pedro Vicente, Thales, Luccas Thiago e Heitor. No colo, Dimitry e Alexander. Foto de 2004

Cristina Ortega é pedagoga e advogada. Atualmente é colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, atuando na área de pesquisa, e membro de sua Comissão Editorial. É organizadora do livro *São Caetano em Crônicas*, editado em 2018 pela Fundação Pró-Memória.

Computadores, cálculos, lousa e a vida

Arnaldo Salvo Conceição em depoimento à Fundação Pró-Memória em outubro de 2019

Foto/Ari Tonon (FPMSCS)



AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DOS DIAS ATUAIS estão acostumados a contar com todo aparato tecnológico ao alcance das mãos. Costuma-se dizer, em tom de galhofa, que ao nascerem já sabem operar celulares, *tablets* e outros dispositivos tecnológicos. É claro que há exagero na afirmação, mas o fato é que essas novas gerações

não conhecem e sequer imaginam o mundo sem as atuais maravilhas da informática. Mas houve um tempo em que a tecnologia e os computadores não eram como conhecemos hoje, quando cabem quase na palma da mão. Eram máquinas que ocupavam salas inteiras e não tinham a função de entreter e sim de calcular, auxiliar nas ciências exatas, na otimização de serviços e até em grandiosas tarefas, como o velho sonho da humanidade de conquistar a Lua nos tempos da Guerra Fria.

Os jovens de outrora frequentavam uma escola diferente da frequentada pela garotada de hoje. Antigamente havia até salas de aula separadas. Meninos estudavam só com meninos, e meninas, só com meninas. O ensino fundamental era o primeiro grau, dividido em primário e ginásial, o médio era o segundo grau, também conhecido como colegial. Todo dia se cantava o Hino Nacional

e se aprendia disciplinas hoje extintas como Organização Social e Política do Brasil (OSPB).

Nosso personagem foi atuante nessa era da computação e da educação. Mas não somente dela. É também filho de um vereador eleito no pleito de 9 de novembro de 1947 para a legislatura iniciada em 1948, pelo então subdistrito de São Caetano, e que se posicionou contra o movimento por sua emancipação político-administrativa, em 1948. Entre autonomia, programação, números, giz e lousa, eis o matemático e professor Arnaldo Salvo Conceição.

Nascido em 30 de novembro de 1937, em São Caetano, é filho de Rosa Salvo Conceição e de Odilon Conceição. Seu pai era proprietário de um açougue na esquina das ruas Amazonas e Niterói e foi vereador eleito no pleito de 9 de novembro de 1947 para a legislatura iniciada em 1948, sendo um dos edis que se opuseram à



Visita do prefeito Oswaldo Samuel Massei (o primeiro, à esquerda) ao Cenpes, em 1970. Arnaldo Salvo Conceição é o terceiro, da esquerda para a direita

Nosso personagem foi atuante nessa era da computação e da educação. Mas não somente dela. (...)

autonomia. “Ele tinha muita amizade com o prefeito de Santo André, na época, Antônio Fláquer, por isso tomou essa posição”, explica, a título de registro histórico.

Começou a trabalhar cedo no comércio da família e concluiu os estudos no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul (Iescs). Logo após, por influência de um professor, se formou em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências

e Letras de São Bento, na época incorporada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).

Contratado em 1964 pelo então Instituto de Energia Atômica (IEA), ligado à Universidade de São Paulo, e, atualmente, chamado de Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen), órgão gerido técnica e administrativamente pela Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), o jovem Salvo Conceição tem seus primeiros contatos com a computação.

“Ao iniciar meu trabalho lá, para entrar no setor de cálculos, fiz um curso de *Fortran* que é uma linguagem de programação de computador utilizada em análises numéricas. Os primeiros que chegaram ao Brasil, da IBM, o utilizavam”, diz.

Em 1965, após sair do IEA, Salvo Conceição lecionou Matemática em diversos colégios em São Paulo e em São Caetano, no

Ginásio Marcondes Machado (1965), a volta ao Iescs, agora como professor (1967), e na Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho (1968).

“Nessa época de Bonifácio, comecei a dar aulas em universidades levado por amigos. A princípio na Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais de São Caetano do Sul (posteriormente Instituto Municipal de Ensino Superior – Imes -, e atual Universidade Municipal de São Caetano do Sul- Uscs) e depois na Faculdade de Economia e Cultura do ABC (posterior UniABC e atual Anhanguera)”.

Com a educação e a computação sempre presentes em sua vida graças à matemática, que interligava as duas áreas, em 1970, Arnaldo Salvo Conceição participa, ao lado de uma pioneira equipe, de um projeto inovador: a informatização da prefeitura de São Caetano.



Parte da equipe inicial do Cenpes, em 1971. Foram identificados, a partir da esquerda: Alvacir Maia Norte, Antonio Siciliano, João Barile Neto, Arnaldo Salvo Conceição, Altevir Anhô, Sergoli e Carlos Alberto Botelho

“Tive um grande amigo em minha vida, Oscar Garbelotto. Em um determinado dia no início de 1970, quando estava em aula, ele me avisou que a prefeitura havia comprado um computador da marca NCR para informatizar alguns serviços como a cobrança de impostos, folha de pagamento, e me convidou para fazer o teste para operar a máquina”, relembra.

A prova era restrita a estudantes e profissionais da área. Após rigorosa seleção, passou-se a um curso específico da linguagem de programação do computador, chamada de NEAT. Entre os selecionados, além de Salvo Conceição, estavam, entre outros, Altevir Anhô e Laércio Pasqualetto.

Assim sendo, em abril de 1970, é criada a autarquia municipal chamada Centro de Pesquisa e Processamento de Dados (Cenpes), localizada dentro do campus do então Imes. Salvo Conceição é nomeado seu diretor-superintendente, permanecendo no cargo até o final de 1972, quando resolve ajudar o pai em seu comércio (nessa época não mais um açougue e, sim, uma serraria). “Foi uma

importante época de muito trabalho com uma equipe jovem, mas muito experiente. Participamos do processo de informatização de diversos setores da prefeitura e até exportamos nosso conhecimento para outras cidades”, relembra.

No final dos anos 1970, Arnaldo Salvo Conceição continuava sua bem-sucedida carreira de professor. Na época, lecionando em universidades e colégios. Em conversa com dois amigos, também docentes, Alberto Bartoli e Úmile Calasso Sobrinho, veio a ideia de se criar uma escola de ponta na região do ABC. Passado um ano de planejamento, estruturando a nova escola e com a vinda de mais dois amigos (Luiz Gonzaga Bicudo e Paulo Boldrini), é fundado o Colégio Quarup, em São Caetano do Sul, na Rua Marechal Deodoro, no Bairro Santa Paula. “O Quarup foi uma experiência e tanto. Foram anos e anos levando modernas práticas de ensino, metodologias educacionais de vanguarda e, sem dúvida, figurando como uma das melhores escolas de São Caetano e da região”, afirma.

A trajetória do colégio é marcada por sucesso e duraria décadas, inclusive com sua expansão para diversas faixas de ensino e a inauguração de mais um prédio, dessa vez em Santo André. Entretanto, com divergências entre os sócios, Salvo Conceição acabou, com o tempo, administrando a unidade santo-andreense e, posteriormente, vendendo-a, já nos anos 1990.

E quem diria que já com quase 60 anos, o professor voltaria para a sala de aula, munido de giz e apagador, para ensinar a alunos no ensino fundamental? Foi durante sua estada em Bragança Paulista, no interior de São Paulo que isso aconteceu. Por 20 anos, Salvo Conceição morou na cidade e prestou concurso para lecionar na rede estadual de ensino.

De volta ao ABC há cinco anos, atualmente mora sozinho em Santo André. Tem quatro filhos (três seguiram seu caminho e estão na área da educação) e seis netos. Aposentado, passa seus dias em leituras e não desgruda do *tablet* onde, por meio de aplicativos, pratica a memória em cálculos e palavras cruzadas.

E como um dos integrantes de um outro conceito de computação vê hoje o advento dos dispositivos móveis, da internet e de toda a interatividade proporcionada? “Vejo com ressalvas. Acho que pode trazer junto do entretenimento muita carga negativa. É necessário saber dosar. Viver a vida real, sempre”, ensina. **(Caio Bruno) ■**

Acervo Luiz Antonio Poveda Martin

COM UMA MÁQUINA FOTOGRÁFICA modelo *Kapsa* em mãos, os jovens irmãos Francisco Carlos Poveda Martin e Luiz Antonio Poveda Martin percorreram as ruas de São Caetano no final da década de 1960 e fizeram belíssimos registros da cidade. As fotografias foram agrupadas em um álbum que até os dias de hoje faz parte do acervo da família.



Francisco Carlos Poveda Martin e Luiz Antonio Poveda Martin na frente da residência da família, que ficava na esquina das ruas José Benedetti e Rafael Correia Sampaio



Igreja Matriz Sagrada Família, na Praça Cardeal Arcoverde, na década de 1960



Edifício Di Thiene, localizado na Rua Monte Alegre, visto da Rua Manoel Coelho. Foto da década de 1960



Reservatório de água da Rua Oswaldo Cruz na década de 1960

Acervo Oswaldo Hernandez

OSWALDO HERNANDEZ, autor destas imagens, é publicitário e atua como fotógrafo profissional desde 1978. Trabalhou na área de perícia criminal por sete anos e ainda prestou serviços para o *Jornal da Tarde*. Já participou de diversas mostras coletivas e individuais e atualmente atua na área de moda e propaganda. Também é professor de fotografia da Universidade Metodista de São Paulo, desde 2005.

“Quando fiz as fotos, no final dos anos 1960, eu ainda não era fotógrafo de profissão. As fotografias foram feitas com uma câmera amadora da marca *Certo-Phot*. Até 1977, trabalhei como escriturário em empresas de São Caetano e, em 1978, iniciei a carreira de fotógrafo, como quase todos começam, fotografando casamentos, batizados e outros eventos.”

Oswaldo Hernandez



Rua Paraíba, no Bairro Centro, em 1968



Rua Oswaldo Cruz em 1967, quando a via ainda era de mão dupla. A casa, no primeiro plano, à direita, era de uma família de imigrantes italianos



Vista da Avenida Goiás, da perspectiva do então Paço Municipal, em 1968. A via à esquerda é a Rua Rio Grande do Sul

Acervo Telma Gonçalves Martin

MANUEL MARTIN MARTIN, autor das fotos abaixo, era tio do fotógrafo Oswaldo Hernandez. Já falecido, nasceu em Granada, na Espanha. Eletricista, morava na Vila Carrão, e visitava com frequência a família de sua irmã Antonia (mãe de Hernandez), que morava na Rua Manoel Augusto Ferreirinha, em São Caetano. A família toda (a esposa Maria e os filhos Rubens, Renato, Ricardo e Telma) vinha e era uma festa! Martin fez alguns registros fotográficos desta época. Era o único, entre os familiares, que possuía uma câmera fotográfica, a famosa *Kapsa*. Mostramos duas imagens, cedidas por sua filha Telma Gonçalves Martin.

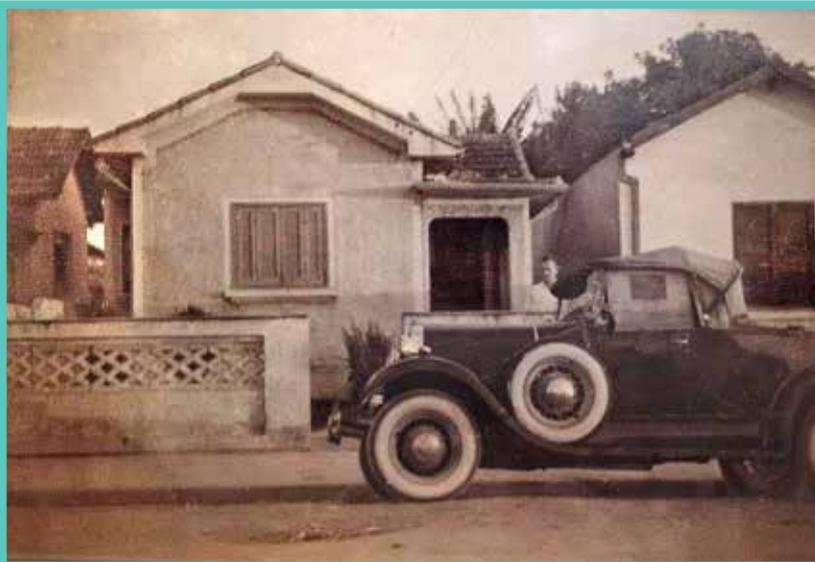


Imagem da Rua Manoel Augusto Ferreirinha, na qual podemos notar as residências da época, com muros baixos, pequenos jardins na frente e, aos fundos, grandiosas árvores. O Ford, ano de 1929, que aparece na imagem, era o xodó de Martin



Outro aspecto da Rua Manoel Augusto Ferreirinha, no Bairro Nova Gerty, em 1957. Ainda sem pavimentação, era uma rua muito tranquila na época. As pessoas que aparecem na fotografia estão se dirigindo à Rua Visconde de Inhaúma, que ficava a dois quarteirões do local da foto

Autonomia 71 anos



Anna Beatriz Moretti Silva
EMEF Anacleto Campanella
3º ano A
Professora: Helena Lombardi

Um sonho chamado São Caetano do Sul

Não era só um grupo de moradores
Eram jovens sonhadores.
Queriam água encanada,
Ruas, escolas, hospitais e calçada.

Sábios e persistentes,
Uniram-se pela liberdade
Numa corrente.
Eita, grupo valente!

Fábricas, chaminés, trabalhadores,
Donas de casa e doutores.
Não queriam mais ser “subdistrito”
Assim, em 24 de outubro de 1948, todos iriam ao plebiscito.

Lá foram, boca a boca, porta em porta, jornal,
Conversa séria, bate-papo informal.
Despertavam a consciência
Transformando o “não e talvez”, em “sim”, com paciência.

E há 71 anos, vencíamos!
Nos tornamos independentes, como queríamos!
A história que devemos guardar,
O que precisamos perpetuar.

Eles trabalhavam sem reclamar,
Jovens lutadores e otimistas
Nunca foram pessimistas.
Toda honra e glória
Aos nossos autonomistas! ■

Mais uma vez publicamos os trabalhos premiados com os primeiros lugares do concurso de redação *História da Autonomia*, promovido pelo Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama), para celebrar a emancipação de São Caetano, com apoio da Prefeitura Municipal, da Secretaria Municipal de Educação e da Fundação Pró-Memória.

Neste ano, para comemorar os 71 anos da data, reproduzimos, nesta edição, as redações vencedoras dos primeiros lugares, nas categorias Fundamental I - Poema; Fundamental II e EJA – Crônica; e Escola de Idiomas - Crônica.



Alessandro Nogueira de Lima
3º ano – Curso de Português
Escola Municipal de Idiomas
Paulo Sergio Fiorotti
Professora: Kátia Valéria
Gomes de Souza

História da Autonomia de São Caetano do Sul

NO INÍCIO DO SÉCULO 20, o que é hoje conhecido como São Caetano do Sul, era apenas um subdistrito da cidade de Santo André. O movimento pró-emancipação foi formado por inúmeros indivíduos (95 pessoas), entre eles homens e mulheres, os quais não estavam satisfeitos com os efei-

tos da má gestão da região da qual faziam parte.

Um pouco antes da autonomia, no dia 28 de julho de 1946, teve início a divulgação do *Jornal de São Caetano*, que foi um importante veículo das reivindicações a favor das melhorias locais e do ideal autonomista. Dois anos depois, no dia 24 de outubro de 1948, realizou-se o plebiscito que concedeu a autonomia político-administrativa a São Caetano.

Explicando com mais detalhes como se desenrolou esse processo, a luta pela autonomia do pequeno subdistrito foi organizada contra os “chapa-pretas”, pessoas que tentaram impedir que a região se tornasse um município independente e próspero.

Há 71 anos, no mês de outubro, São Caetano do Sul conseguiu se emancipar de Santo André por meio de um movimento que teve apoio de todos os setores da sociedade. Vale enfatizar que as instituições mais influentes da pequena cidade também estavam presentes para ajudar nesse processo tão árduo e, às vezes, tão desencorajador!

É importante observar que antes de São Caetano do Sul conquistar sua autonomia, havia uma grande preocupação dos moradores com os rumos que a administração do até então segundo subdistrito de Santo André estava tomando, pois a população da cidade estava crescendo desordenadamente e, além do mais, os

loteamentos estavam esgotando os espaços de um pequeno território de aproximadamente 15 quilômetros quadrados.

Com o crescimento da população, outros problemas mais sérios emergiram. De fato, nessa época surgiram algumas necessidades, como por exemplo, a falta de hospitais, de pavimentação, de água, de esgotos e de escolas. Além dessas necessidades, havia também o desejo dos moradores de que fosse edificado um jardim arborizado, onde os mesmos pudessem usufruir de alguns momentos de lazer e diversão.

Enquanto esses problemas se agravavam, consolidava-se um movimento a favor da autonomia, encabeçada por estudantes que não só pretendiam editar um jornalzinho, mas também queriam mobilizar essas pessoas importantes da sociedade, pessoas influentes que pudessem dar condições financeiras em favor da emancipação do pequeno subdistrito.

Vale ressaltar que, na época, essa região, que ainda sonhava se tornar uma cidade próspera, era oprimida pela administração de uma cidade grande que submetia os seus moradores a uma condição precária; que não demonstrava qualquer interesse em melhorar a situação lastimável da população.

Mário Porfírio Rodrigues, Walter Thomé, Luiz Rodrigues Neves, Ítalo Dal’Mas e Ettore

Dal’Mas, na época ainda estudantes de contabilidade, foram os principais líderes do movimento e de uma luta que só poderia ganhar força através do dinheiro e de influências.

A saída para resolver esse impasse foi a publicação de um jornalzinho para São Caetano do Sul, uma ideia interessante, cujo objetivo era colocar em planos os seus ideais de emancipação. Outras ideias foram cogitadas, como campanhas, promoções, lista de colaboradores financeiros, festas, livros de outros autores e tudo o que pudesse gerar lucro.

No entanto, outra ideia, por fim, prevaleceu: a de procurar os grandes clubes da cidade (o Esporte, o Comercial, o Lazio e o Cruzada), a fim de exibir, no jornal, o noticiário sobre as suas atividades, tais como jogos de futebol, festas e reuniões. Então, o passo inicial para a realização dessa empreitada ambiciosa se deu quando montaram um boneco muito bem elaborado, cujo intento era mostrar aos diretores dos quatro clubes como forma de divulgar as suas atividades.

O resultado desse projeto foi a aprovação dada pelos dirigentes dos clubes. Embora houvesse aplausos e apoio dos dirigentes, os jovens não conseguiram obter o mais importante: dinheiro para impulsionar o andamento do projeto.

Apesar de tantas dificuldades, os jovens continuaram na

luta, pois estavam firmes nos seus propósitos. Ademais, estavam profundamente descontentes com o espírito de engano e demagogia que pairava sobre a cidade. Em época de eleições, o que percebiam era um jogo de interesses (um dia, por exemplo, a prefeitura mandou encher as ruas com paralelepípedos e depois, quando a época de eleição havia terminado, mandaram recolher os materiais). Enquanto isso, a população sofria com a ausência de condições dignas para viver.

É imprescindível salientar, como bem afirmou recentemente Mário Porfírio Rodrigues numa reunião promovida pela Fundação Pró-Memória, que todo o movimento pró-autonomia de São Caetano do Sul estava centralizado num jornal de grande impacto e de ótima divulgação, onde constavam 95 autonomistas que lutavam em prol da existência de uma nova cidade (um jornal que hoje já não existe mais).

Mesmo com tantas reações contrárias, que tentavam desacreditar no talento dos jovens estudantes (muitos os acusaram de comunistas com o objetivo de enfraquecer a credibilidade do movimento), o jornal cada vez mais ganhava força, de modo que conquistava o coração de pessoas influentes da sociedade. E os resultados não paravam de ser favoráveis a eles, como o recebimento de diversas

adesões vindas de homens tão importantes!

A criação do primeiro bloco do hospital da cidade e, em seguida, a autonomia que deu a São Caetano do Sul o nome de município, como bem disse Luiz Rodrigues Neves (um dos fundadores do jornal da cidade), foram os grandes triunfos dos líderes pró-emancipação, triunfos esses obtidos graças à perseverança e à perspectiva visionária de tais pessoas que lutaram em prol do movimento; sem deixar de considerar as inúmeras tentativas permeadas por erros e acertos. No entanto, vale lembrar que tais conquistas também foram fomentadas graças à ajuda do povo e ao auxílio das indústrias mais promissoras da época.

Luiz Rodrigues Neves afirma também que, ao lado de Walter Thomé e Mário Rodrigues, fundou o *Jornal de São Caetano*, na ânsia de fazer algo pela cidade. Mas como não havia dinheiro, tinha urgência de que o jornal pudesse atingir a sensibilidade da população, alimentada pela esperança de uma cidade próspera e autônoma. Até que um dia, com o apoio dado pelo governador Adhemar Pereira de Barros, o sonho de uma cidade emancipada se transforma em realidade. A mobilização produziu 5.197 assinaturas que foram enviadas à Assembleia Legislativa, na qual foi solicitado um plebiscito. E em 1948,

através de muita união e luta, Santo André perde parte de sua jurisdição, tendo então que reconhecer a autonomia de São Caetano do Sul.

É fascinante pensar na alegria e na emoção daqueles jovens estudantes, segurando o jornal de São Caetano do Sul, o jornal de uma cidade recém-emancipada. Foi, sem dúvidas, um grande sonho realizado, um sonho que parecia que nunca iria se concretizar, até porque uma grande quantidade de dívidas e de compromissos foram assumidos numa época em que só havia oposições e, ainda, aquela ausência de interesse por parte de muitas pessoas que só se importavam em manter um jugo pesado sobre o pequeno distrito.

Hoje, após esse marcante acontecimento impulsionado pelo anseio emancipatório de uma parcela da sociedade, São Caetano do Sul é uma das cidades mais prósperas do ABC, com um dos melhores índices de desenvolvimento humano entre as cidades do Estado de São Paulo e do Brasil. De 1948 até 2019, a menor cidade da região foi capaz de desenvolver uma grande vocação para a indústria, bem como para o comércio. Além do mais, é uma cidade que tem se desenvolvido nos serviços da educação e da saúde, o que faz de São Caetano do Sul um município com ótima qualidade e expectativa de vida. ■



Laura Gouveia
Nunes de Sousa
9º ano B
EMEF Senador Fláquer
Professora: Sandra Bertol

Uma senhora escola observando o nascimento de uma encantadora cidade

ANTES MESMO DE TUDO ACONTECER, ela já estava aqui espiando tudo por suas janelas altas e construção antiga...

Viu a população do, até então, segundo subdistrito de Santo André crescer, desgovernadamente, além de se preocupar com os rumos de uma administração precária e esgotamento de loteamentos de um pequeno território de aproximadamente 15 quilômetros quadrados próximo à capital.

Foi notando a falta de hospitais, de esgotos, de pavimentação e escolas. Moradores com desejo de lazer e de uma cidade edificada e arborizada. Por volta de 1940, observou um novo movimento surgir: um grupo a favor da autonomia, organizado por estudantes que notavam os problemas, mas queriam mobilizar e conquistar a ajuda de pessoas influentes e financeiramente bem-sucedidas na batalha pela emancipação do pequeno subdistrito, ignorado e oprimido por uma administração que não se importava em melhorar as condições da população.

Leu a primeira edição do jor-

nalzinho de São Caetano do Sul, publicado pelos estudantes líderes do movimento com o objetivo de mostrar suas ideias de emancipação. Buscaram, então, outras ideias e a que prevaleceu foi a de procurar os grandes clubes da cidade, que logo conquistou a aprovação e apoio dos dirigentes. Mas o dinheiro necessário ainda não havia sido adquirido.

Enquanto as eleições aconteciam, observou o jogo de interesses de quem queria votos, enquanto a população ainda sofria com a ausência de boas condições para viver. Por outro lado, mesmo com as reações contrárias, o jornal tomava cada vez mais força e as adesões iam crescendo, ganhando força e tornando a emancipação cada vez mais próxima.

Observou a criação do primeiro bloco de hospital da cidade. Pouco tempo depois, pôde ver e sentir bem de pertinho, no dia 24 de outubro de 1948, São Caetano do Sul finalmente se emancipar de Santo André com um plebiscito e todo o apoio da sociedade.

Daí para frente viu a cidade prosperar e crescer, novos bairros surgirem e suas escolas vizinhas nascerem. Na década de 1980, surgiu o início de um processo de reurbanização e de um planejamento paisagístico, reformando e revitalizando prédios públicos, além do surgimento de um conjunto de obras de infraestrutura. Tudo isso proporcionou ao município a possibilidade de apresentar índices que atestam a qualidade

de vida de sua população e seguem conquistando atualmente premiações sobre a entrega de uma boa qualidade de vida para a população.

Já na década de 2000 sentiu-se orgulhosa dos atletas de sua cidade conquistando medalhas em competições como os jogos olímpicos e pan-americanos, confirmando ao município sua condição de potência nos esportes.

Dez anos depois, São Caetano do Sul debruçou-se sobre a meta de promover um desenvolvimento econômico e sustentável, o que lhe promoveu destaques como a permanência no topo do ranking dos municípios brasileiros com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), menor índice de mortalidade infantil da região, maior taxa de inclusão digital do Brasil, única cidade brasileira com 100% do esgoto coletado e tratado, 100% do lixo recolhido e 100% das residências com abastecimento de água.

Com quase 100 anos, a escola Senador Fláquer, primeiro colégio do município, observa os 71 anos da autonomia de São Caetano com muito orgulho. É claro que ainda há o que melhorar, como por exemplo, as enchentes de seu bairro. Mas isso, assim como podemos notar na história e prosperidade da cidade, pode ser melhorado com a parceria da população e da prefeitura, mantendo e melhorando nossa cidade para continuar sendo uma das melhores do Brasil. ■

Galeria dos prefeitos de São Caetano



1949 **1953**

Ângelo Raphael Pellegrino



1953 **1957**

Anacleto Campanella



1957 **1961**

Oswaldo Samuel Massei



1977 **1982**

Raimundo da Cunha Leite



1982 **1983**

João Dal'Mas



1983 **1988**

Hermógenes Walter Braido



1989 **1992**

Luiz Olinto Tortorello



2005 **2008**

José Auricchio Júnior



2009 **2012**

José Auricchio Júnior



2013 **2016**

Paulo Nunes Pinheiro



2017 **2020**

José Auricchio Júnior



1961 1965

Anacleto
Campanella



1965 1969

Hermógenes
Walter Braido



1969 1973

Oswaldo
Samuel Massei



1973 1977

Hermógenes
Walter Braido



1993 1996

Antônio José
Dall'Anese



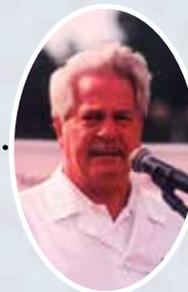
1997 2000

Luiz Olinto
Tortorello



2001 2004

Luiz Olinto
Tortorello



2004

Sílvio Torres

Com o falecimento de Tortorello, no dia 17 de dezembro de 2004, o seu vice, Dr. Sílvio Torres, cumpriu o restante do mandato

Com a obtenção da autonomia política, por meio do plebiscito de 24 de outubro de 1948, São Caetano do Sul foi elevado ao *status* de município, e passou a realizar eleições para a escolha de prefeito e vereadores.

Ao longo dos seus 71 anos como município autônomo, São Caetano teve os seguintes prefeitos, aqui elencados cronologicamente, de acordo com os períodos de seus respectivos mandatos. Para os que se interessam por dados históricos e pontuais sobre a cidade, eis uma oportunidade de acesso a uma curiosa e importante informação. ■

Maria Angélica Ferrasoli e sua caixa de palavras e memórias

Maria Angélica Ferrasoli durante a entrevista concedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, no dia 6 de setembro de 2019

Foto/Antônio Reginaldo Canhori (FPMSCS)



MARIA ANGÉLICA FERRASOLI nasceu em São Caetano do Sul, no dia 14 de julho de 1964. Filha de Antônio Ferrasoli e Maria Sasso Ferrasoli, é jornalista, com uma vasta trajetória profissional trilhada junto a periódicos de renome regional e nacional. O gosto pela escrita, além de ter sido decisivo para a escolha de sua

profissão, despertou também em Angélica o interesse pelo universo literário, transformando-a em uma escritora criativa, sensível e perspicaz. Vencedora, na categoria Literatura Infantil, da edição de 2019 do Prêmio Off Flip de Literatura, que tem lugar na programação da tradicional Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), a sul-são-caetanense Maria Angélica Ferrasoli concedeu, em setembro último, entrevista à Fundação Pró-Memória, ocasião em que pôde compartilhar uma parcela de suas memórias, experiências e conquistas. Na sequência, apresentamos o resultado dessa conversa produtiva e agradável, salientando os seus principais assuntos, trechos e momentos.

Entre São Caetano do Sul e Mauá – A entrevistada relata, descontraidamente, que a sua vida sempre foi um pingue-

-pongue entre São Caetano e Mauá. “Morei, até os 13 anos, mais ou menos, na casa dos fundos dos meus avós, que ficava ali na Rua Urupema. Era uma casa pequenininha, de aluguel.” Com a compra de um terreno em Mauá, para a construção da sonhada casa própria, mudou-se com os pais para aquela cidade. “Em Mauá, morei até os 24 (*anos*), quando eu me casei. Aí eu voltei para São Caetano.” Nesta sua segunda passagem pela cidade, instalou-se, com o marido, em uma casa alugada no Bairro da Fundação, retornando a Mauá, após terem lá adquirido um imóvel. Em 2002, aproximadamente, Maria Angélica voltou para a sua terra natal e, desde então, aqui se encontra.

Na época escolar, frequentou instituições de Mauá e São Caetano, dividindo também a sua caminhada de estudos entre esses dois municípios. Na ci-



Acerca/Maria Angélica Ferrasoli

dade, foi aluna do curso de Secretariado no extinto Instituto de Ensino. Recorda que, em tal período, muitas amizades foram feitas, sobretudo em razão do surgimento de um grupo de teatro do qual passara a fazer parte. Embora tenha apresentado vida efêmera, o grupo em questão marcou uma geração de alunos do Instituto. Com um histórico de três apresentações apenas, foi responsável pela organização de um festival de arte dramática naquela escola, evento que recebera de seus componentes o nome de Fadrama. A sua única montagem foi *Revolução na América do Sul*, de Augusto Boal, texto bastante denso e conhecido no mundo das artes cênicas.

O ingresso no curso de Jornalismo da Universidade Metodista, em São Bernardo do Campo, veio na sequência. Quando questionada acerca da opção por esse curso, Angélica Ferrasoli é

categorica: “Eu fui fazer jornalismo, porque eu gostava de escrever”. E prossegue: “Em 1982, ainda morando em Mauá, eu entrei na Metodista e, ao mesmo tempo, eu arrumei emprego aqui no Jorge Street (*Escola Técnica Estadual – Etec – Jorge Street*), na biblioteca, como assistente da bibliotecária. Em 1985, me formei como jornalista e, de lá para cá, só trabalhei na área”.

A jornalista – Com passagem por periódicos conhecidos na cena da imprensa regional e nacional, Maria Angélica construiu uma carreira sólida, que já registra mais de 30 anos. Trabalhou no *Diário do Grande ABC*, em duas ocasiões, chegando a assinar uma coluna de Educação mantida pelo jornal, a qual se chamava *Sexta Aula*. Foi também colaboradora de revistas como a *Fórum* e a *Carros Amigos*, além de ter editado a *Revista dos Bancários de São Paulo*.

Casamento de Antônio Ferrasoli e Maria Sasso, pais da jornalista e escritora Maria Angélica. Ao fundo, Vanda Sasso. Antônio Ferrasoli era operário e defensor obstinado dos direitos dos trabalhadores. Participou do documentário *Peões*, dirigido por Eduardo Coutinho. Lançado em 2004, o filme concentra o seu enredo nas memórias de metalúrgicos do ABC, personagens anônimos do movimento sindical e das greves de 1979 e 1980

Trabalhou, ainda, em vários sindicatos, como o dos Médicos, o dos Metalúrgicos e o dos Químicos, estando, atualmente, no Sindicato dos Bancários do ABC, cuja sede fica no município de Santo André. Entre suas atribuições, encontram-se tarefas do *métier* jornalístico, como alimentar o site da instituição e elaborar reportagens para o seu respectivo jornal.

Para completar, a jornalista presta também serviços, principalmente no segmento de assessoria de imprensa, ao Comitê Nacional em Defesa das Empresas Públicas, um fórum organizativo que reúne entidades sindicais, classistas e do movimento social.

A escritora – O fascínio pelas letras já era notório em Maria Angélica Ferrasoli desde a fase de sua infância, como expõe: “Eu lembro que ia com os meus pais, às vezes, a um supermercado que tinha perto da estação de trem. (*Nesse supermercado*), tinha uma prateleira pequena com livros. Enquanto eles faziam a compra do mês, eu ficava lá lendo os livros. Era a minha principal diversão”.



Foto tirada na casa dos avós maternos de Maria Angélica Ferrasoli, localizada na Rua Urupema. A partir da esquerda, Francisco Carlos Sasso, Vilma Sasso, José Alonso, Rita de Cássia Alonso, Maria Angélica e sua mãe Maria Sasso Ferrasoli



Cerimônia de formatura do Parque Infantil (atual Emei) Emílio Carlos. Maria Angélica aparece recebendo o diploma do então prefeito Oswaldo Samuel Massei, na ocasião de seu segundo mandato à frente da prefeitura sul-são-caetanense (1969-1973)

Filha única, descobriu na literatura uma preciosa companhia. Da relação estreita estabelecida com o universo literário, pôde aguçar o seu imaginário de criança, transformando-o em campo fértil para as narrativas que criaria no futuro e que fariam dela uma escritora. “Eu gosto de escrever conto, eu gosto de escrever poema (...), mas eu tenho mais facilidade para livros infantis”, assegura Angélica.

A sua safra é, de fato, profícua nesse gênero, tendo, aliás, cinco títulos ainda não publicados. Em 2013, teve o seu livro *A cueca do papai* lançado pelo selo editorial Pingo de Letra, do Grupo Scortecci. A história chegou a ser classificada para o I Prêmio Litterinhas Infantis, promovido pela Litteris Editora.

No tocante ao gênero conto, a sua produção também é bastante significativa. Entre os destacados pela escritora durante a entrevista, estão *Anjos camaradas*, que consiste em uma homenagem ao arquiteto Oscar Niemeyer, texto este parti-

cipante do VI Concurso de Contos da Prefeitura de Niterói (RJ), em 2008; *O moço de BH*, conto que participou da 21ª edição do Concurso Histórias de Trabalho, da prefeitura de Porto Alegre (RS), em 2014; e *Maria do Brasil*, conto finalista do II Concurso de Relato Breve Cuéntame un Cuento, promovido pelo Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca (Espanha), em 2018. O referido conto, ao centrar-se no relato de uma pessoa a respeito de como se deu o seu processo de alfabetização, rende homenagem ao conceituado educador brasileiro Paulo Freire.

Uma listagem indicativa dos demais concursos literários dos quais Maria Angélica participou

e os respectivos trabalhos neles inscritos pode ser consultada no box apresentado mais adiante.

Caixa de palavras – Com o texto *Caixa de palavras*, a sul-são-caetanense Maria Angélica Ferrasoli venceu, na categoria Literatura Infantil, a edição de 2019 do Prêmio Off Flip de Literatura. Integrante do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e do Circuito Nacional de Feiras de Livro, o mencionado prêmio compõe a programação da conhecida Festa Literária Internacional de Paraty. Ao falar da Flip desse ano, ocorrida entre os dias 10 e 14 de julho, a jornalista e escritora aponta as suas impressões: “Estava muito mais

Maria Angélica, em foto da década de 1970. Recordação da época em que era aluna da escola Sylvio Romero (turma da professora Albertina)



Acervo/Maria Angélica Ferrasoli

politicizada, uma Flip muito mais viva, muito mais acessível para as pessoas (...), diferente daquela versão que já era bacana, mas era um pouco elitizada, (pois colocava) o autor como algo acima da humanidade.”

Sobre o trabalho premiado, que ganhará uma edição ilustrada, a ser publicada pelo selo Off Flip ainda em 2019, Maria Angélica Ferrasoli teceu um rico relato, revelando as motivações para a criação da narrativa e alguns aspectos de sua proposta. Inspirada no triste episódio envolvendo o garotinho sírio Alan Kurdi, morto, em 2015, durante um dos muitos naufrágios que marcam a desesperada travessia de refugiados da Síria em direção à Europa, a obra *Caixa de palavras* retrata a história do personagem Haji, um menino sírio, de 8 anos, que chega ao Brasil. Envoltos nas amarras resultantes de experiências traumáticas, como a da perda dos pais (o pai morrera na guerra e a mãe, num naufrágio), Haji não consegue se comunicar, intrigando, sobremaneira, a amiguinha brasileira Lia. A trama, a partir dessa questão, desenvolve-se, conforme esmiúça a sua autora: “Por que ele não fala comigo? (questiona Lia) Quero conversar com ele (...)’ (A mãe, então, tranquiliza a menina): ‘Olha, Lia, o Haji tem a história dele, só que as suas palavras estão guardadas numa caixinha, (que) ele ainda não consegue abrir.’ Aí a história se desenrola até que, num determinado momento, as palavras vão saindo e eles vão começando a se entender pela linguagem deles, que é a do afeto, da amizade.”

Consciente do apelo político sugerido pela obra, que preconiza a importância da empatia e do respeito ao outro, a escritora pondera, esperançosa: “Eu acho que todas as iniciativas que discutam e valorizem os direitos humanos são válidas. Eu espero que o livro contribua para isso (...)”.

Na parte final da entrevista, Angélica falou de sua família. A sul-são-caetanense é casada com Neivaldo José Geraldo, com quem tem dois filhos: Dante e Clarissa. Que a sua caminhada pelas veredas literárias possa inspirá-los sempre e que a nós traga alento, otimismo e sonhos. **(Cristina Toledo de Carvalho) ■**

Participação em concursos literários, trabalhos inscritos e outras informações

Revista *Brasília* (DF) – Menção honrosa – Poema: *Poeta* (1983)

Revista dos Bancários de São Paulo (categoria internet) – Reportagem: *A mamma que se cuide* – Troféu São Paulo: capital mundial de gastronomia – Câmara Municipal de São Paulo (2001)

Coletânea literária *Um amor especial*. Rio de Janeiro: Litteris Editora – Poema: *O amor que não se revela* (2004)

Concurso Augusto dos Anjos (RJ) – Quarto lugar – Poema: *Rio que nunca vi de verdade* (2006)

19º Concurso literário Paulo Leminski (Unioeste, Toledo – PR) – Menção honrosa – Conto: *Pizza brotinho* (2008)

Concurso literário Cora Coralina da Prefeitura de Ribeirão Preto (SP) – 3º lugar – Poema: *Querida Cora* (2009)

Concurso literário da Prefeitura de São Caetano do Sul (SP) – Contos: *Alvo amanhecer* e *Jogo duro*; Poemas: *Essa mulher*, *Uma poesia* e *Amor primeiro* (2009)

Seleção para a antologia *Uma viagem pra Pasárgada*. Rio de Janeiro: Litteris Editora – Poema: *Estação Bandeira* (2009)

VIII Concurso Literário de Presidente Prudente - Clipp (SP) – Conto: *Bosch e Frida* (2014)

Concurso *Cartas do Pequeno Imperador* – Conto: *Pedro e Júlio* (2015)



Livro *A cueca do papai*, lançado em 2013. Integra o amplo rol de trabalhos de Maria Angélica



João Massolini, o “guardador” de Cultura

Marcos Eduardo Massolini

MEU PAI, João Massolini, sempre amou São Caetano do Sul, paixão natural para um sul-são-caetanense da gema, nascido de parteira em casa, na Rua Rio de Janeiro, em 1939, e que, ainda pequeno, ia buscar pão na Portuense, padaria quase vizinha, fundada em 1921. Sua infância foi repleta de natureza, em um tempo em que a cidade tinha lagos e rios despovoados, bosques fartos e pomares à disposição. Na juventude, morou na Rua Maranguá, nº 61,

no Bairro Santa Paula, em uma casa com pitangueira e outras árvores no quintal do fundo. Filho mais velho do casal Augusta Fernandes e Antonio Massolini – depois dele vieram Ana, Francisco, Nelson e Joana – teve o futebol e, principalmente, o Sport Club Corinthians Paulista, como uma paixão para toda a vida.

Entre suas histórias, sempre contou aquela sobre uma madrugada atípica em que saiu da cama, sonâmbulo, para ligar o rádio na

sala, um hábito corriqueiro seu de torcedor, quando, logo em seguida, adentrou o recinto seu irmão Quinho, torcedor da Associação Portuguesa de Desportos, também sonâmbulo, para desligar o mesmo rádio! Imagino a cara da minha avó, ao acordar com o barulho e presenciar os dois filhos andando na sala, dormindo e balbuciando impropérios sobre um jogo imaginário!

Meu pai vivia nos campinhos de várzea que se espalhavam pe-

la região, sempre jogando como goleiro, posição que também foi defendida por meu avô (seu pai) nos anos de 1930 no time da General Motors, onde ficou conhecido como Testão. Jogava tão bem que quase foi parar no Santos Futebol Clube. Essa assiduidade fez meu pai montar com amigos um time chamado Vital Brasil. No gol, atuava João Massolini e, na linha, Tucão, Aílton Garzin e Coelho, entre outros. Frequentava também o São Caetano Esporte Clube, e foi como sócio que viu, em 1954, o clube adotar o nome de Associação Atlética São Bento. Na verdade, essa nova identidade foi resultante da fusão entre o Comercial de São Paulo e o veterano time de São Caetano, com o intuito de levar este último para a primeira divisão do futebol, onde o Comercial já estava – sociedade que logo implodiu diante dos protestos veementes da ala mais tradicional do clube.

Seu primeiro emprego formal foi como mensageiro, no extinto Banco São Caetano – de bicicleta, nessa época, esquadrinhou cada canto de sua cidade natal. Antes da carteira assinada, fez bicos diversos, incluindo um “estágio” com um tio que trabalhava em abatedouro e o fez assistir à captura, ao abate e à limpeza de um frango. Depois dessa sessão de tortura, não botou nunca mais uma carne desse tipo de ave na boca! Ficou por um bom

Seu primeiro
emprego
formal foi como
mensageiro, no
extinto Banco
São Caetano
– de bicicleta,
nessa época,
esquadrinhou
cada canto de
sua cidade natal
(...)

tempo no banco e lá fez boas amizades com colegas do batedor e a turminha que se reunia no Centro, entre eles, Oswaldir Sacheta, Ramis Sayar e Ivo Nicodemo. No banco, claro, também formou uma equipe de futebol, trazendo colegas como Vívol, Nenê, Felipe e o “amigo pra toda obra”, Aílton Garzin.

Paralelamente ao futebol, iniciou uma saga ferrenha como frequentador de cursos, desde os

tradicionais de datilografia e eletrônica, passando pelo de desenho mecânico – na Escola Santo Antonio, em São Caetano – e de propaganda – no famoso Instituto Nobel, em São Paulo – até mais elaborados como Psicologia e técnica em vendas. Já em seu currículo normal, iniciou sua vida escolar no ensino fundamental do Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, histórica instituição nascida em 1927. Nessa época, a escola ainda ficava na Rua Monte Alegre, nº 35, – endereço onde hoje se encontra o Edifício Di Thiene – e sua estrutura era a de um casarão, com 22 classes distribuídas em oito salas de aula. Por circunstâncias da vida, interrompeu os estudos por um tempo, retomando o ensino fundamental na Escola Estadual Amaral Wagner, em Utinga, bairro de Santo André, e também no antigo Instituto de Ensino, situado na Rua Amazonas, nº 354. Nesse meio tempo foi chamado para servir o Tiro de Guerra. Saiu do Banco São Caetano depois de oito anos, em 1962, e logo engatou uma longa série na indústria automobilística, inaugurada com sua admissão na Motores Perkins, em São Bernardo.

Chegou a entrar no ensino médio do tradicional Instituto de Educação Coronel Bonifácio de Carvalho, mas logo optou pelo madureza, um curso de educação de jovens e adultos que ministrava disciplinas

tanto do ensino fundamental como do médio, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1961. O curso, guardadas as devidas proporções, tinha semelhanças com o atual supletivo e, depois de uma prova final no Colégio São Bento, em Araraquara (SP), o impávido Joãozinho (como seus primos o chamavam) fechou a tampa do ensino médio.

Foi nessa época que conheceu uma moça mui formosa e se apaixonou em um estalar de dedos. Lourdes Pareja era uma destemida professora da rede pública que morava desde os seus 10 anos no Bairro Barcelona, e, além do seu apreço pela Língua Portuguesa e outros idiomas, já tinha sido de um grupo bandeirante, onde pôde vivenciar com intensidade excursões e acampamentos em terras distantes. O amor desses dois os uniu e o casamento, indubitável, foi realizado na Paróquia Nossa Senhora da Aparecida, em 1965. E como toda história de amor tem seus desarranjos, a máquina do meu tio Sérgio, “fotógrafo oficial” do casamento, travou, e, por conta desse imprevisto, sobrou um único registro desse dia especial! O casal já estava morando provisoriamente na residência dos meus avós maternos quando finalmente mudou-se para o finalzinho da Rua Alegre, quase divisa com Santo André. Meu pai tinha orgulho imenso de morar nessa casa de quintal

vivo, com bananeira, abacateiro, ameixeira, limoeiro e goiabeira.

Com 25 anos a essa altura, já se mostrava um guardador contumaz de coisas e objetos, principalmente aqueles confeccionados com papel: livros, fascículos, folhetos, pôsteres, jornais, almanaques, revistas, álbuns de figurinhas, etc. O momento em que foi morar na Rua Alegre, recém-casado, foi a deixa para que reavesse sua coleção de *Gazeta Esportiva*, *Esporte Ilustrado*, *Gibi Mensal*, *Biriba* e *Globo Juvenil*, entre outras publicações, que tinha deixado em um cômodo externo no quintal da Rua Ma-

ranguá. Qual não foi a sua surpresa quando se deparou com as prateleiras vazias e descobriu que sua irmã, num rompante imperdoável, deu tudo para o garrafeiro que batera por acaso no portão!

Mas quando eu nasci, dois anos depois, o acervo do meu pai já estava em plena recuperação – ele já era assinante do Clube do Livro, já colecionava um número razoável de revistas *Seleções*, e boa parte das *Edições Maravilhosas* e dos gibis *Pato Donald* de sua juventude ainda estavam intactos. Tinha também um bom acervo de objetos do dia a dia –



Carteirinha de sócio da A.A. São Bento, com data de 1954

barbeadores, rádios, vitrolas, ferramentas – e itens relacionados a São Caetano. Desde que me conheço por gente, lembro-me dele chegando do serviço com algum novo fascículo da Editora Abril. Entre os anos 1960 e 1970, a editora de Victor Civita inovou o mercado editorial bra-



Alunos do Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, em foto da década de 1940. João Massolini é o sexto, a partir da esquerda, na última fileira

sileiro, ao lançar diversas obras “em partes”, que saíam semanalmente nas bancas para, no final, serem encadernadas. Um sucesso estrondoso que começou com *A Bíblia Mais Bela do Mundo* e se estendeu para todos os assuntos e gêneros: música, artes, ciências, história, geografia, culinária. Meu pai entrou com afinco nessa longa caminhada dos fascículos semanais e publicações em banca e, entre os anos 1960 e final dos 1980, ele abasteceu meu lar com enciclopédias (*Conhecer, Bloch, Universo, Enciclopédia Disney*), fascículos (entre tantos destaque *História da Música Popular Brasileira* e *Clássicos da Música Universal*, que vinham com discos), coleções (*Superinteressante*, desde o número 1, revista *Planeta*) e fichários.

Do meu ponto de vista, além de amor, educação e do coração corintiano, meu pai me transmitiu uma cultura ampla e irrestrita desde a infância, o gene memorialístico, e foi responsável direto por eu ser um colecionador de histórias em quadrinhos e discos. Sempre trazia revista pra mim em sua volta do trabalho: junto ao infalível jornal diário, que podia ser *Folha da Tarde* ou *Diário Popular* – e que eu adorava fuçar atrás da seção de tiras – vinha *Mad, Recreio, Mickey, Almanaque Disney, Gibi* (relançado em formato gigante em 1975), *Mister Magoo, Heróis da TV*, edições sortidas da colorida *Bloch* e da eclética *Ebal* (Editora Brasil-América), entre outras.

Mesmo sem ter a oportunidade de voltar a trabalhar em São Caetano – na virada da década de 1960 para 1970 entrou na Chrysler, em São Bernardo, e seguiria atuando na região, posteriormente em empresas como Fiat Diesel, Volkswagen Caminhões, Conforja e Ford, ele viveu intensamente a cidade. Foi membro ativo da Ordem Rosacruz (da loja do Bairro Nova Gerty) desde 1976, onde exerceu por duas vezes as funções de mestre.

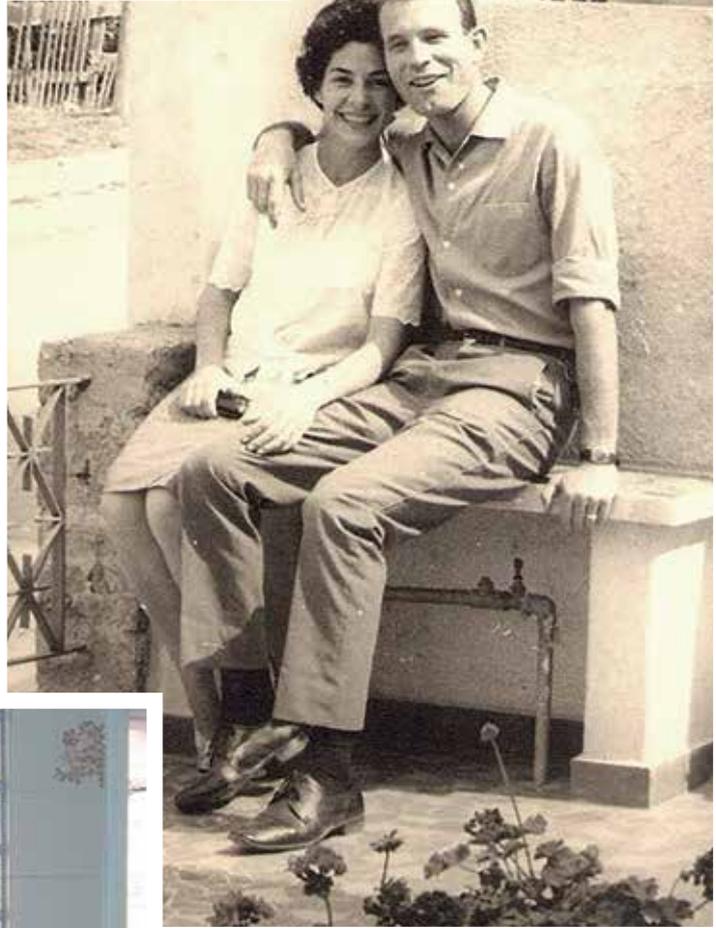
Em 1970, mesmo ano do nascimento da minha irmã Heloísa, realizou um sonho e entrou para a primeira turma do curso de Letras do Instituto Metodista – embora sua matéria preferida fosse História – onde saiu diplomado no ensino supe-



Arquivo/Marcos Massolini

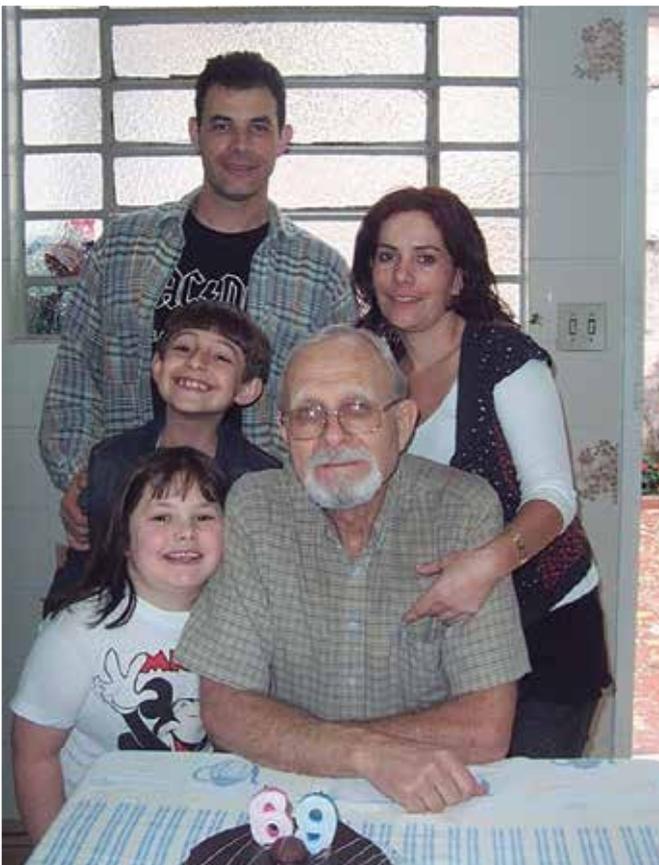
Integrantes do time Vital Brasil em foto de 1953, na confluência das atuais avenidas Kennedy e Tijucussu. A partir da esquerda, em pé, vemos: Tucão, Ailton Garzin e Coelho. João Massolini aparece à frente

João Massolini e Lourdes Pareja, em foto de 1965, quando ainda eram namorados



Arquivo/Marcos Massolini

Arquivo/Marcos Massolini



Aniversário de 69 anos de Massolini, em 2008. Na imagem, ele aparece com os netos Letícia e Gabriel, e os filhos Marcos e Heloísa



Massolini em sua loja de produtos naturais, localizada na Rua Alagoas, em imagem do início dos anos 1980

rior. E não parou com os cursos avulsos que tanto adorava. Em meados da década fez um sobre Super-8 e chegou a produzir um curta-metragem, com tomadas nas ruas do Bairro Barcelona e atores arregimentados da família.

Também foi um dos primeiros na cidade a abrir uma loja de produtos naturais, na Rua Alagoas, no início dos anos 1980. A placa de Cidadão da História (honraria concedida pela Fundação Pró-Memória e pela prefeitura municipal aos moradores mais antigos da cidade), afixada na parede da sua sala nos últimos anos, atesta bem seu perfil de apaixonado

por memorabilia e testemunha ocular de grandes acontecimentos de São Caetano. Inclusive, não faltava por nada nesse mundo ao lançamento da revista Raízes, e era com orgulho que dizia ter a coleção completa, desde o número 1. Uma de suas maiores alegrias foi ter participado da publicação como colaborador, ao escrever como coautor de artigo sobre a Rosacruz (edição 44, de dezembro de 2011).

O tempo passou como vento. Vieram os netos, que ele tanto curtiu, e foi por eles que resolveu ficar mais duas décadas por aqui (alguns homens de branco acharam que não sobre-

viveria depois de uma operação complicada de 1998). Sempre lutando, até o último minuto, seu João Massolini fechou seu ciclo na Terra em 25 de janeiro de 2019. Pela sua dignidade, honestidade e elevação, tenho certeza de que seguiu para uma missão tão importante como essa última que vivenciou com a gente. Agradeço a vida por ter me agraciado com um pai deste porte! ■

Marcos Eduardo Massolini é jornalista e escritor. Em 2001 lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e, em 2014, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis*.

Carta de amor a quem só cultivou amor

Professora Lideli Crepaldi deixou um legado de educação, paz e empatia

 Lilian Crepaldi

Acervo/Lilian Crepaldi



Lideli, com 2 anos, em 1955

A VIDA É UMA EDIÇÃO BEM MAL FEITA. Falta coerência, coesão, interlocução e os parágrafos são sôfregos. Até hoje me recuso a acreditar que ela partiu, justo quem tanto amava tudo e todos. Esse texto é uma carta de amor. Para minha mãe, para a avó da Júlia, para a amiga Lili, para a professora Lideli, para a psicóloga mais carinhosa e compreensiva com quem convivi. Você se foi há mais de um ano, mas o que ficou foi um doce aroma de Chanel nº 5 e um sabor encantado de barras e mais barras de chocolate.

Sempre conversamos por horas: sobre vida, morte, família, infância, amigos, estudos, filmes, músicas. Tudo era pauta, tudo era diálogo, tudo era vida.

Duas bonecas, uma casa pequena e amor, muito amor. Infância de vestidos arrumados e conversas com a mãe querida. Fotografias em preto e branco, desenhos de gôndolas de Veneza nas aulas de Educação Artística. O pai, Luís Crepaldi, e a mãe, Leda Marcílio Crepaldi, fizeram de tudo para que aquela menina de sardas na pele e pinta no queixo tivesse a melhor educação possível. Faculdade, mestrado,

doutorado, pós-doutorado. Nada vem de graça para quem não nasce em berço de ouro.

Na escolinha, conjugava verbos e decorava versos. Da primeira à quarta série, estudou na então Escola Estadual Dom Benedito Paulo Alves de Souza (atual Escola Municipal de Ensino Fundamental), localizada no Bairro Santa Paula, onde morava. Os antigos ginásio e colégio foram cursados no Ginásio Estadual Bonifácio de Carvalho. Na adolescência, também foi escoteira e frequentou alguns clubes de jovens da cidade.

Ela sempre me confessava que, às vezes, quando o dinheiro dava e a coragem permitia, matava aula para ir ao cinema com os amigos. Ela amava filmes. Chegamos a ganhar prêmios em locadoras como as maiores locatárias de fitas VHS. Uma vez, quando eu já era adolescente, chegamos a assistir a quatro filmes seguidos no cinema.

Quando criança, suas duas bonecas lhe faziam companhia em casa, assim como a mãe, sempre presente, sempre confiante, sempre amada. Já adolescente, ia aos bailes acompanhada pela mãe, já que o pai era rígido. Na faculdade, cursou Psicologia e tinha um rato de laboratório chamado Leopoldo Reis, com direito à certidão de nascimento. Psicologia para ajudar o próximo, psicologia para entender o outro, psicologia para mudar o mundo. Sempre amou ajudar os outros. Formou-se, fez estágio, arranjou emprego. No fim dos anos 1970, apaixonou-se por um homem sete anos mais novo, meu pai, Marcos Antonio de Oliveira. Cinco anos de namoro. Casou-se em 1981. Dois anos depois, teve uma única filha. Deu o nome que sempre quis ter: Lilian. Estava feliz, mas felicidade dura pouco. Em 1987, o grande baque de sua vida: a morte da mãe, seu grande porto seguro. Do nada, sem nenhum aviso. Afinal, já se perguntava o poeta, por que as mães morrem?

Pouco tempo depois, separou-se. E mulher separada, em um mundo ainda extremamente machista, perde amizades, não? Eu me lembro bem disto. Mas e os amigos do chalé e do clube? A pizzaria Chalé da Mama e o Clube Acascs (como era conhecida a Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul) foram dois oásis de felicidade para nós duas. No início dos

Desde 1991,
éramos nós
duas, mãe e
filha, contra
o mundo. (...)
Fizemos uma
promessa:
viajar o mundo
sempre que
pudéssemos. E
viajamos.

anos 1990, veio o desemprego e a decisão: lecionar no ensino superior e abrir consultório. Deu certo, muito certo.

Até então, havia trilhado sua vida profissional como executiva de recursos humanos em grandes empresas, como General Motors e Alcan. Contudo, com a conclusão do mestrado, ingressar na carreira acadêmica era um sonho. Iniciou o caminho na antiga Faculdade de Educação e Cultura (FEC - atualmente parte do grupo Anhanguera), prestigiada instituição de São Caetano do Sul. Além das aulas, também assumiu cargos de gestão. Ao longo de 27 anos de aulas no ensino superior, foi docente em diversas universidades, do Centro Universitário Mauá de Tecnologia à Universidade de São Paulo.

Mas suas paixões foram o Centro Universitário Fundação Santo André, onde atuou por 19 anos, e, principalmente, a Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), onde trabalhou por 21 anos como professora concursada e em cargos de gestão.

Faço um apêndice sobre a Uscs, porque lá trabalhamos juntas de 2012 a 2018, sobretudo nos cursos de Comunicação. Era um privilégio enorme chegar com minha mãe para trabalhar e tomar um café no intervalo. Herdei dela amigos e um amor incrível por este lugar. A universidade prestou uma linda homenagem e batizou a clínica de Centro Especializado em Serviços-Escola de Psicologia (Cesep) Prof^a. Dr^a. Lideli Crepaldi.

Desde 1991, éramos nós duas, mãe e filha, contra o mundo. Num certo Ano Novo, ninguém apareceu. Fizemos uma promessa: viajar o mundo sempre que pudéssemos. E viajamos. Conhecemos países da América do Sul, América do Norte, Europa, Ásia, África. Mais de 30 países.

Em 2017, um reverso: minha mãe estava doente, bem doente. Insuficiência cardíaca. Depois da melhora, celebrou o aniversário da neta Júlia, o grande amor de sua vida, e viajou com a família para Nova York, seu lugar favorito no mundo.

No ano seguinte, estava bem, muito bem. Mas aquela manhã do dia 27 de junho de 2018, em que a encontrei sem vida na cozinha, mostrou que seu coração já estava saturado. O mundo pesa para quem tem o coração grande demais. Ela morreu como sempre quis: rápido e sem sofrimento.

Mas para mim e para muitos, você não se foi e não irá nunca. Mães não morrem. Muitos alunos e pacientes, no seu velório e por mensagens, disseram que você salvou a vida deles com seus trabalhos como psicóloga e professora. Eles aqueceram meu coração e reiteraram minha certeza de que você foi luz, muita luz. Minha mãe sempre mereceu o mundo e, por ela, eu faria tudo mil vezes. Te amo infinito. ■

P.S: Na Uscs, chegamos a dar aula em salas ao lado, mas ela nunca me deixou assistir a uma aula dela, nem me disse o que havia na famosa "caixinha da Lideli", uma dinâmica de grupo que ela fazia com os alunos. Quando fui tirar as coisas do apartamento dela, encontrei todas as caixinhas. Não abri: deixei a magia partir em paz com ela.

Lilian Crepaldi

é doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), mestre em Ciências da Comunicação (USP) bacharel em Jornalismo (UMESP) e bacharel e licenciada em História (USP). É professora universitária na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e na Faculdade Paulus de Comunicação (Fapcom) e repórter de cultura. É autora do livro *Babel nas terras alagadiças: revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul*, publicado pela editora Gênio Criador.



Lideli no campus da Universidade Metodista, em 1973, onde cursou graduação em Psicologia (bacharelado, licenciatura e formação de psicólogos), mestrado e doutorado



Lideli entre seus pais, Leda Marcílio Crepaldi e Luiz Crepaldi, em 1977

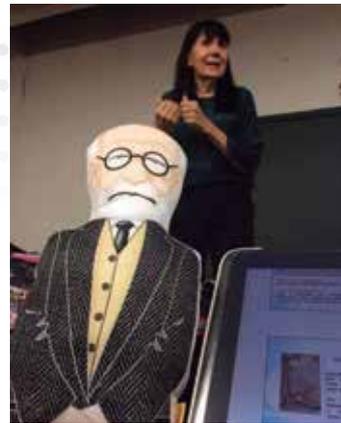


Lideli, Lilian e a pequena Júlia, com 1 ano, no teatro, em 2017

Lideli (a segunda, a partir da esquerda) e Lilian (a quarta) junto aos colegas da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, em 2015



Lideli e a filha Lilian, em Viena, em 2014



Lideli ministrando aula de Psicanálise, no curso de Psicologia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul



O genro Michel Ayala, a filha Lilian Crepaldi e Lideli na cidade de Český Krumlov, na República Checa, em 2014

Acervo Salvador Marzano Netto



Casamento de Salvador Marzano Netto e Cecília Alicio Marzano, celebrado pelo padre Ézio Gislumberti, no dia 4 de julho de 1959, na Igreja Matriz Sagrada Família, situada na Praça Cardeal Arcoverde. O casal teve duas filhas: Maria Cristina e Adriana Marzano, e dois netos: Rodrigo e Laiza Marzano Munari

Ivo Pellegrino e sua história de dedicação a São Caetano

João Tarcisio Mariani

Ivo Pellegrino em
foto de outubro
de 2010

Acervo/FPMSCS

TEMOS A DIFÍCIL, MAS HONROSA, missão de homenagear o nosso saudoso amigo Ivo Pellegrino. Complexa a tarefa de enaltecer quem empreendeu e prestou tantos e tão relevantes serviços em favor de São Caetano do Sul. A incumbência nos honra pois Pellegrino é a figura que todos nós aprendemos a admirar como paradigma de cidadão extremamente preocupado com os destinos da cidade, que ele amava como poucos.

Conversando com vários amigos comuns, que conviviam com ele até muito mais do que eu, reunimos alguns dados biográficos que identificam uma personagem maiúscula da história de São Caetano do Sul. Seria impossível traçar a trajetória de vida do Ivo Pellegrino sem enfatizar os traços marcantes dos valores de berço que sua mãe Nelly

Pellegrino e, em especial, seu pai, Ângelo Raphael Pellegrino, plantaram e cultivaram em nosso querido amigo.

Ivo Pellegrino nasceu em 10 de maio de 1936, no Bairro Santo Antônio, em São Caetano do Sul. Um dos seus maiores orgulhos era poder se apresentar como filho do patriarca da autonomia e primeiro prefeito de São Caetano do Sul, Ângelo Raphael Pellegrino. Por conta disso, registramos, entre suas muitas virtudes, uma que sempre foi a do enaltecimento da figura de seu pai, sem jamais ter buscado tirar qualquer vantagem por conta disso.

Profissional eclético, permeava com a mesma facilidade pelas áreas das ciências humanas e exatas, uma vez que era formado em Engenharia Química e em Direito, além de ser pós-graduado em Minas e Mineralogia. Por



si só, essa múltipla formação acadêmica já demonstra a capacidade sempre presente em qualquer das atividades que desenvolveu e em cada uma das áreas nas quais atuou, usando seus dons com

êxito em toda a sua brilhante carreira profissional.

No campo de Minas e Mineralogia, Ivo Pellegrino foi diretor presidente da Lavras (empresa de mineração). Foi fundador e líder do setor de matérias-primas na Associação Brasileira de Cerâmica, entidade da qual também foi diretor. No campo da mineração, ao trabalhar com argila em Suzano (SP) - e graças à sua formação químico-mineralógica - foi o pioneiro, no Brasil, no beneficiamento da argila. Ele criou um processo de tratamento que permitiu converter a argila bruta, retirada das jazidas, em material totalmente isento de impurezas e pronto para o uso final. Como empreendedor e seguindo a vocação desbravadora do pai, ele desenvolveu uma jazida de caulim em Junco do Seridó (PB), à qual se dedicou com sucesso por muitos anos.

Pellegrino casou-se com Dalva Mattos Pellegrino, que sempre esteve ao seu lado, como esposa incentivadora, ajudando-o em seus projetos. A família se consolidou com a chegada do filho Rafael (segundo nome do avô). Rafael Pellegrino casou-se com Fernanda, com quem tem três filhos: Ana Luiza, Marco Antônio e Ivo Pellegrino Neto. Propositamente, citamos por último o nome do neto mais velho para enfatizar que a saga da família Pellegrino continua mais viva do que nunca e o nosso amigo Ivo Pellegrino não escondia a satisfa-

Ao lado dos
autonomistas
vivos, se viu
impelido a criar
um grupo que
tivesse como
objetivo manter
viva a memória
da luta
autonomista
(...)

ção de ver seu nome perpetuado.

Ivo Pellegrino também seguiu os passos do pai no terreno da benemerência, participando da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) e do Hospital São Caetano. Era sócio honorário do Rotary Club de São Caetano do Sul.

O respeito e a consideração de Pellegrino pela autonomia fizeram brotar nele a inspiração para participar de sua última iniciativa. Ao lado dos autonomistas vivos, se viu impelido a criar um grupo que tivesse como objetivo manter viva a memória da lu-

ta autonomista e, como escopo, realizar ações anuais durante a Semana da Autonomia, que inserissem a cidade no histórico do ideal emancipacionista que abriu caminho para a São Caetano do Sul que hoje nos orgulhamos de ter.

Essa ideia do grupo, apesar de ter nascido há bons anos, se concretizou somente em 2013. Mário Porfírio Rodrigues, Oscar Garbelotto e Ivo Pellegrino decidiram levar avante o projeto e iniciaram reuniões mensais, convidando: Mário Dal'Mas, Domingo Glenir Santarnecchi, Humberto Pastore, Morisa Garbelotto, Desiree Malateaux Netto, Milka e Francisco Soeltl, Wagner Antonio Natale, Márcia Benincasa e João Tarcisio Mariani. Mário Porfírio Rodrigues propôs o nome de Grupo dos Amigos do Movimento Autonomista (Gama), que teve até agora os seguintes presidentes: Oscar Garbelotto (2013-2014), Mário Porfírio Rodrigues (2015), Francisco Antonio Soeltl (2015-2017) e Ivo Pellegrino (2017-2019). Rodrigues passou a ser presidente emérito a partir de 2015.

Nos últimos meses de vida de Pellegrino tive o privilégio de conviver mais com ele, levava a comunhão aos domingos, ora no apartamento, ora no hospital. Nessa trajetória difícil, uma verdadeira *via crucis*, foi possível sentir o tamanho de sua fé, a convicção de sua esperança e a sua certeza na vida eterna.



Inauguração do Monumento da Autonomia, em comemoração ao cinquentenário da conquista da emancipação de São Caetano. Na imagem, vemos, a partir da esquerda: o autonomista Mario Porfírio Rodrigues, o então presidente da Câmara Municipal, Gersio Sartori, Ivo Pellegrino, o artista Adélio Sarro Sobrinho, autor da obra, o então prefeito, Luiz Olinto Tortorello, o vice-prefeito, Sílvio Torres, e o autonomista Luiz Rodrigues Neves



Ivo Pellegrino, Rafael Pellegrino e Ângelo Raphael Pellegrino, em foto da década de 1990

São Caetano do Sul e o seu povo têm um preito e um dever de eterna gratidão para com a memória daquele que trabalhou sempre por um futuro melhor para a cidade. Ivo Pellegrino teve como exemplo e incentivo o respeito e a admiração pelo que o pai, Ângelo Raphael Pellegrino, já havia plantado em boas obras pelo município, marco inicial do futuro pujante que suas ações como primeiro prefeito deixaram rumo ao desenvolvimento.

Deixamos aqui registrado o nosso muitíssimo obrigado a Ivo Pellegrino, amigo e mestre, e, em lugar da tristeza da despedida, fica a saudade de sua presença edificante entre nós, e, em lugar de lágrimas, cabe o calor do nosso comovido reconhecimento! ■

João Tarcisio Mariani é consultor empresarial, membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e presidente do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama).



Acervo/Nelson Perin e Darcião Nogueira Neto



Acervo/Nelson Perin e Darcião Nogueira Neto

Momentos de descontração de Ivo Pellegrino, na prática esportiva. A equipe do Unidos Vôlei Clube aparece em fotos de 1959. Na imagem logo acima, vemos, em pé, a partir da esquerda: Nelson Perin, Sérgio Nogueira, José Cláudio Piotto (Zequinha), Eloy Afini, Luiz Murilo Mantovani e Darmil Garcia Lopes (Sansão). Agachados estão: Walter Mariano e Ivo Pellegrino. Na outra imagem, vemos em pé, a partir da esquerda: Mattar, Ivo Pellegrino, Nelson Perin, Adriano e Walter Mariano. Agachados, vemos: Pedro, Bube e Dionísio

A primeira sede da prefeitura de São Caetano

Rua Baraldi, nº 1039 – Bairro Centro

Prédio onde funcionou a prefeitura municipal, de 1949 a 1953. Foto de 1954

Acervo/FPMSCS

A ESQUINA DAS RUAS RIO GRANDE DO SUL E BARALDI possui ainda um edifício construído na década de 1940, que tem grande significado para a história do município. Trata-se do primeiro lugar onde o poder Executivo de São Caetano foi instalado. A luta pela emancipação político-administrativa da cidade foi intensa e a primeira sede da prefeitura apresentava apenas uma escrivaninha, uma cadeira e a vontade política do primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino. A sede permaneceu ali de 1949 a 1953. Posteriormente, passou a abrigar o Pronto Socorro Municipal e o Posto de Saúde do Estado.

No final do ano de 1953, os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) foram instalados no Edifício Vitória, na esquina das ruas Baraldi e Santo Antonio. ■



Acervo/FPMSCS

Funcionários da prefeitura municipal em foto de março de 1953. O então prefeito Ângelo Raphael Pellegrino está ao centro



Acervo/FPMSCS



Prefeito Ângelo Raphael Pellegrino e seus assessores no gabinete da prefeitura, em foto de 1953

Em honra de Felicidade Perpétua:

a primeira professora da Colônia de São Caetano num abaixo- assinado de 1883



Cedido <https://icmenonras.wordpress.com/2018/09/09/felicias-que-o-lectoremorias-nao-havia-publicado/>

NO ACERVO TEXTUAL DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, entre os “ofícios diversos” da freguesia de São Bernardo, lavrados por autoridades e cidadãos comuns dessa localidade ao longo do século 19, chama atenção do historiador sul-são-caetanense um singular documento que contém as assinaturas de diversos nomes sobremaneira referidos e exaltados na historiografia (e na memória) oficial de São Caetano do Sul. Com 51 assinaturas de moradores do Núcleo Colonial de São Caetano, todos italianos ou pertencentes a famílias italianas, esse documento remetia-se ao vice-presidente interino da província de São Paulo, a 14 de junho de 1883, nos seguintes termos:

A professora Felicidade Perpétua de Macedo, que foi a primeira a ser nomeada para a Colônia de São Caetano, em retrato dos professores da Escola Normal de São Paulo, na década de 1930

Os abaixo assinados, colonos da Colônia de São Caetano vêm perante V. Exa. manifestar o pesar que sentiram com a remoção da distinta Professora Exma. Sra. D. Felicidade Perpétua de Macedo da cadeira do sexo feminino da mesma Colônia para a do 1º Distrito desta Capital. Este pesar encontra explicação na circunstância de que essa distinta Professora apesar de haver regido por pouco tempo a cadeira da Colônia, mesmo nesse pouco tempo deu exuberantes provas de seu belo talento, ilustração e dedicação pelo ensino deixando muitas de suas discípulas com adiantamento tal, que normalmente não se podia esperar em tão curto prazo, e isto tudo não obstante a dificuldade e inconveniente de ter de ir diariamente à dita Colônia e de lá voltar também diariamente a esta cidade.

Para mais realçar ainda o merecimento de tão digna Professora convém que V. Exa. saiba que apesar de removida para uma cadeira desta cidade, tem ela ido até hoje dar aula às suas ex-discípulas; após haver terminado o cumprimento de seu dever na cadeira do 1º Distrito, e isto por simples dedicação e sem interesse ou retribuição alguma.

Por todos estes motivos, os abaixo assinados ao mesmo tempo que agradecem a acertada nomeação que V. Exa. fez a tão distinta Professora para a mencionada cadeira da Colônia, manifestam seu pesar pelo fato de por tão pouco tempo ter sido ela ali conservada, e não quiseram perder o ensejo de fazer realçar os muitos merecimentos da mesma Professora.

Excelentíssimo Sr., os abaixo assinados ao terminar este, dirigem-se a V. Exa. pedindo sua valiosa proteção em favor da Instrução Pública da mesma Colônia, que não tem edifício algum que decentemente se preste para as aulas de ambos os sexos, sendo certo que a cadeira do sexo feminino, única que está funcionando, está se servindo da sacristia da Capela da Colônia, lugar completamente impróprio para tal fim.

Nestas condições, esperam os abaixo assinados que V. Exa. o mais breve possível providenciará a tal respeito autorizando ou contratando a construção de uma ou duas casas de pouco preço destinadas a nelas funcionarem ditas aulas do sexo masculino e feminino.

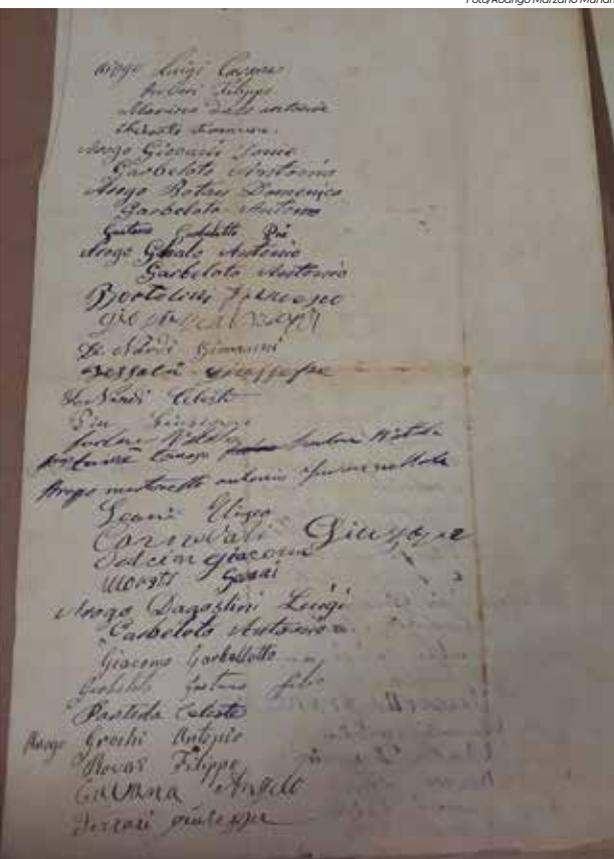
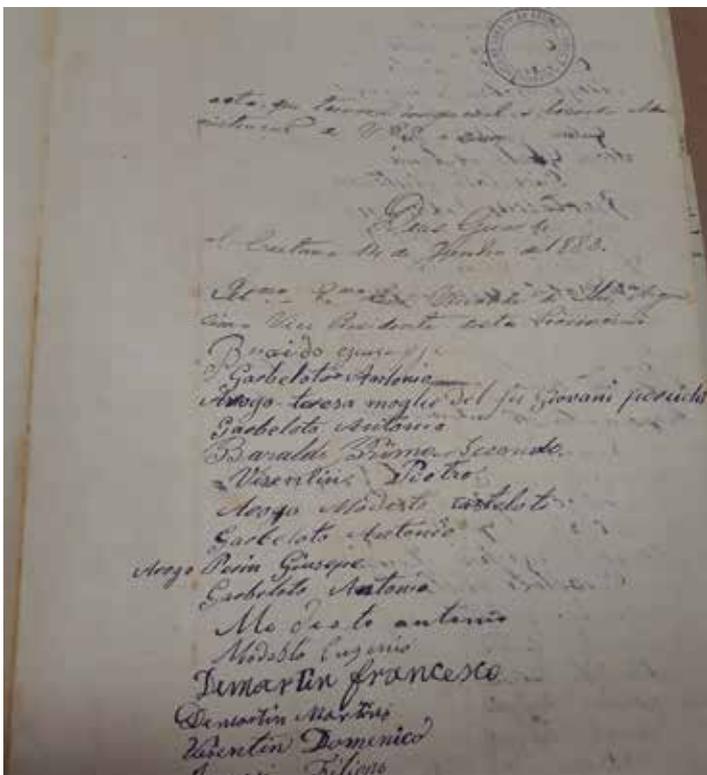
Assim, procedendo, praticará V. Exa. mais um ato, que tornará inesquecível a honrada Administração de V. Exa. a quem

Deus Guarde

S. Caetano 14 de Junho de 1883.

Ilmo. e Exmo. Sr. Visconde de Itu, Digníssimo Vice Presidente desta Província.¹

Das 28 famílias de imigrantes vênnetos que fundaram o Núcleo Colonial de São Caetano, em 28 de julho de 1877, quase todas se acham representadas por meio das assinaturas que constam do documento e que são, em sua maioria, de lavra dos próprios chefes dessas famílias que se estabeleceram na localidade (instalando-se, inicialmente, na casa grande e nas senzalas da antiga Fazenda de São Caetano). Excepcionalmente aqueles que já haviam vendido ou abandonado seus lotes de terra antes de 1883, como Antonio Daffré (1882) e Pietro Pesot (1881);² e acrescentando-se os nomes dos imigrantes italianos que para cá vieram em levadas posteriores (1878, 1879 e 1882),³ os quais se incluem no rol dos demais colonos que, em 1883, assinaram o referido documento, um abaixo-assinado pelo qual expressavam sua patente consternação após o fato da remoção da professora Felicidade Perpétua de Macedo da escola feminina local. A única mulher, aliás, a assinar esse documento era *Teresa moglie del fu Giovanni Peruchi*: Teresa esposa do finado Giovanni Peruchi. O nome da viúva, na verdade, não fora escrito pela própria, mas “a rogo” dela; isto é, a pedido de Teresa outra pessoa assinara em seu lugar. Também assinaram “a rogo”, por meio de outrem, alguns colonos igualmente impossibilitados de escrever seus próprios nomes (presumivelmente analfabetos): Modesto Casteloti, Giusepe



Assinaturas dos moradores do Núcleo Colonial de São Caetano no abaixo-assinado que remeteram ao governo provincial de São Paulo, em 14 de junho de 1883

Perin, Luciano Gennari, Luigi Cavana, Giovanni Tome, Domenico Botan, Antonio Galo, Tomaso Tomé, Antonio Martorelli, Luigi Dagostini e Antonio Grechi.⁴

Quanto ao conteúdo do abaixo-assinado, salta aos olhos a entusiástica louvação dos méritos de Felicidade Perpétua, professora da escola feminina que por tão reduzido espaço de tempo ministrara aulas para as filhas dos colonos; meninas que então se achavam provisória e precariamente instaladas para esse fim na capela colonial que os imigrantes encontraram na localidade, em julho de 1877. Duas cadeiras de primeiras letras foram legalmente criadas, em 30 de março de 1883, no Núcleo Colonial de São Caetano: eram duas escolas, uma mas-

culina e outra feminina, cada uma com uma sala.⁵ Como fica claro pela leitura do documento e pelas queixas dos colonos – que seriam reiteradas em outras ocasiões –, não havia no lugar uma edificação apropriada para o funcionamento dessas aulas, que tiveram várias localizações, ao longo dos anos subsequentes, até a construção de um edifício que reunisse as diversas “escolas isoladas” até então estabelecidas em São Caetano – iniciativa que se concretizaria apenas com a criação do 2º Grupo Escolar de São Bernardo, em 1920, futuro Grupo Escolar Senador Fláquer (1927).⁶

Felicidade Perpétua de Macedo foi a primeira professora da colônia. Segundo o jornal *A Província de S. Paulo*, a escola do sexo feminino fora instalada

em 24 de abril, em solenidade de abertura a que se fizeram presentes o inspetor do distrito e várias pessoas da capital e do bairro de São Caetano, nacionais e estrangeiros, que presenciaram, por parte da colônia italiana, um eloquente discurso de Emílio Rossi e, afinal, brindaram ao acontecimento com copos d’água, “reinando muita animação entre os convivas”. A matrícula finalizou-se naquele dia com 50 alunas.⁷ Para meninas, o programa das escolas de ensino primário compreendia leitura, aritmética, gramática, princípios da moral cristã, doutrina da religião do Estado e prendas domésticas⁸; conteúdos todos que seriam apreendidos por elas à medida que fossem capazes de se expressar em Língua Portuguesa, problema básico em uma comu-

nidade, como São Caetano, na qual as pessoas falavam em casa o dialeto de sua região de origem (principalmente o dialeto vênето) e, quando muito, o italiano.

A professora Felicidade Perpétua trabalhou nessa escola por pouquíssimo tempo, de meados de abril até maio de 1883, quando foi removida. Sua felicidade em São Caetano não foi duradoura; mas deixou marcas positivas que os colonos expuseram com verdadeiro contentamento no texto acima transcrito. Tanto é assim que, já tendo se encerrado o vínculo dela com a Colônia de São Caetano no mês anterior, os colonos não deixaram de apontar ao governo provincial que dona Felicidade continuava a se deslocar até aquela localidade (ela vinha da capital, já que não era residente em São Caetano) para ensinar suas ex-alunas, por simples dedicação, e sem interesse ou retribuição de qualquer ordem. A partir do segundo semestre desse ano, a professora teria de abandonar as suas idas a São Caetano para assumir sua cadeira na escola para a qual fora designada, no 1º distrito da capital. Na colônia, assume na escola feminina a professora Maria Adelaide do Carmo Machado, que ficaria no posto até dezembro de 1883.⁹

É significativo que, a despeito de ter permanecido tão pouco tempo na colônia, Felicidade Perpétua tenha deixado tão viva satisfação na memória dos

moradores que se remeteram ao governo da província para agradecer a nomeação e louvar os méritos da professora. Não é de somenos importância o destaque dado ao talento e à ilustração daquela jovem, que contava apenas 19 anos de idade quando foi nomeada para a escola feminina do Núcleo Colonial de São Caetano, sua primeira escola. Em suas detalhadas notas sobre a história da colônia, José de Souza Martins registrou algumas referências biográficas que permitem reconhecer a excepcional trajetória de vida de Felicidade Perpétua, uma professora que não só foi a primeira de sua categoria na história de São Caetano, mas que também foi pioneira no campo do “ativismo feminino em São Paulo entre a proclamação da República e a Revolução de Outubro de 1930”. Ela cursara a Escola Normal de São Paulo de 1880 a 1882, quando se formou professora numa época em que nem todos os professores de escolas elementares tinham diploma de normalistas. Em dezembro de 1886, era diretora da primeira escola de meninas de São Paulo; e em agosto de 1888, foi classificada em primeiro lugar no concurso para a cadeira de Desenho e Caligrafia da Escola Normal de São Paulo, na qual se firmou como a primeira mulher a se tornar lente de uma das cadeiras. Tornou-se artista plástica e uma conceituada professora de pintura, além de ter tomado

parte em outras iniciativas que inscrevem seu nome no rol das mulheres mais atuantes em prol de causas diversas e, sobretudo, da educação, naquela São Paulo de finais do século 19 e primeiras décadas do século 20.¹⁰

Em junho de 1883, os colonos de São Caetano não tinham e nem poderiam ter em mente a ilustre professora e ativista que se tornaria Felicidade Perpétua de Macedo em São Paulo; eles tinham apenas em vista uma jovem e recém-formada professora que lá estivera para ensinar suas filhas, mas que fora capaz de surpreendê-los por sua dedicação e pelos progressos que fizera, em tão curto tempo, no que concerne ao aprendizado de suas alunas. Fato que talvez se devesse ao método inovador do poeta e pedagogo português João de Deus, cuja *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, de 1876, Felicidade adotara para ministrar suas aulas em 1883, quando foi também adotada na Escola Normal de São Paulo. A *Cartilha* fora importada de Portugal – em cujas escolas seria extensivamente utilizada no decorrer das décadas subsequentes, ganhando sucessivas reimpressões – e distribuída pelo governo da província. Entre suas inovações, de acordo com o professor Martins, pode-se destacar “que o método de João de Deus fazia da palavra e da fala a referência pedagógica, reconhecia o aluno como sujeito do processo educa-

tivo e construía uma ponte com a brasilidade para alunos que em casa falavam italiano e dialeto”.¹¹

Por essa mesma evidência também se nota que, embora os colonos primeiro colocassem em relevo os méritos de professora Felicidade, desejando certamente que ela fosse ali conservada por mais algum tempo a fim de que não se perdesse o “adiantamento” produzido pelas alunas em seus estudos, o objetivo a que se propunha o abaixo-assinado dos moradores de São Caetano era algo maior: tratava-se de requisitar melhorias necessárias ao desenvolvimento da instrução pública no local, visto que, se não existia escola – no sentido material da palavra, ou seja, enquanto edifício destinado a abrigar uma instituição escolar –, esta era já entendida como parte da comunidade. Graças ao concurso de cidadãos beneméritos e dedicados, como professora Felicidade Perpétua, e ao interesse demonstrado pelos colonos que enviavam seus filhos àqueles que fossem encarregados de instruí-los nas matérias elementares, já era realidade uma prática de ensino na localidade, só faltando existir uma escola em condições físicas adequadas – uma vez que as aulas eram ministradas para as meninas, no já muito distante ano de 1883, no interior da sacristia da antiga Capela de São Caetano, igreja que naquele mesmo ano sofria uma grande reforma, mas que fora



originalmente ali construída pelos monges da Ordem de São Bento, entre 1717 e 1720, tendo sido reformada e ampliada em 1772.¹²

Sabe-se que as casas reclamadas pelos colonos para abrigar as escolas masculina e feminina não viriam naquele momento, apesar dessa e de outras súplicas posteriormente dirigidas ao governo de São Paulo. Os encaminhamentos dados ao problema da “instrução pública” devem-se às iniciativas dos próprios moradores do Núcleo Colonial, que cederam as primeiras casas para instalação das escolas que eles mesmos demandavam para fornecer instrução primária a seus filhos. O colono Celeste De Nardi, imigrante da primeira leva (1877) que também participara do abaixo-assinado de 1883, solicitando ao governo a constru-

Primeira escola feminina de São Caetano. Localizava-se na Rua Perrella, quase em frente ao Cine Central. Sua primeira professora foi Felicidade Perpétua de Macedo, que lecionou apenas de abril a maio de 1883, ainda na antiga sacristia da Capela de São Caetano, igreja que foi demolida em 1900, para dar lugar à atual Paróquia São Caetano (no Bairro da Fundação). Na foto, do ano de 1912, vê-se a professora Noemia Araujo Silva com suas alunas

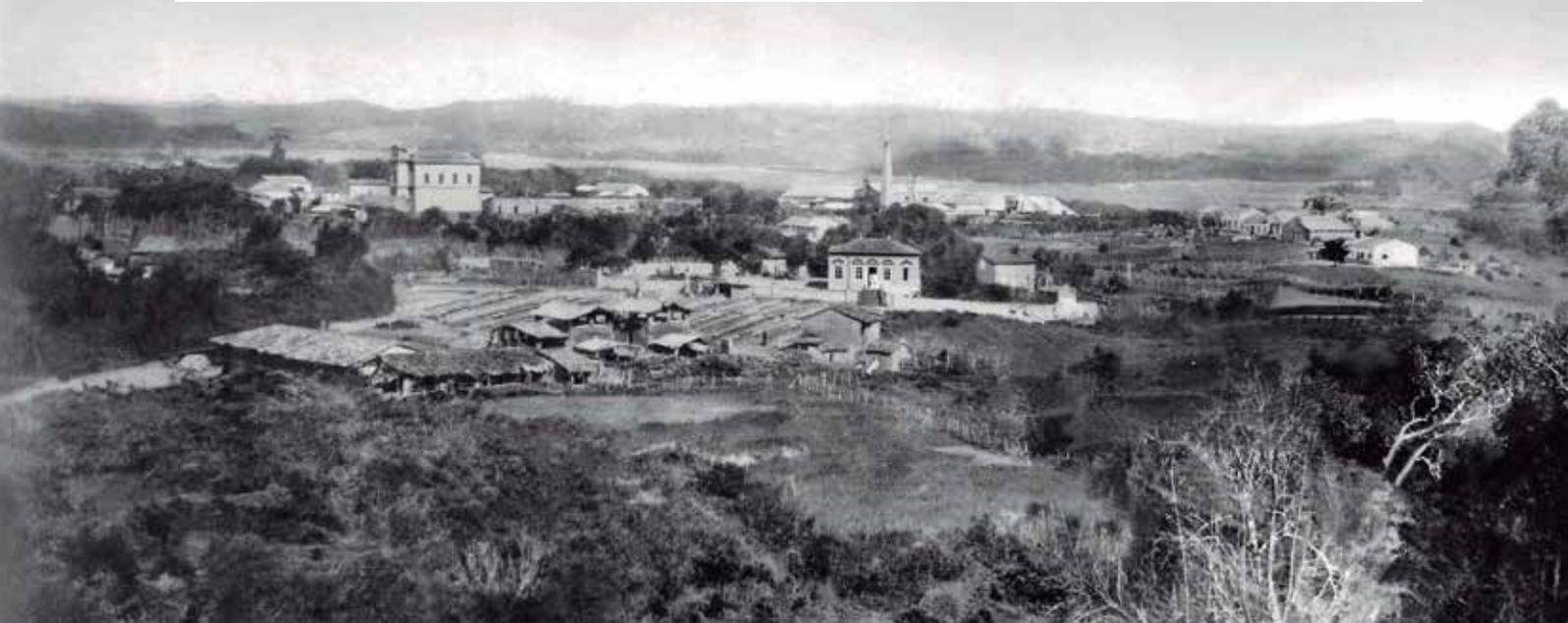
ção de casas para as escolas, foi afinal quem cedeu uma das salas de sua própria casa – conhecida como Palacete De Nardi, por ele construída em 1896, e que seria anos mais tarde a sede provisória do grupo escolar, a atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Fláquer – para funcionamento da escola feminina, depois denominada de “1ª escola feminina”, que antes disso também ocupara, como a escola masculina, uma das senzalas da antiga Fazenda de São Caetano.¹³

Do abaixo-assinado de 1883 sobressai uma imagem clara da atuação de boa parte dos colonos de São Caetano em favor da instrução primária naquela localidade; não um retrato de seus êxitos, nem do pioneirismo característico dos “heróis fundadores”, mas justamente das dificuldades e dos incontáveis obstáculos com que se deparavam numa terra ainda em grande parte estranha, mas à qual já se procuravam acomodar; não lhes escapando a conveniência de expor seus filhos às primeiras luzes da “civilização” – necessárias para que enfim criassem raízes naquela terra que, se ainda não era de todo familiar, muitos já haviam adotado como sua. Resta ainda uma imagem lisonjeira da primeira professora da colônia, dona Felicidade Perpétua, que decerto deve ter perpetuado na memória dos primeiros colonos a felicidade que lhes inspirou aquela tão breve – e tão marcante – primeira experiência de ensino com as suas filhas em terras sancaetanenses. **(Rodrigo Marzano Munari) ■**

Do abaixo-assinado de 1883 sobressai uma imagem clara da atuação de boa parte dos colonos de São Caetano em favor da instrução primária naquela localidade; não um retrato de seus êxitos, nem do pioneirismo característico dos “heróis fundadores”, mas justamente das dificuldades e dos incontáveis obstáculos com que se deparavam numa terra ainda em grande parte estranha (...)

¹Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) – CO1257, 14/06/1883. A ortografia do texto foi atualizada, para melhor compreensão, mantendo-se contudo a pontuação original.
²MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo*: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, p. 90-91.
³MARTINS, José de Souza. *Diário de fim de século: notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998, p. 24.
⁴Os nomes dos colonos foram aqui transcritos seguindo a ortografia depreendida do documento, sem qualquer alteração.
⁵MIMESSE, Eliane. *A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2001, p. 29.
⁶*Ibidem*, pp. 95-103.
⁷*A Província de S. Paulo de 26/04/1883*, citado por MARTINS, José de Souza. *Diário de uma Terra Longina: Os “faits divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015, p. 120.
⁸MIMESSE, op. cit., p. 33.
⁹*Ibidem*, p. 36.
¹⁰Cf. MARTINS, *Diário de uma Terra Longina*, op. cit., p. 123-124.
¹¹*Ibidem*, p. 122-123.
¹²*Ibidem*, p. 183.
¹³MIMESSE, op. cit., p. 31.

Vista panorâmica do centro urbano do Núcleo Colonial de São Caetano, em foto da primeira década do século 20 (cerca de 1900). Destaca-se, à esquerda, a atual Paróquia São Caetano, ainda em construção; e, ao centro, o casarão da família De Nardi, onde existiu por alguns anos a escola feminina da localidade, antes de ser sede provisória do grupo escolar (1920). Hoje, o casarão abriga o Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul



Uma mesopotâmia de *Labor Et Honor*

“A experiência não tem nenhum valor ético, é simplesmente o nome que damos aos nossos erros.”
Oscar Wilde

 Enrique G. Staschower

SEGURAMENTE A ESCOLHA DA IMPLANTAÇÃO era significativa, afinal quem descesse ao litoral pelo Caminho Velho do Mar, no século 18, fatalmente passaria por ela. Seria avistada do alto da colina da Mooca, antes de atravessar o Córrego do Tamanduateí. A Fazenda da Ordem Beneditina, São Caetano do Tijucuçu, com seu complexo de construções, situava-se à margem direita do caminho na direção do litoral. Frente à capela havia um cruzeiro alto que ampliava o espaço sagrado para acolher os viajantes e que parecia debruçado sobre o caminho. Surgido entre os córregos do Tamanduateí e dos Meninos, era um território de trabalho.

A regra beneditina, *Ora et Labora*, regia a fazenda em oração e trabalho. Servia-se da escravidão indígena e africana, com pardos foreiros e administrados – havia trabalho para todos – dirigidos por poucos padres fazendeiros. Produziam legumes, grãos, verduras e frutas, criavam gado e tratavam o couro, mas, sobretudo, teriam trabalho na produção de tijolos, telhas e louças. Afinal, a ordem beneditina era a maior locadora de imóveis em São Paulo, poucas léguas descendo o Tamanduateí, demandando um fluxo constante de materiais de construção. No descanso dominical, seu sino chamaria para o encontro, fiéis de diversas origens ocupariam diferentes seto-

res na nave da capela, adornada pela arte barroca. A localização seria definida pelas diversas modalidades de trabalho.

Havia uma dinâmica de interações entre o grupo da fazenda, os carreteiros e as tropas que faziam a conexão com o litoral; os foreiros e sitianteiros do arrabalde que faziam uso das terras comunais (aquelas de domínio da Coroa e abertas ao uso público) entre o Córrego dos Meninos e o Ribeirão do Moinho Velho e, principalmente, a conexão diária nas barcas do Tamandateí no ir e vir entre a fazenda e o Porto Geral, ao lado do Mosteiro de São Bento, já em São Paulo. Às sextas-feiras invertia-se o fluxo quando chegavam peixes enviados do mosteiro à fazenda. À sombra da torre da capela barroca e do relógio de sol, instalado junto à casa grande, regiam-se produção, comércio, trocas, religião e sociabilidade. Eram espaços nucleares, ocupando tentacularmente as várias possibilidades de interconexões no território colonial, entre São Paulo e o litoral.

No início do século 19, o complexo de edificações continha três fornos para cerâmicas e louças, estrebaria, casa das aves, horta e pomar, senzala com 12 cubículos, as “casas para as necessidades” e a casa grande, com quase 360m², onde destacava-se uma grande cozinha com um

refeitório maior ainda, despensa e casa de farinha. Sua longa varanda com três metros de largura circundava duas frentes: externamente caiada de branco, com suas portas e janelas em vermelho. O esmero barroco jorrava da fonte no jardim, onde uma carranca vertia água trazi-

A regra beneditina, *Ora et Labora*, regia a fazenda em oração e trabalho. Servia-se da escravidão indígena e africana, com pardos foreiros e administrados

do córrego sobre uma pia de barro. Um muro de taipa cercava um jardim florido de cravos e um extenso pomar de laranjeiras. Não muito longe, na direção do Tamandateí, podia-se ver o pequeno cemitério. Os beneditinos organizaram seu espaço de

forma a idealizar uma paisagem bucólica sustentada por dois modelos distintos de trabalho – o escravo africano e o indígena administrado – compondo-se contraditoriamente, tal como era o período barroco – onde se tratava de sublimar paixões terrenas permeadas de aspirações humanistas.

O tempo regido pelo sol seria sacudido na década de 1860 quando a linha férrea rasgou-lhe trilhos ligando a produção de café do interior ao porto de Santos. Havia uma dinâmica nova impulsionada pelas nuvens do vapor inglês na serra e no mar e assim, rapidamente, o comércio e a produção de café alterariam primeiro as relações de trabalho, depois as relações comunais e, por fim, o modo como usariam este espaço.

O trem, que voltava ao porto levando café, antes trazia os produtos da Revolução Industrial inglesa para vendê-los, pois a coroa inglesa precisava de muitos consumidores, mas em um Brasil escravocrata não havia todos os consumidores que ela desejava; portanto havia de se extinguir a escravidão e criar mais consumidores. O Segundo Império, em 1871, declarou libertos os filhos de escravas nascidos a partir dessa data; culminamos com a abolição da escravatura 17 anos depois. No mesmo ano de 1871, a fazenda beneditina,

combalida pela expansão urbana na cidade de São Paulo que se valia de “telhas francesas” e “varandas inglesas”, libertou seus escravos, encerrando uma produção de cerâmicas que já se escasseara – evidenciada por uma dualidade de trabalhos, que parecia não se sustentar ante à modernidade das relações de trabalho estabelecidas pela Revolução Industrial.

A cidade de São Paulo não estava tão longe, expandia-se desadensadamente entre bairros de aristocrática higiene e cortiços insalubres, e buscava substituir a cidade de taipa pela cidade eclética, de materiais importados e costumes europeizados. Enquanto nas terras de Tijuçu, sitiantes, tropeiros e foreiros, que já haviam sido atingidos pela grilagem das terras comunais e desgastados pela Lei de Terras, agora sofreriam com a transformação da fazenda em Núcleo Colonial, ao receber imigrantes italianos. Assim, substituiríamos a imagem de um país atrasado e escravocrata pela mão de obra europeia, inicialmente no campo, mas ansiando pelo influxo às cidades – aproximando rapidamente o arrabalde ao subúrbio.

A Ordem de São Bento negociou exaustivamente a Fazenda de São Caetano, por mais de cinco anos, com a província de São Paulo. Em 1º de julho de 1877, embarcam, em Gênova, as primeiras famílias de imigrantes italianos. Enquanto isso, em São Paulo, quatro dias depois, em 5

de julho, assinava-se a escritura de venda. Para finalmente, em 28 de julho de 1877, instalarem-se nas edificações beneditinas, as 28 primeiras famílias que fundariam o Núcleo Colonial de São Caetano. Retira-se o *Ora*, permanece o *Labora*.

Esses imigrantes eram camponeses provenientes de uma região montanhosa do Vêneto, conhecida por suas pequenas propriedades, trabalhadas em regime de parceria. Eles foram vítimas da expropriação econômica e territorial decorrente da unificação italiana, buscando aqui realizar os anseios das próprias terras – enquanto isso, tinham promessas de receber víveres, casas, ferramentas e escrituras (rapidamente) – tudo estabelecido em contratos. Sintomaticamente alojaram-nos na senzala.

A divisão da fazenda deu-se em 92 lotes rurais e 25 urbanos – estes pretendiam criar uma continuidade espacial ao complexo das edificações da casa grande, de frente à capela. Verifica-se, a partir dos mapas e fotos do período, que, aos fundos desta casa de oração, não se destinavam nem se repartiam lotes. Supõe-se que, desta forma, pretendiam compor espaços livres, tais como praças, que circundariam o complexo beneditino, desde a frente da capela à lateral da casa grande, para conectar-se às terras entre o Córrego dos Meninos e o Ribeirão do Moinho Velho (atual Vila Carioca).

Crescem os ressentimentos entre os antigos moradores da fazenda e do bairro Tijuçu, aqueles que foram os herdeiros e usuários das antigas áreas comunais, quando dão posse às famílias italianas. Estes antigos moradores foram expulsos por grileiros. Esses sentimentos chegam às “vias de fato” com invasões e depredações, como a relatada em abril de 1883, com vandalismo e demolições em um sítio além do Córrego dos Meninos. Agravaram-se as animosidades em 1889 quando cria-se o município de São Bernardo, entregando a São Paulo as terras além do Córrego dos Meninos, as comunais, em disputa ou griladas, com os lotes remanescentes do Núcleo Colonial na atual Vila Carioca – rompem-se os vínculos beneditinos que conectavam estas terras a São Caetano, hoje vinculados à Vila Carioca.

Para os 161 colonos recém-chegados ao fim de 11 meses da instalação do núcleo, sua estadia resultou em 26 mortos (16% da população), mormente crianças, assolados por doenças como tifo, oftalmia purulenta, febre tifoide, diarreia, reumatismo e, principalmente, incompreensão, ressentimento ou estranhamento. Para os colonos, a casa grande e seu complexo de edificações, canais e muros, não se conectavam a uma bem-sucedida economia industrial beneditina, mas sim à desdita, à hospedagem nas “casinhas” da senzala, à árdua vida em

um território novo, às vezes hostil, com abandono e morosidade burocrática nos assentamentos. Restava-lhes a fé, na capela, já apequenada e desgastada, como local para prover alento no santo padroeiro, São Caetano, que, como eles, também havia nascido na Itália.

O abandono oficial se dará, primeiramente, quando ocorreu o cancelamento do fornecimento de víveres, em dezembro de 1878, que terminará por emancipar o núcleo menos de dois anos após sua criação - irá retirar tutela e diárias deixando-os à própria sorte. Essas ações terminaram com a ruptura entre os dois modelos de ocupação do espaço beneditino: os colonos não se sentiram conectados àquele espaço herdado, enquanto os antigos moradores sentiram-se expatriados da herança espacial.

O Núcleo Colonial será reativado em janeiro de 1886 para atrair novos colonos italianos na chamada Grande Imigração (pré-republicana) entre 1886 e 1888. O Império buscava alternativas para substituir o trabalho escravo, uma vez que a abolição era inexorável. Assim, um núcleo colonial, tão próximo à capital, serviria de vitrine, exibindo a “independência e sucesso” de um imigrante europeu e “empreendedor”. A segunda leva de colonos associou-se a este ideário - mesmo que a vicissitude negasse. Como exemplo disto, o romancista Júlio Ribeiro, em

sua obra *A Carne*, de 1888, menciona os vinhos produzidos no núcleo, com a marca “São Caetano”, como produtos de qualidade. Porém, a contaminação de videiras pela praga filoxera gerará uma quebra da qual estes agricultores não se recuperarão - venderão seus lotes rurais para especuladores ou empreendedores industriais à busca de terrenos baratos à beira da linha férrea. Entre 1890 e 1891, o Banco União, pertencente ao senador Lacerda Franco, adquirirá quase 30% das terras do Núcleo Colonial. Alguns colonos remanescentes abandonarão a atividade de cultivo para dedicarem-se ao extrativismo industrial já consagrado no período beneditino: a cerâmica, agora com olarias organizadas somente pelo trabalho assalariado.

Em abril de 1888, o recenseamento apontou 314 habitantes instalados em somente 20 casas definitivas ao lado de efêmeros 13 ranchos - além do próprio nacional, a casa grande, usada como administração e escola, a senzala, ainda usada como habitação provisória, e a capela, destinada à fé. Em outubro de 1898, argumentam com a diocese que a capela estava em estado ruinoso e pedem autorização para edificar sobre ela uma nova igreja.

O espaço da fé e do sagrado, representado pela capela, teria de ser reconfigurado às expectativas e visão do colono italiano. O espaço beneditino, regido pela

dubiedade, construído por técnicas coloniais, na dualidade barroca, baseado na dubiedade do trabalho escravocrata e foreiro, havia de ser revisado. Os colonos adotaram essa terra e buscavam afirmar-se como uma contribuição “europeizante” às práticas nativas anteriores, assim, nada mais significativo que erguer uma igreja maior, assentada sobre tijolos, de mãos italianas e assalariadas, sobre os alicerces da capela beneditina. Desta forma, a partir de 1899, os “empreendedores independentes” doaram à nova igreja seu conhecimento, seu tempo, seus braços e os tijolos. Reconfigurariam o lema beneditino para *Ora et Honoris*.

Simultaneamente, sobre as ruínas dos fornos beneditinos surgira em 1879 a Olaria Paulista e, 14 anos depois, estas instalações passaram para a Pamplona e Cia. que produzirá sabão e graxa, a partir de insumos animais, empregando entre 30 e 40 operários - talvez aqueles que lhes venderam suas terras, quando passaram de agricultores malsucedidos a operários. Já na década de 1890, estes imigrantes haviam buscado proteção ao criar a irmandade *Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli* que, por meio de doações dos sócios, buscava suprir as promessas não atendidas: assistência médica e funerária, remédios, conforto e sociabilidade aos seus associados - e, principalmente, promover comemorações em data cívicas (italianas) e religiosas.

O espaço da antiga fazenda beneditina era ordenado em três esferas: a de integração de atividades administrativas e educacionais na casa grande; de acolhimento, nos “quartinhos” da antiga senzala, onde os imigrantes aguardavam a delimitação e entrega de lotes; e de sociabilização, junto ao pátio interno, ao redor da capela e frente ao adro para as celebrações religiosas e cívicas. O arruamento também era ordenado pela herança beneditina, uma vez que acompanhava o traçado do Caminho Velho do Mar, acrescido agora dos caminhos das olarias, das plantações e das poucas indústrias recém-chegadas. Surge assim a denominação de Bairro da Ponte – graças à sua ligação com São Paulo sobre o Tamanduateí, conforme já fora ordenado através do Velho Caminho do Mar.

No alvorecer do século 20, o velho caminho ramificava-se em poucas ruas e esparsas casas. O trabalho seguia agora nas indústrias de formicidas, graxas, velas, bebidas, pólvora, botões e na persistência da olaria, com cerâmica e louça. No trajeto ao trabalho, os moradores cruzavam-se com um pequeno comércio: dois bares, três vendas, uma padaria, um verdureiro e até um sorveteiro. O relógio de sol desaparecera e junto com ele, o muro da fazenda beneditina. O espaço-tempo que regia o trabalho esparso beneditino passa a reger-se pela rotina repetitiva e diária na indústria.

A fotografia a seguir, de 1908, frente à igreja, ainda sem sua torre, demonstra o uso do espaço social com os moradores à espera da procissão. Esse espaço, ao fundo, alonga-se em direção à Vila Carioca. Na lateral direita, ainda vemos parte do telhado da senzala, mas não vemos a casa grande à esquerda; pouco resta do jardim beneditino, salvo suas palmeiras. Na foto, vemos a igreja em construção ostentando o trabalho coletivo dos moradores. As paredes estampam tijolos e orifícios de andaimes, ainda sem revestimento. Sugere-se um espaço público que circunda a igreja, que toma a área do adro e do alto cruzeiro já desaparecido.

Podemos notar, pela imagem, que o eixo central da via à frente da igreja, atual Rua 28 de Julho, não está no centro da edificação, mas no eixo do complexo beneditino – casa grande, igreja (erguida sobre as fundações da capela) e a senzala. Assim, evidencia-se a intencionalidade proposta para os lotes urbanos do Núcleo Colonial ao valorizar o sistema de espaços livres, na interconexão entre os lotes urbanos e a futura Vila Carioca, como uma área de sociabilização e interconexão, tal como representado no círculo à esquerda.

Notamos ainda, na imagem, que entre os moradores à espera da procissão há uma grande



População de São Caetano reunida frente à igreja (ainda inacabada) em junho de 1908, pronta para a procissão de Santo Antônio. Ao fundo, à esquerda, o círculo com espaço livre atrás da atual Praça Comendador Ermelino Matarazzo e, à direita, o círculo onde aparece parte do telhado da senzala beneditina

quantidade de crianças e jovens. Pareceria estampar o início de uma era, a transição do espaço beneditino ao espaço imigrante, deixando para trás as construções beneditinas e celebrando a construção da capela de um santo italiano.

Os demais espaços livres recebem, aos fins de semana, os trabalhadores, seus uniformes e a bola de futebol. Era o habilitado time do Trupica (mas não cai), depois denominado Lazio, cujo campo ocupa, a princípio, o que restou do cemitério beneditino, mas próximo do Brasil Futebol Clube. Ambos disputam a hegemonia com o São Caetano Esporte Clube, este filiado à Associação Paulista de Esporte Amador e campeão do interior do Estado em 1928. As celebrações poderiam ser no Bar do Momi, na Venda do Perrella ou no Luiz sorveteiro – desde que não se contestassem as decisões do juiz Zé Maria.

Os trabalhadores da Pamplona e Cia. acompanham as mudanças na administração da empresa, inicialmente arrendada e, posteriormente, comprada, em 1916, por Francesco Matarazzo, que opta por instalar em São Caetano um polo industrial verticalizado, mais tarde denominado Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo (IRFM). Os espaços abertos de sociabilização serão reduzidos sistematicamente, ocupados pelas sucessivas ampliações desse polo industrial

sobre casas, ruas e espaços livres.

Havia certa lógica no interesse de Francesco Matarazzo pela Pamplona, afinal seu primeiro empreendimento de sucesso, em Sorocaba, foi embalando banha de porco – ele conhecia insu- mos animais e daria, por meio deles, um salto industrial verticalizado. À produção de graxas soma-se, em 1922, o curtume, depois transformado em fábrica de sulfureto de carbono, utilizado no seu processo industrial. Em 1926, inclui também a fábrica Visco-Seda Matarazzo (na época destacada como inovadora), da mesma forma, seguem as fábricas de papel, papelão e celulose, em 1930, e as Louças Claudia, em 1935, líder na fabricação de louças e azulejos. As indústrias químicas do grupo seguiriam com a fábrica de ácidos, em 1936; sulfato de alumínio, em 1939; soda cáustica e hexacloro, em 1948; de acetileno, em 1955; e cálcio, em 1955, culminando com a de ácido sulfúrico, em 1961.

A unidade fabril das IRFM em São Caetano era uma das maiores do grupo. Em seu auge, a Matarazzo contava com 365 fábricas, produzindo verticalmente açúcar, álcool destilado, amido de milho, aparelhos de louça, arroz, azeite, azulejos, banha, bebidas, biscoitos, esmaltes, farinha de trigo, formicida, fósforo, inseticida, mandioca, margarina, marmelada, massas, milho, mortadela, óleo, pa-

pel e papelão, perfumes, pregos, presunto, sabão, sabonete, sal, sanitários, saponáceo, seda artificial, soda cáustica, tecidos, tintas, velas e vernizes. Francesco Matarazzo, fundador do grupo, nascido na Itália e chegado ao Brasil em 1881, com 27 anos, era a representação da era inicial da industrialização. Personalista, intuitivo, baseava-se na produção verticalizada, amparada por financiamentos de bancos estrangeiros, distribuindo sua produção por linhas férreas – daí a importância da localização de São Caetano juntamente aos seus terrenos baratos.



Dístico da família Matarazzo estampado na fachada da Cerâmica Matarazzo

Francesco Matarazzo visitava a unidade de São Caetano semanalmente, às quintas-feiras, pela manhã. Passava pelas instalações, conversava com todos, de gerentes a operários – mormen-

te, com estes, em italiano – porém as decisões eram verticais, personalistas e autocráticas. Ao sair, antes de entrar no carro, conversava com as crianças nas ruas, distribuía balas, perguntando sobre seus pais, a escola e os futuros empregos na fábrica – também em italiano. Paternal, autocrata e personalista. O brasão da família Matarazzo ostentava o dístico *Fides, Honor, Labor* (Confiança, Honestidade e Trabalho), conforme vemos na imagem na página anterior, portanto a fidelidade e a confiança dos trabalhadores baseavam-se nas mútuas ligações, compartilhando a origem italiana. Fidelidade e Trabalho. Agora altera-se o *Ora et Labora*, do final do século 19, para incluir *Honor et Fides*, mas permanece *Labor* – trabalho persiste nesse território.

Inicialmente, as ruas que se ramificavam do Caminho do Mar – Rua Um (posteriormente Rui Barbosa) e Dois (poste-

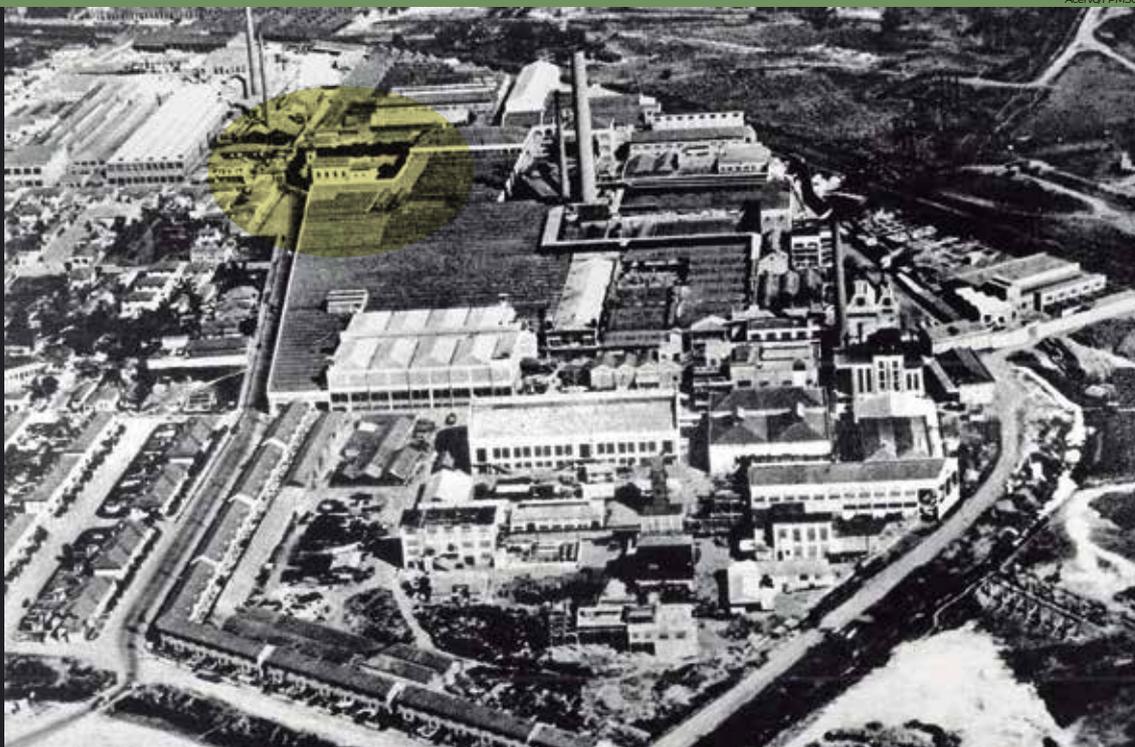
riormente Rua Ceará) – têm suas casas adquiridas e, ao fim, também a rua em si passa a pertencer à Matarazzo, em 1939, por permuta com a prefeitura de Santo André. O Córrego dos Meninos é desviado para abastecer a fábrica de rayon e seus filtros ocupam a esquina das ruas Mariano Pamplona (nova denominação do trecho inicial do Velho Caminho do Mar) e Ceará. Em contrapartida, pouco menos de dois anos depois, a prefeitura de Santo André concede o alvará de construção para 79 casas destinadas aos funcionários – a Vila Matarazzo – construída no perímetro da fábrica e ultrapassando os limites municipais, na margem direita do Tamandua-teí.

A necessidade territorial das IRFM avança sobre os terrenos reservados para a ampliação de espaços livres para socialização, em direção ao Córrego dos Meninos, e circunda a Igreja São

Caetano (então Matriz), deixando a lateral à sua esquerda para a Praça Ermelino Matarazzo – esta também circundada em três laterais pelas instalações da indústria. A igreja está encapsulada pela fábrica, como verificamos na imagem a seguir. O trajeto casa-trabalho estreita-se. Os espaços de interação social restringem-se. Os campos de futebol de várzea esvaem-se. Também os córregos se submetem à dinâmica da indústria com seus cursos alterados tornando suas águas turvas.

Perdem-se os rastros das edificações da casa grande, da senzala e das demais edificações beneditinas. O relógio de sol fora substituído pelo apito da fábrica. Entre as décadas de 1940 e 1950 as IRFM completaram sua expansão, não havendo mais espaços abertos, ela ocupava e centralizava o Bairro da Fundação – não mais Bairro da Ponte.

Assim, na metade do sécu-



Vista aérea das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, na década de 1950, destacando acima, à esquerda, a Igreja São Caetano totalmente encapsulada pelas instalações da indústria

lo 20, a cidade deixa de ser um “povoado-estação”, dependente da conjunção das estações-indústrias-loteamento iniciante, irradiando sua malha entre as indústrias e a linha férrea, tendo as casas construídas pelos próprios moradores/operários e as vilas operárias criadas pelas fábricas. A expansão urbana se caracteriza pela abertura de ruas e não mais pelos lotes, permitindo uma organização espacial que avança para o “outro lado da linha férrea”, no Centro novo. Estimulando o surgimento de oficinas e salões comerciais em sobrados de usos mistos que abastecem os bairros nascentes em São Paulo, como Vila Califórnia, Vila Bela, e parte da Vila Prudente, e bairros novos em São Caetano, servidos por linhas de ônibus sobre ruas calçadas, conectando centros comerciais satélites à estação.

A perda de importância do núcleo fundacional se reflete na decisão política de criar a sede da prefeitura, após a emancipação de Santo André, em 1º de janeiro de 1949, em um espaço “do outro lado da linha do trem”, refletindo, na dinâmica do comércio e na qualidade das moradias, a imagem da modernidade pretendida pela estreatante administração. Também a perda de representatividade da Igreja São Caetano se fez sentir quando, em 1937, surge uma ampla igreja, a Matriz Nova, denominada, em 1954, de Igreja Matriz Sagrada Família.

A década de 1950 finda com acontecimentos que afastam moradores do bairro com inundações e transbordamentos dos córregos Tamanduateí e dos Meninos. O cheiro forte das chaminés da Matarazzo contribui para desestimular moradores. O padrão industrial verticalizado na indústria esgota-se com ingresso no ABC das indústrias multinacionais ágeis e descentralizadas, de um período automobilista.

A situação de trabalho na Matarazzo era de difícil à péssima, devido aos desgastados processos de produção – cheiros fortes, contaminação e arrochos salariais. (...)

Soma-se a esse fator, a situação combatida das IRFM que ainda se recuperam dos desgastes da primeira sucessão, com dificuldades para se manter no ritmo de crescimento. Decaem investimentos e mingam inovações nos processos industriais, demonstrando ao mercado sua obsolescência, conduzindo a uma

perda de participação nos mercados, cedendo assim espaço aos concorrentes – não mais eram líderes em quaisquer segmentos.

A situação de trabalho na Matarazzo era de difícil à péssima, devido aos desgastados processos de produção – cheiros fortes, contaminação e arrochos salariais. Greves nas unidades de rayon e de cerâmica, com forte reação da diretoria, deixam claro que *Labor et Honor* não mais estavam em sintonia.

As perdas das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo refletem nas perdas de empregos nas unidades, que sucessivamente encerram atividades, findando em 1977, quando a fábrica de rayon e sulfureto põe fim às atividades - sintomaticamente aquela que, em 1926, era a indústria inovadora. Seguem-na as unidades de cloro, soda cáustica, celulose e resinas. Ao fim, na década de 1980, ainda permaneciam funcionando as unidades de formicida e de cerâmicas – não mais de 800 funcionários em um complexo obsoleto e em abandono.

A situação dos funcionários remanescentes na unidade de formicida gerara ações do Sindicato dos Trabalhadores Químicos do ABC que tinham por objetivo denunciar o descaso com os funcionários, com os processos produtivos obsoletos e as fontes de contaminação. Por meio de um Programa de Saúde dos Trabalhadores Químicos

em conjunto com os Centros de Saúde do Trabalhador, se confirmam as suspeitas de contaminação com 30 casos de leucopenia, proveniente da contaminação por BHC (Hexacloro-ciclohexano) em funcionários das IRFM.

O BHC é um organoclorado empregado como inseticida, cuja intoxicação pode ocorrer por absorção cutânea, ingestão ou inalação. Ações mais graves ocorrem no sistema nervoso central, fígado, rins e medula óssea, podendo comprometê-los irreversivelmente. Devido à redução dos glóbulos brancos, uma pessoa com leucopenia está sujeita a contrair doenças e até mesmo morrer de infecções, principalmente respiratórias. A leucopenia pode evoluir para quadros mais graves, como a leucemia ou a aplasia da medula (incapacidade de a medula óssea produzir células sanguíneas).

Não bastassem os riscos da produção industrial, havia a negligência com as instalações ultrapassadas e sem manutenção, onde pisos com saliências, depressões, escadas inseguras, sem corrimão, ou sacadas sem guarda-corpo, agravavam os riscos aos trabalhadores, já que o benzeno, ao atacar o sistema nervoso, pode provocar tonturas, nervosismo e vertigens.

À medida que os fiscais avançavam dentro da fábrica, mais saltavam aos olhos os descasos, como no refeitório do térreo, utilizado para aquecer marmitas e fazer refeições, com filtros de água, mesas e cadeiras, que estava praticamente

dentro do pavilhão de produção e secagem do BHC.

A Matarazzo possuía licença especial para fornecer o produto para a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam), órgão da Secretaria Estadual da Saúde que empregava o BHC no combate ao barbeiro, transmissor do Mal de Chagas. A comercialização desse formicida produzido com BHC era feita com a identificação, nas notas fiscais, como talco. O risco desse formicida pode ser sintetizado na combinação de “dois venenos”: o cloro e o benzeno.

A segunda inspeção de 22 de outubro de 1980 contou com a presença do delegado de trabalho, equipamentos para detecção de gás e vapor, analisadores de vapores e cromatógrafos. Os trabalhadores foram encaminhados para avaliação na Secretaria da Saúde. Os fiscais trouxeram um aparelho próprio para as medições de benzeno e ficaram duas horas dentro da fábrica em pleno funcionamento. Resultado: todos os locais avaliados apresentavam concentrações de benzeno muito acima do limite de tolerância permitido pela lei (na época 8 ppm). Os índices variavam entre 20 e 100 ppm. Em certos pontos, os trabalhadores respiravam diariamente 120 vezes mais benzeno do que o máximo permitido pela legislação da época.

Como uma das últimas fábricas no mundo a produzir BHC, a Matarazzo optou por encerrar as atividades, ante à alternativa de adequar sua produção às exigências

da Delegacia Regional do Trabalho e da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) – optou também por remanejar seus trabalhadores ainda ativos para outras unidades.

Por fim, em 7 de abril de 1987, falece de leucemia, no Hospital Brigadeiro de São Paulo, Pedro Mangueira Filho, contratado em 1973 pela Matarazzo como mecânico de manutenção, contaminado por BHC e portador de leucopenia. Declarado oficialmente como a primeira vítima de contaminação, era a constatação de que não haveria *Labor* porque não se promoveu *Honor et Fides*.

As instalações industriais passam do abandono à destruição. Os embates judiciais sucedem-se às restrições de ocupação, circulação e uso – excetuam-se as casas da Vila Matarazzo, ainda habitadas, mesmo que sejam lindeiras à área de produção e contaminação, não foram consideradas em nenhuma ação dos órgãos técnicos.

A partir do ano de 1993, a prefeitura de São Caetano do Sul retoma as festividades do Núcleo Colonial, para o padroeiro São Caetano, promovidas como Festa Italiana, durante todos os finais de semana do mês de agosto, na Praça Comendador Ermelino Matarazzo, agora encapsulada por uma fábrica abandonada e em ruínas. A festa homenageia os imigrantes italianos do Núcleo Colonial, com barracas oferecendo comidas típicas e apresentações artísticas. Promove-se uma imagem do sucesso

de imigrantes - à sombra melancólica das ruínas das IRFM e do apagamento da memória do trabalho. O tom é de exaltação a esses “destemidos precursores que das itálicas terras a estas terras aportados com indômita pujança abriram o caminho ao hodierno progresso”, conforme placa comemorativa de 1927 na lateral da Igreja São Caetano. Trata-se da tentativa de recuperar o *Honor*, mesmo sem *Labor*.

Este território de *Ora et Labora*, passara por *Fides*, *Honor*, *Labor* para um apagamento de mais de 30 anos, desde o encerramento da produção - uma vez que ele permanece inerte à reintrodução no tecido urbano, faltam-lhe interações, sociabilização, trabalho e diversidade. Contaminado e em ruínas. Realiza seu capital social e patrimonial anualmente aos finais de semana do mês de agosto, durante a Festa Italiana.

As diversas possibilidades de integração foram perdidas em diversos momentos. A primeira delas com a perda da área de expansão junto ao complexo beneditino em direção a São Paulo através da Vila Carioca. Com isto, restringiram-se as interconexões espaciais com os bairros contíguos - características da fazenda beneditina, com espaços de interação social e religiosa.

Depois vieram a perda da sociabilização nas ruas e áreas livres, com a permuta das ruas Ceará e Rui Barbosa. A venda e a permuta extinguíram não somente residências, pavimentações, lotes,

terrenos baldios, etc, mas interações entre residências, comércios e lazer.

A terceira possibilidade perdida fora a homogeneização da paisagem com a Vila Matarazzo, quando o trajeto casa-trabalho restringiu a diversidade, interação e cidadania. A quarta descontinuidade se deu com a interdição do território pela contaminação, consequentemente a degradação das edificações industriais terminaram por extinguir a memória cotidiana do trabalho operário, destituindo-o da dignidade operária.

Como resultado dessa descontinuidade e segregação no território, há o apagamento de memórias históricas, já que a contaminação ainda impede a escavação arqueológica para o resgate das memórias beneditinas; da memória industrial, com a demolição das edificações de Matarazzo.

Este território não desenvolveu resiliência que permitisse recompor uma urbanidade, já que escasseiam espaços de sociabilização e não há um convite à diversidade, já que ainda continua organizado espacialmente para uma modalidade industrial que não se realiza mais. Também não realiza integralmente o capital social, fundacional, histórico e patrimonial que tem. As interconexões espaciais e sociais permanecem à espera de uma ação de superação de malsucedidas experiências - nada mais que erros não assimilados de *Labor et Honor*. ■

Enrique Grünspan Staschower é arquiteto graduado pela Universidade Braz Cubas, e mestre em Culturas e Identidades Brasileiras, pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Atua como docente nos cursos de Arquitetura e Urbanismo da Fundação Santo André e da Universidade Anhanguera. É autor dos livros *Arquitetura Brasileira - da Arquitetura Colonial às Divergências no Modernismo e Arquitetura e Urbanismo - Paisagismo de Jardins e Plantas Ornamentais*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABC, Sindicato dos Químicos do (Ed). CETESB confirma que área da Matarazzo está contaminada. 2011. Disponível em: <<http://quimicosabc.org.br/print/?url=http://quimicosabc.org.br/noticias/cetesb-confirma-que-area-da-matarazzo-esta-contaminada-1205/>>. Acesso em: 23 jan. 2019.
- BLECHER, Nelson. O maior do Brasil, um dos maiores do mundo. Revista Exame, São Paulo, v. 16, n. 8, p.73-76, 20 out. 2004. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/noticias/50-maior-do-brasil-um-dos-maiores-do-mundo-000515/>>. Acesso em: 2 nov. 2019.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira et al. Décimas urbanas e censos: a dimensão material e visual de vilas e cidades em fontes textuais. Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v. 10, n. 1, p. 4-53, 2018.
- CALICIO, Everton. 100 Anos de Matarazzo em São Caetano do Sul: uma cronologia fabril. Raízes, São Caetano do Sul, n. 43, p. 41-46, dez. 2012.
- CAMPOS, Eudes. A vila de São Paulo do Campo e seus caminhos. DPH, p. 11, 2006.
- CARAM, A. L. B. Vilas operárias: industrialização e urbanização. Raízes, São Caetano do Sul, n. 27, p. 48-55, jul. 2003.
- CARVALHO, Cristina Toledo de. A presença dos monges beneditinos na São Paulo colonial (1598-1792). Revista Eletrônica Espaço Teológico (REVELETEO), n. 2, 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/6752/4883>>.
- COSTA, Danilo Fernandes. Prevenção da exposição ao benzeno no Brasil. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2009.
- CUNHA, Rodrigo César de Araújo. Avaliação de risco em áreas contaminadas por fontes industriais desativadas - Estudo de caso. 1997. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Geociências, Departamento de Pós-Graduação em Recursos Minerais e Hidrogeologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- LANGENBACH, Rodrigo César de Araújo et al. In: Avaliação de risco a saúde da população em decorrência da exposição aos contaminantes provenientes da área das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM). Relatório CETESB. São Caetano do Sul, 1998.
- DEAN, Warren. A Industrialização de São Paulo (1880-1945). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.
- FERRARA, Luciana Nicolau et al. A luta pela permanência: conflitos e conquistas no Debate da Operação Urbana Consorciada Bairros do Tamanduaí, a partir da Organização do Mdf e da Favela da Vila Prudente, São Paulo. In: Seminário Urbafavelas 2016, 2, 2016, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Urb Favelas, 2016, p. 1 - 18. Disponível em: <<http://eapur.com.br/wp-content/uploads/2017/12/18-A-luta-pela-permanencia.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 20.
- FREITAS, Gustavo. Gerenciamento de áreas contaminadas em obras de infraestrutura Conam - Consultoria Ambiental, 2012. Disponível em: <https://www.seesp.org.br/site/images/escop2012/gustavo_freitas.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2019.
- GARBELOTTI, Oscar. Censos do Bairro da Ponte (1920-1940): depoimentos de Duilio Giorgetti, Mero M. Basso (Miro) e Amabile Piccolo Basso. Raízes, São Caetano do Sul, n. 6, p. 50-58, jan. 1992.
- KENDE, Pedro. IME - A primeira refinaria de petróleo do ABC. Raízes, São Caetano do Sul, n. 25, p. 11-22, jul. 2002.
- LANGENBACH, Juergen Richard. A estruturação da Grande São Paulo - Estudo de geografia urbana. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1971.
- _____. Os núcleos de colonização oficial implantados no planalto paulistano em fins do século XIX. Boletim Paulista de Geografia, n. 46, p. 88-106, 1971.
- LEFÈVRE, Henri. Prefácio: a produção do espaço. Estudos Avançados, v. 27, p. 123-132, 2013.
- LENCIONI, Sandra. Reestruturação: uma noção fundamental para os estudos de transformações e dinâmicas metropolitanas. In: Encontro de Geógrafos da América Latina VI, Buenos Aires, Universidade de Buenos Aires, 1998b, p. 1-10.
- MARCOVITCH, Jacques. Pioneiros e empreendedores - A saga do desenvolvimento no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2003.
- MARTINS, Jose de Souza. A escravidão em São Caetano (1598-1871). São Caetano do Sul: CEDI-Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1988.
- _____. A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano. Raízes, São Caetano do Sul, n. 5, p. 4-16, jul. 1991.
- _____. Diário de fim de século. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória São Caetano do Sul, 1998.
- _____. Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo, São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992.
- _____. O imaginário na imigração italiana. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2003.
- _____. O Porto Geral. Raízes, São Caetano do Sul, n. 41, p. 17-26, jul. 2010.
- MEDICI, Ademir. De volta à velha fábrica. Raízes, São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, n. 6, p. 45-49, jan. 1992.
- _____. Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993.
- _____. Um livro que ensina a fazer memória: Em 12 de janeiro... Diário do Grande ABC Santo André, p. 6, 13 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/Noticia/284533/um-livro-ensina-a-fazer-memoria>>. Acesso em: 13 dez. 2018.
- OLIVA, Jaime Tadeu; FONSECA, Fernanda Padovesi. O "modelo São Paulo": uma descompactação antiurbanidade na gênese da metrópole. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 65, p. 20-56, 2016.
- PASSARELLI, Silvia Helena. O diálogo entre o trem e a cidade: o caso de Santo André. 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU-USP, São Paulo, 1995.

JOSÉ PAOLONE



NESTA EDIÇÃO FALAREMOS SOBRE JOSÉ PAOLONE, que dá nome a uma rua de São Caetano. Esta via tem início no final do Viaduto da Independência e termina na Avenida Goiás, quando tem seu nome alterado para Rua Oswaldo Cruz.

José Paolone, italiano da Sicília, nasceu em 19 de janeiro de 1874. Era casado com Maria Ana Corsano, com quem teve sete filhos: Paschoal, Algelina, Imbriane, Américo, Itália, Líbia e Leônidas. Em 1897, chegou à região, estabelecendo-se em Paranapiacaba. Iniciou suas atividades no local como açougueiro e alfaiate. No ano de 1914, formou-se em Contabilidade pela Academia de Comércio da Rua Direita, em São Paulo. Em 1918, formou-se em Farmácia.

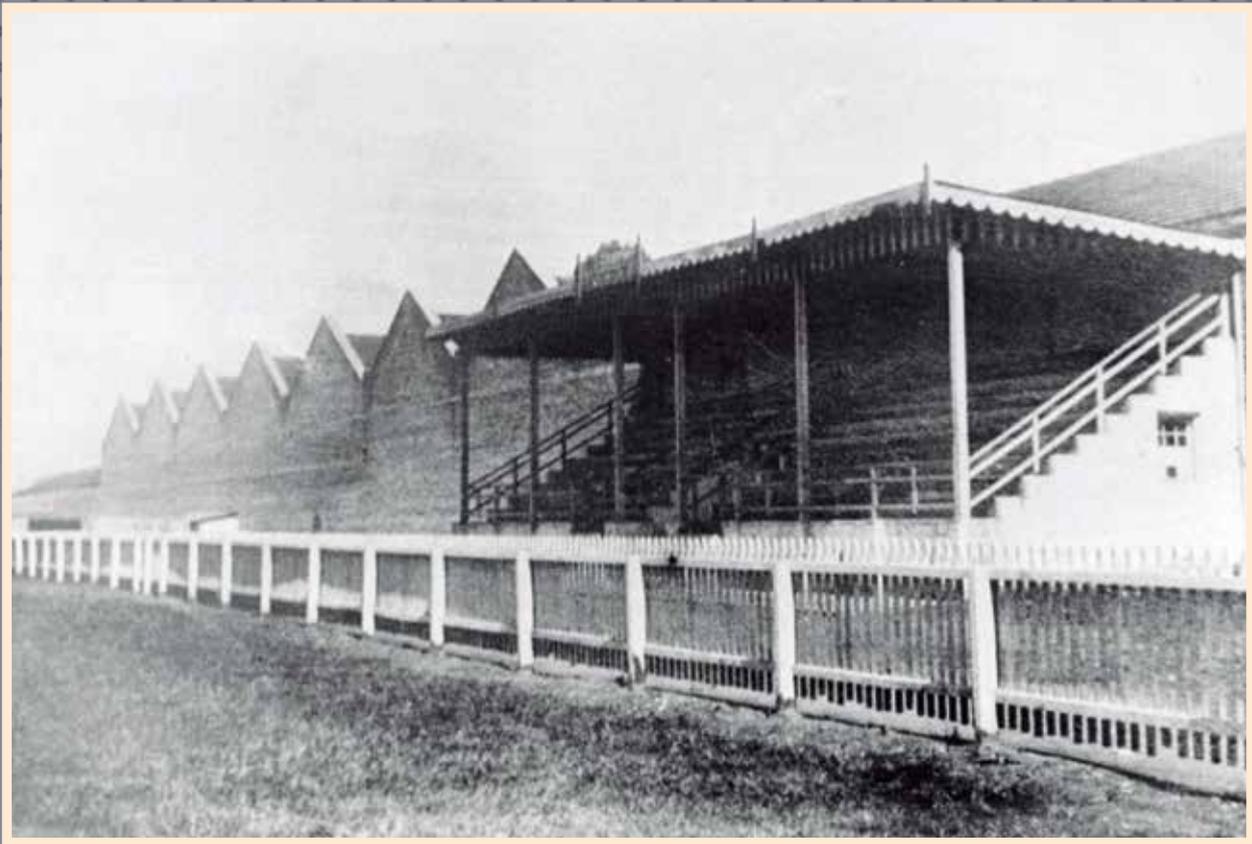
No ano de 1921, mudou-se com a família para São Caetano e, na Rua São Caetano (atual Avenida Conde Francisco Matarazzo), fundou a Farmácia Paolone, dirigida com a colaboração de seu filho Imbriane Paolone, também farmacêutico formado. Ingressou na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro e, em 1928, aos 55 anos de idade, colou grau. Paolone era muito conhecido e prestigiado em São Caetano. Foi um dos idealizadores do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, tendo sido seu primeiro presidente. Como representante do consulado italiano, em São Paulo, ajudou a colônia italiana, facilitando a entrada e saída de italianos no Brasil - serviço que lhe valeu, depois de alguns anos, a outorga, pelo Rei Victor Emanuel, da Itália, do título de Cavaleiro da Coroa. ■

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados serão incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal

Doação Hugo Tornincasa

Inauguração da Estação de Bonde (Tramway) de São Caetano, localizada na Rua Serafim Constantino, próximo à antiga Estrada de Ferro Santos-Jundiá, em 3 de maio de 1923





Campo do São Caetano Esporte Clube, na Rua 28 de Julho, em foto de 1932

São Caetano Esporte Clube e a cidade

 Narciso Ferrari

SÓCIOS E SIMPATIZANTES DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE (SCEC) estão sempre questionando o motivo pelo qual não há divulgação da mídia sobre a participação da agremiação no desenvolvimento de São Caetano do Sul, não só no aspecto esportivo, mas até mesmo no político. Faremos aqui o relato de alguns acontecimentos, iniciando com as atividades da área de futebol, que sempre foi um dos destaques do clube, no Estado e até mesmo no exterior.

Um dos atletas revelados pelo SCEC foi José Fiorotti, que iniciou sua trajetória no Brasil Futebol Clube, associação de várzea do Bairro da Fundação. Foi campeão do interior, em 1928, pelo SCEC, e, posteriormente, foi contratado pela Associação Portuguesa de Desportos e pelo São Paulo Futebol Clube. Atuou na seleção paulista, foi técnico e jogador do Goiás Futebol Clube, depois foi dirigir o Sport Club do Recife, levando dois atletas de São Caetano, o goleiro Ettore Manilli e Albino Martorelli. O primeiro não aceitou as condições, enquanto o segundo ficou jogando no clube pernambucano.

Outro atleta de destaque do SCEC foi Walter Marciano de Queiroz. Segundo os entendidos, foi o melhor jogador de futebol da cidade. Ele veio da Portuguesa de Desportos, depois foi para o Clube Atlético Ypiranga,

em seguida para o Santos Futebol Clube, Club de Regatas Vasco da Gama e, finalmente, vendido ao Valencia, da Espanha. O jogador faleceu em 1961, em um acidente automobilístico, quando seu veículo chocou-se com um caminhão na estrada, na volta de uma visita ao craque Antonio Puchades. Outros dois jogadores, Luiz Cole e Sócrates Berenguer, também estavam no carro, mas sobreviveram.

A conquista maior do clube foi no campeonato do Interior de 1928, quando foi campeão, em 24 de março de 1929, e venceu o Botafogo, de Ribeirão Preto, por 2 a 0, no campo do Clube Atlético Silex, no Bairro do Ipiranga, com gols de Zanella e Henrique Lorenzini. Foi também campeão em 1930, vencendo o Oriente Futebol Clube, da capital, por 2 a 1. Repetiu a façanha em 1940, nos primeiro e segundo quadros, ao vencer o Vasco da Gama por 5 a 0. Todos os jogos foram competidos pela Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea). O clube ingressou no campeonato da segunda divisão de profissionais da Federação Paulista de Futebol em 1948 e o disputou até 1954, tendo sido campeão em 1948, 1952 e 1953.

Os técnicos que dirigiram o clube na segunda divisão de profissionais foram Pedro Cardoso (filho de Gentil Cardoso), Hélio

Geraldo Caxambú, goleiro do São Paulo F.C., Luís Pereira, conhecido como canhão do Parque Antártica, e Caetano de Domenico (por pouco tempo). Entretanto, o que mais se destacou foi Francisco Marinotti, que colocou o time no quadrangular final por três vezes.

Por curiosidade, alguns atletas que eram da cidade foram jogar em outros clubes e nunca vestiram a camisa do SCEC, são eles: Reinaldo Zamai, Valentino Chies e Antonio Gonçalves, do C.A. Ypiranga, Radamés Nobile, da Portuguesa Santista, Dionízio Sturaro, do Clube Atlético Juventus, Jackson Fulen, do Corinthians, Pedro Bernardi e Luís Pereira, do Palmeiras. Também foi revelado pela tenista Cássia Lorenzini, o Carlos Bernardi, considerado o melhor árbitro de tênis da Europa na atualidade.

No basquete, o SCEC já disputou a segunda divisão de profissionais, na década de 1940. Apesar de ter uma equipe com grande potencial, perdeu o título em 1949, por invasão da quadra, em jogo contra o Clube Atlético Nacional, sendo que teve que jogar fora perdendo para o Palmeiras.

Atletas que faziam parte daquela equipe de basquete: Losch e Celidônio Garcia, Aldano de Moraes, Alceu Bragato, Netinho, Miguel Batista, Gonçalves, Amilcar Romaldini (pai do pneumologista do Hospital Al-

bert Einstein, Hélio Romaldini), Lauro Veronesi, Maxidoro Penachi e José Crivelaro, que foi campeão paulista de lance livre, e outros, como técnico José Facci, que vinha da capital. Posteriormente, houve uma equipe juvenil com Alex Sivuchin, Eduardo Nahkur, Edson Naranjo, sob o comando de Aurélio Meloni, que consagrou-se vice-campeã do ABC.

No vôlei, a equipe do São Caetano Esporte Clube enfrentava os melhores clubes da cidade e da vizinha Santo André em igualdade de condições, chegando a competir com o Clube Atlético Aramaçan, o Primeiro de Maio Futebol Clube e o General Motors Futebol Clube. Havia três concorrentes fortes na cidade, o Centenário, o Unidos Clube e o Cerâmica Futebol Clube. O técnico que incentivava o esporte era Eduardo, conhecido como Dado.

Outra modalidade mantida pelo clube era o futebol de salão, dirigida por Nicola Della'Maggiore e João Balsamo. Desta equipe, dois atletas foram profissionais: Airton, no São Paulo F.C., e Marcio Della'Maggiore, na Associação Portuguesa de Desportos. Entretanto, quem dominava este esporte era o Primeiro de Maio, de Santo André, clube que, por possuir ginásio, tinha a preferência dos atletas.

Os eventos sociais do clube somente passaram a ocorrer quando a sede mudou para a Rua Perrella (isso aconteceu em 1933). A pri-

As festas no novo salão eram concorridas, além dos bailes e matinês, à noite compareciam somente familiares. Eram promovidos bailes de aniversários, de carnaval, de primavera (...)

meira sede, na Rua 28 de Julho, tornou-se pequena, já não comportava a presença do público.

O clube sempre contou com a presença de mulheres muito elegantes para a época. Podemos citar algumas delas: Nanci Lovato (casada com Elizeu Sant'ana), Norma Dal'Mas (esposa de Mário Dal'Mas), Mirtes Dall'Antonia (esposa de Ari Cesar Burlamarque), Iracema Valmondes (casada com Orlando Tirone) e Carmem Barbieri Garcia (esposa de Lauriston Garcia). Os dançarinos de São Bernardo do Campo e de Santo André chamavam o SCEC de "o clube de mulheres bonitas".

As festas no novo salão eram concorridas, além dos bailes e matinês, à noite compareciam somente familiares. Eram promovidos bailes de aniversários,

de carnaval, de primavera, com eleição de rainha, sendo que em uma das ocasiões, a vencedora foi Alzira Coppini, e a segunda colocada, Judite Dal'Mas. Tradicionalmente, no baile junino, o clube contratava um carro de boi que fazia o trajeto saindo da frente da General Motors até o clube na Rua Perrella, trazendo os noivos que eram o Emilio Francisco e a Lurdinha.

O clube sentia a concorrência do Clube Comercial, que era o mais elitizado da cidade, mas a amizade entre os diretores das entidades era de cordialidade. Horácio Pires, Edno Pontes e Ciro Veronesi eram diretores e sócios do SCEC.

O baile junino mais tradicional da cidade era realizado pela Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs), clube presidido por Mário Dal'Mas. O evento, concorrido e enfeitado, era denominado Baile da Pipoca e realizado nas dependências do Moinho São Jorge.

Geralmente, em suas comemorações de aniversário, o clube contratava artistas de projeção como Francisco Alves. Para divertir o pessoal, vinha o humorista Nhô Totico, que interpretava diversos personagens, como em uma esquete na qual ele era professor e alunos de diferentes nacionalidades, como Chicoria (italiano), Soko (japonês), Mingauo (brasileiro) e a professora Dona Mariazinha. Um fato interessante aconteceu quando do



Lançamento da pedra fundamental da atual sede social do clube (Rua Ceará), em 1º de maio de 1965. Três anos depois, mais precisamente, em 27 de abril de 1968, ocorreu a inauguração oficial do espaço. Em primeiro plano, a partir da esquerda, foram identificados José Alt, Osvaldo Martins Salgado, Pedro Ramos (encoberto), Floriano Leandrini, Narciso Ferrari, Nilo Ribeiro e Cláudio Perrella. Em segundo plano, a partir da esquerda, foram identificados Airtón Sigolo, Luiz Da Dalt e João Bonaparte

falecimento de Francisco Alves em desastre de carro, em 1952. Uma emissora de rádio organizou um programa de calouros para selecionar a voz mais parecida com a do “Rei da Voz”. Depois de quatro meses de programa, o vencedor foi João Dias, que era frequentador dos bailes do clube, entretanto, não se comparavam as vozes.

Adoniran Barbosa se apresentou no clube no começo de sua carreira, com quatro amigos. Durante um intervalo e outro, ele aparecia no palco para contar piadas, porém acabou sendo vaiado, e chamou os dançarinos de mal-educados. Houve a necessidade de fazê-lo sair pela porta dos fundos. Em outro baile de aniversário, foi contratado o professor de danças de São Paulo, chamado de “Professor

Pavão”, que veio verificar os melhores dançarinos de “choro” do clube. Foram escolhidos 30 pares na primeira fase. Entre os cinco finalistas, ficaram, a partir do primeiro lugar: Emílio de Francisco, José Ferreira (conhecido como Pinto Louco), Osvaldo (conhecido como Boca), Geraldo Belmonte e Narciso Ferrari.

Além dos bailes, o clube tinha uma equipe de teatro que tradicionalmente interpretava *Paixão de Cristo*, além de outras peças de sucesso. Os coadjuvantes eram Arthur Garbelotto, os irmãos Cavassani (Fiume, Alcides e Abramo), Fernando Piva, Mario Menin, Aladino Angelo Grecchi, Eugenio Masqueta, Antonio Garcia, Duílio Quaglia, Paschoal Fortunato, Octávio Teggão, sua esposa Pina, e outros. Uma jovem que cantava em to-

dos os clubes, sem ser lembrada, era Maria Fiori.

O clube atravessou duas fases críticas, quase fechando suas atividades. O terreno onde estava localizado o campo de futebol, na Rua 28 de Julho, nos fundos das Louças Claudia, foi vendido para as Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. A área pertencia a Prudente Noé, que na negociação exigiu indenização em bens materiais para que o clube pudesse edificar sua nova praça de esportes, em terreno comprado de Joana Cavana, na Rua Paraíba, para pagamento em prestações no prazo de dez anos, construindo assim o estádio, cujo nome era Conde Francisco Matarazzo. A construção foi em forma de mutirão, aos fins de semana, e esse local foi palco de memoráveis jogos. A segunda fase de infeliz

lembança foi a malfadada fusão com o Clube Comercial, objeto de artigos publicados nesta revista por várias vezes.

Na política, as reuniões do movimento em prol da autonomia eram realizadas na sede do clube, bem como encontros da Sociedade dos Amigos de São Caetano, do *Jornal de São Caetano*, e também pela construção do Hospital São Caetano.

Os comandantes da cidade passaram quase todos pelo clube. O prefeito Anacleto Campanella foi atleta do juvenil, e Oswaldo Samuel Massei, cujo pai era presidente eterno do Cerâmica Futebol Clube, Francisco Massei, jogou no gol do SCEC. Hélio Bernardi, atleta exemplar do clube nos anos de 1951 e 1952, foi prefeito municipal e deputado estadual por Mauá. Hermógenes Walter Braido, prefeito, e os vice-prefeitos Jacob João Lorenzini, João Dal'Mas e Lauro Garcia também foram atletas e sócios. Também passaram pelo clube, Joseph Fuchs, vice-presidente do Sport Club Corinthians Paulista, Felipe Figueiredo, vice-presidente da Portuguesa de Desportos e Humberto Greganin, vice-presidente do Palmeiras.

Nesses 115 anos de história, o São Caetano Esporte Clube deve muito à família Lorenzini que, por 62 anos, manteve a sede social na Rua Perrella, com o aluguel simbólico. O mesmo aconteceu com Prudente Noé, no

Vista aérea das instalações da sede atual do clube



Homenagem à equipe do São Caetano que se sagrou campeã de seu grupo, em 1950, na disputa da segunda divisão de profissionais da FPF. Em pé, a partir da esquerda, Joseph Fuchs, Orestes, Neno, Vítor R. Coutinho, Sidney, Antônio Mosca, Nilo Bartalini, Francisco Marinotti, Biaggio Cersosimo e Gino Ricciardi. Agachados, a partir da esquerda, Elzo Lazzuri, Antônio Albano de Moraes (Andó), Oswaldo, Walter Marciano, Wilson Apolônio e Daniel Parisi



campo da Rua 28 de Julho. Francisco Marinotti, que era técnico do clube sem ônus, além de empregar jogadores em sua empresa, pagava gratificações aos mesmos, e, por várias vezes, emprestou dinheiro para o clube. Joseph Fuchs abandonou sua fábrica para tratar de assuntos diretamente ligados ao clube, sendo muito

útil, inclusive porque gozava de prestígio na Federação Paulista de Futebol (FPF) como poucos. Há de ser destacado, ainda, Silvério Manilli, que ficou no clube por 40 anos. Além de trabalhar para a entidade, sua empresa de carpintaria mantinha o estádio e a sede social com serviços profissionais gratuitos. ■



Laudo Natel Ilustre sócio do SCEC

Laudo Natel: sócio do
SCEC desde 1963

Laudo Natel completará 100 anos em 2020. Filho de Bento Alves Natel e Albertina Natel é natural de São Manoel, interior de São Paulo. Casou-se com Maria Zilda Gamba em 18 de dezembro de 1941, na cidade de Pirajuí. O casal teve dois filhos: Ivan e Maurício, ambos engenheiros. Natel foi vice-governador do Estado de São Paulo na gestão de Adhemar de Barros, em 1966, substituindo seu titular por apenas oito meses. Assumiu como governador do Estado em 1971, tendo como destaque de sua gestão a construção da Rodovia dos Imigrantes e das primeiras estações de metrô na capital paulista.

Em sua juventude, foi funcionário do Banco Noroeste. Morou em cidades como Rio Preto, Mirassol, Araraquara, Presidente Alves e Lins, onde conheceu Amador Aguiar que o convidou para trabalhar na Casa Bancária Almeida, que viria a se tornar o Banco Brasileiro de Descontos, hoje Bradesco.

Era chamado de “governador caipira” pois não gostava de receber homenagens, de fazer discursos e de tirar fotografias. Cumprimentava todos os funcionários do Palácio do Governo, sem distinção. Quando viajava, mesmo em carro oficial, era comum parar em bares na beira da estrada para comer lombo suíno. Mas sua grande paixão era o São Paulo Futebol Clube, do qual é sócio desde 1946. Foi diretor financeiro do clube e a partir de 1958 foi seu presidente pelo período de 14 anos. Ao lado de Cícero Pompeu de Toledo, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Piragibe Nogueira, Cássio dos Santos Werneck, Luiz Campos de Almeida e Marcelo Klaskou, deu início à construção do Estádio do Morumbi, cuja obra demorou 12 anos para ser finalizada. Conta-se que na inauguração do estádio, Natel sentou no camarote e chorou.

Laudo Natel é sócio do São Caetano Esporte Clube desde 1963. Em março de 2019, a diretoria do clube prestou uma homenagem ao político com uma placa de reconhecimento e agradecimento.



Acervo/Narciso Ferrari

Flagrante de 1966 da equipe de basquete juvenil. Em pé, a partir da esquerda, estão: o diretor Arthur Laviaguerre, o massagista Mário Romano, Luizão, Edson, Ghiotto, Edécio, e os diretores Claudio Musumeci e Jaime Pereira (Galinho). Agachados, vemos: Perrella, Favoretto, Adevanir e Miguel



Acervo/Luz Romano

Premiado, time de vôlei do São Caetano E.C. treina no ginásio poliesportivo do clube



Acervo/Luz Romano

Baile em comemoração ao 50º aniversário do clube, em 1º de maio de 1964, na sede da Rua Perrella



Acervo/Luz Romano

Narciso Ferrari foi um grande colaborador da Fundação Pró-Memória, tendo assinado diversos artigos na revista Raízes. Este texto foi sua última contribuição. Faleceu no dia 28 de outubro de 2019, aos 86 anos. Foi presidente do São Caetano Esporte Clube de 1960 a 1965.

A primeira temporada da Associação Desportiva São Caetano

Renato Donisete Pinto

Acervo/José Pires Maia (Zezé)



Equipe da A.D. São Caetano em foto de 17 de junho de 1990, durante partida contra o Paulistano, em Jundiá (SP). Em pé, da esquerda para a direita, vemos: Toninho, Jayme Tortorello, Luís Pereira, Uilton, Tião, Cacá, Alemão e Marcão. Agachados, estão: Giba, Taloni, Fernando, Paulinho Kobayashi e Loro. O time de São Caetano venceu por 2 a 0

NO DIA 4 DE DEZEMBRO de 2019 a Associação Desportiva (AD) São Caetano completou 30 anos. Foram três décadas de muitas conquistas e seu nome foi consolidado na história do futebol brasileiro e sul-americano. Neste artigo abordaremos o primeiro ano desta equipe que honra a cidade de São Caetano do Sul desde 1989.

Para se filiar rapidamente à Federação Paulista de Futebol, aproveitou o nome da Sociedade Esportiva e Recreativa (SER) União Jabaquara, do Bairro Prosperidade, que atendia à principal exigência da Federação: ter disputado campeonatos nos últimos três anos. Assim que foi filiado, o nome foi alterado para Associação Desportiva São Caetano.

Na ata de fundação, a assembleia geral foi comandada pelo presidente da SER União Jabaquara, Roberto Righeto, com secretaria de Dionízio Lozano Rúbio, e assessoria de Jayme Tortorello. Desta forma, a Associação Desportiva São Caetano foi constituída:

Conselho Deliberativo

Presidente: Luiz Trevelin

Vice-presidente: Ignácio Gandolpho

Secretário geral: Dionízio Lozano Rúbio

Primeiro secretário: Reinaldo Rabone

Diretoria Executiva

Patrono e Conselheiro: Luiz Olinto Tortorello

Presidente de honra: André Beer

Presidente Administrativo: José Bezerra Galvão Sobrinho

Primeiro Vice-presidente: Roberto Righeto

Segundo Vice-presidente: Carlos Roberto de Jesus Polastro

Tesoureiro: Miguel Campanella

Segundo Tesoureiro: Antônio Roberto Esteves

Secretário Geral: Dionízio Lozano Rúbio

Primeiro Secretário: Genésio Ferrante

Segundo Secretário: Onivaldo Secatto

Diretor de Patrimônio: Wenceslau Teixeira

Diretor Social: João Anhô

Diretor de Eventos: Paulo Assano

Diretor de Relações Públicas: Alberto do Carmo Araújo

Diretor Geral de Esportes: Jayme Tortorello

Diretor de Futebol Profissional: Altevir Vargas Anhô

Diretor de Futebol Amador: Jorge Tanuci

Diretor de Esportes Amadores: Cássio de Miranda Meira

Diretores Adjuntos de Futebol Profissional: Nairo Ferreira de Souza
Miguel Simão Hibanês
Wagner Toledo



Logotipo comemorativo dos 30 anos do clube

Foto/Paulo de Souza(DGABC)



Capitão Luís Pereira no intervalo do jogo contra o Paulistano, de São Roque, no Estádio Anacleto Campanella, no dia 25 de março de 1990

Foto/Paulo de Souza(DGABC)



Equipe em campo durante jogo contra o Paulistano, de São Roque, no Estádio Anacleto Campanella, no dia 25 de março de 1990

O distintivo da nova agremiação foi criado pelo Waldemar Zambrana e o hino (letra e música) por Carlos Roberto de Jesus Polastro:

No dia 4 de dezembro aconteceu
Aquele fato que marcou a nossa história
Foi nessa data que, pujante ele nasceu
Um clube já predestinado para a glória!
Com disciplina e respeitando os seus rivais
Parte pra luta para ser o campeão
Leva a torcida, para o delírio
Alegre o meu coração!

São Caetano, vamos pra vitória
Nosso objetivo é só o gol... GOL!
Marque pra sempre, fique na memória
Mostre ao povo o que é futebol

São Caetano, brilhe a sua luz
Se perpetuará na imensidão
Honre a cidade que te batizou
Ostenta no alto o seu pendão!

Preparação e início do campeonato - Já no final do ano de 1989 e início de 1990 o clube mostrou toda sua competência e organização iniciando sua trajetória no futebol profissional. A equipe começou a ser montada para a disputa da terceira divisão de profissionais. Para dirigir a equipe foi contratado o técnico José Gazzeto, carinhosamente chamado de Zelão, acompanhado pelo preparador físico Laurindo Menezes e pelo massagista Garrote.

Com a comissão técnica formada, a diretoria de futebol montou uma equipe competitiva com jovens promessas. É o caso de Paulinho, que posteriormente brilhou no Santos Futebol Clube (como Paulinho Kobayashi). Vários jogadores vieram da base da Sociedade Esportiva Palmeiras, como o goleiro Uilton, o lateral-esquerdo Marcão, o volante Rogério e o ponta Barbella; do Clube Atlético Bragantino veio o centroavante Londrina (que já havia atuado pelo Saad Esporte Clube); e do Esporte Clube Santo André, o zagueiro Alemão,

entre outros. Para conferir mais experiência à equipe foi contratado o consagrado zagueiro Luís Pereira.

Luís Edmundo Pereira nasceu na Bahia, mas aos 6 meses veio morar em São Caetano do Sul. É considerado um dos maiores defensores do Brasil. Começou no Esporte Clube São Bento, de Sorocaba (SP), depois atuou e se tornou ídolo na S.E. Palmeiras. Defendeu também o Atlético de Madrid (Espanha), Clube de Regatas Flamengo, Sport Club Corinthians Paulista, Portuguesa de Desportos, E.C. Santo André, Associação Atlética Central Brasileira, de Cotia (SP), e Esporte Clube São Bernardo. Encerrou a carreira de jogador em 1992, no E.C. São Bento. Pela seleção brasileira, disputou a Copa do Mundo de 1974. Segundo o historiador José Pires Maia (conhecido como Zezé), Luís Pereira vestiu a camisa da A.D. São Caetano por 36 jogos e fez quatro gols.

Como preparação para o Campeonato Paulista o clube fez alguns jogos-treino no Estádio Anacleto Campanella. No dia 7 de fevereiro de 1990, empatou com o Nacional Atlético Clube. Já no dia 18 do mesmo mês, venceu a seleção da Argentina (que havia disputado o Mundialito dos Imigrantes, realizado em São Caetano) por 2 a 0. Também realizou dois amistosos no interior de São Paulo, um na cidade de São Miguel Arcanjo, no dia 11 de fevereiro, contra a equipe local, e outro, no dia 4 de março, em Matão, frente à equipe da Sociedade Esportiva Matonense.

No dia 18 de março de 1990, a equipe fez seu primeiro jogo oficial, disputando a terceira divisão de profissionais do Campeonato Paulista. Na cidade paulista de Registro, empatou com a equipe do Comercial Esporte Clube em 1 a 1. O gol histórico da A.D. São Caetano foi anotado por Taloni.

Na semana seguinte, no dia 25 de março, a equipe se apresentou oficialmente para a torcida de São Caetano do Sul, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Vitória de 2 a 1 frente ao Clube Atlético Paulistano, de São Roque. Com aproximadamente três mil torcedores a equipe

atuou com Uilton; Marcão, Luís Pereira, Alemão e Cacá; Rogério, Taloni e Paulinho; Loro (Barbella), Londrina (Giba) e Tião. Os gols foram anotados por Londrina e o nosso artilheiro Taloni garantiu a vitória da equipe sul-são-caetanense.

Marcos Eduardo Taloni nasceu em 31 de janeiro de 1971, na cidade de São Paulo. Começou no futebol na equipe infantil do S.C. Corinthians Paulista, depois no juvenil da Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas, e, por fim, na base do São Paulo F.C., antes de ser emprestado para a A.D. São Caetano, em dezembro de 1989. Atuava como meia-direita. Pela equipe sul-são-caetanense marcou dez gols em 40 jogos. Realizou partidas memoráveis, como a vitória de 5 a 1 frente ao Grêmio Esportivo Taboão, de São Bernardo do Campo, no dia 24 de junho de 1990, quando marcou quatro gols (todos no segundo tempo da partida). Infelizmente encerrou a carreira futebolística precocemente em 1992, depois de uma grave contusão no joelho. Após o futebol, formou-se em Administração de Empresas e atua na área de Recursos Humanos até hoje. Preocupado com as questões sociais, faz um brilhante trabalho voluntário humanitário, atendendo a crianças carentes. Recentemente esteve na África e entregou fardamento completo, doado pela A.D. São Caetano, para uma equipe de

No dia 18 de março de 1990, a equipe fez seu primeiro jogo oficial, disputando a terceira divisão de profissionais do Campeonato Paulista. (...)

futebol feminino local. Até hoje acompanha o futebol do time, sendo um ilustre torcedor.

Campeonato Paulista - O Campeonato Paulista da terceira divisão de 1990 contou com a participação de 27 equipes, inicialmente divididas em quatro grupos. A Associação Desportiva São Caetano ficou no grupo 1B, com Esporte Clube XV de Novembro (Caraguatatuba),

Guarani Saltense Atlético Clube (Salto), Associação Desportiva Vila das Palmeiras (Guarulhos), Grêmio Esportivo Atibaiense e Clube Atlético Embu-Guaçu. Na primeira fase, jogou em turno e retorno contra as equipes do grupo 1A, formado por União Cruzeiroense de Esportes, Clube Atlético Paulistano (São Roque), Comercial E.C. (Registro), União Suzano Atlético Clube e G.E. Taboão (São Bernardo do Campo). O Paulistano Futebol Clube, de Jundiaí, foi eliminado e seus jogos cancelados. Nesta primeira fase, o São Caetano jogou 12 partidas, tendo uma brilhante participação: venceu seis jogos, empatou quatro e perdeu apenas duas partidas.

Na segunda fase a equipe jogou contra as equipes do seu próprio grupo. Nas dez partidas venceu cinco e empatou as outras cinco. Depois destas duas fases, 16 equipes garantiram acesso à segunda divisão de 1991. A A.D. São Caetano ga-



Taloni comemorando o primeiro gol em jogo oficial da A.D. São Caetano na cidade de Registro (SP) contra o Comercial, em 18 de março de 1990

rantiu matematicamente o acesso no dia 5 de agosto, quando venceu o G.E. Atibaiense por 2 a 0, com gols de Chaléu e Loro, no Estádio Anacleto Campanella. Nestas duas fases somou 27 pontos e terminou em primeiro lugar na série 1B.

Com as 16 equipes classificadas, a terceira fase teve início. Foram formados mais quatro grupos. A Associação Desportiva São Caetano ficou na série F, com Associação Desportiva Vila das Palmeiras (Guarulhos), União Suzano A.C., e C.A. Paulistano, de São Roque. Nesta fase foram quatro vitórias, dois empates e nenhuma derrota. No dia 9 de dezembro, finalmente a última partida do ano, o São Caetano sagrou-se campeão da série F. Aplicando uma goleada de 3 a 0 na equipe da Vila das Palmeiras, no Estádio Anacleto Campanella. A torcida foi à loucura, principalmente as organizadas: Torcida Uniformizada do São Caetano (Tusca) e a Torcida Organizada Mancha Azul (Toma). Uma grande festa na cidade!

Os gols dessa partida foram de Giba, aos 25 e 38 minutos, e de Chaléu, aos 32 minutos (todos no primeiro tempo). A equipe da A.D. São Caetano foi a seguinte: Uilton; Félix, Luís Pereira (Alemão), Reinaldo e Cacá; Luís Carlos, Chaléu e Paulinho; Tião, Giba e Loro (Delei).

A Federação Paulista decidiu que a equipe que somasse mais

pontos em todas as fases seria a campeã. Desta forma, o Esporte Clube Corinthians, de Presidente Venceslau, foi campeão. A A.D. São Caetano ficou em terceiro lugar. Uma fantástica campanha que garantiu o primeiro acesso do clube ao Campeonato Paulista da segunda divisão em 1991.

Nestes primeiros anos o clube possuía três uniformes: o tradicional azul, a camisa branca, e também a vermelha. Em homenagem aos heróis desta primeira temporada, segue o elenco completo de jogadores de 1990, segundo publicação do *Jornal de São Caetano*, de 22 de dezembro de 1990: Adriano Polesi, Alemão, Alexandre, Amaral, Barbella, Batata, Cacá, Camargo, Cavani, Chaléu, Claudinho, Dinei, Delei, Emiliano, Félix, Fernando, Flávio, Giba, João Carlos, Londrina, Loro, Luís Pereira, Marcão, Marcel, Nivaldo, Paulinho Kobayashi, Reinaldo, Ricardo, Robson, Rogério, Taloni, Tião, Uilton Olivo e Zé.



Taloni e equipe africana feminina de futebol com o uniforme da A.D. São Caetano, em setembro de 2019



Equipe da Associação Desportiva São Caetano que venceu o Taboão, em São Bernardo do Campo, por 1 a 0, no dia 29 de abril de 1990. O time jogou com Uilton; Marcão, Dinei, Ricardo, Rogério e Alemão; Barbella (Félix), Tião, Londrina (Giba), Paulinho Kobayashi e Loro

CAMPANHA DA A.D. SÃO CAETANO CAMPEONATO PAULISTA DA 3ª DIVISÃO DE PROFISSIONAIS DE 1990

Primeiro turno - 1ª Fase

18/3/1990 – Registro (SP) – Comercial 1x1 A.D. São Caetano
25/3/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 2x1 Paulistano (São Roque)
8/4/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 1x1 União Cruzeirense
12/4/1990 – Suzano (SP) – União 1x1 A.D. São Caetano
22/4/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 4x0 Paulistano (Jundiaí/SP)
29/4/1990 – São Bernardo do Campo (SP) – Taboão 0x1 A.D. São Caetano

Segundo turno - 1ª Fase

6/5/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 4x1 Comercial (Registro)
13/5/1990 – São Roque (SP) – Paulistano 3x2 A.D. São Caetano
27/5/1990 – Cruzeiro (SP) – União Cruzeirense 1x0 A.D. São Caetano
03/6/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 1x1 União Suzano
17/6/1990 – Jundiaí/SP – Paulistano 0x2 A.D. São Caetano
24/6/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 5x1 Taboão (SBC)

2ª Fase

15/7/1990 – Guarulhos (SP) – Vila das Palmeiras 0x0 A.D. São Caetano
22/7/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 3x2 XV de Novembro (Caraguatatuba)
29/7/1990 – Embu-Guaçu (SP) – Embu-Guaçu 0x0 A.D. São Caetano
5/8/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 2x0 Atibaense
12/8/1990 – Salto (SP) – Guarani Saltense 2x3 A.D. São Caetano
26/8/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 2x0 Vila das Palmeiras (Guarulhos)
2/9/1990 – Caraguatatuba (SP) – XV de Novembro 0x0 A.D. São Caetano
9/9/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 3x1 Embu-Guaçu
16/9/1990 – Atibaia (SP) – Atibaense 1x1 A.D. São Caetano
23/9/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 0x0 Guarani Saltense

3ª Fase

11/11/1990 – Guarulhos (SP) – Vila das Palmeiras 2x2 A.D. São Caetano
15/11/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 2x1 União Suzano
18/11/1990 – São Roque (SP) – Paulistano 0x1 A.D. São Caetano
24/11/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 2x0 Paulistano (São Roque)
2/12/1990 – Suzano (SP) – União 1x1 A.D. São Caetano
9/12/1990 – Estádio Anacleto Campanella – A.D. São Caetano 3x0 Vila das Palmeiras (Guarulhos) ■

Agradecimentos

Altevir Vargas Anhé, Cecília Del Gesso (Banco de Dados do Diário do Grande ABC), José Pires Maia (Zezé), Luiz Domingos Romano, Marcio Rogério do Nascimento (Batata), Marcos Eduardo Taloni e Agostinho Solco.

Referências Bibliográficas

BETING, Mauro. *Os dez mais do Palmeiras*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009.
DIOGO, Julio Bovi e MOREIRA, Marcos Galves. *Futebol Paulista: 1990-1994*. Olinda-PE: Editora Livro Rápido, 2006.
FILHO, Celso Franco de Oliveira. *A Rota das Bandeiras: a história do futebol no interior de São Paulo*. Campinas-SP: Lince, 2017.
SÃO CAETANO PRONTO PARA ESTRÉIA. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, 7 mar. 1990.
S. CAETANO 2 x PAULISTANO (S.ROQUE) 1. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, 28 mar. 1990.
S. CAETANO GANHA E JÁ É DA SEGUNDA DIVISÃO. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 7 ago. 1990.
S. CAETANO VENCE COM GOLS DE GIBA E XALÉU. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 10 dez. 1990.
SILVA, José Odair da. História da AD São Caetano, da fundação ao primeiro título. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 23, p. 104-106, jul. 2001.

Renato Donisete Pinto

é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul. É autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos autores, 2019).

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados serão incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal

Doação Família Garbelotto

Equipe do Clube Atlético Brasil em 1932. Em pé, da direita para esquerda, vemos: Alcides Cavassani, Paschoal Campanella, Luiz Paolillo, Américo Perrella, Albino Martorelli e José Cavassani. Agachados, da direita para esquerda, estão: João A. Perrella, Eliseu Fraga, Jordão Antônio, Plínio Ecurado e Ângelo Herreiras



Povo de Deus a caminho: os 65 anos da Diocese de Santo André

Pe. Felipe Cosme Damião Sobrinho

ESTAMOS CELEBRANDO os 65 anos da criação e instalação da Diocese de Santo André. A presença da Igreja Católica está nas origens do Brasil e de nossa região. Muito antes da criação do bispado, o catolicismo ajudava a construir nossa identidade regional, contribuindo para o desenvolvimento do hoje Grande ABC. Este artigo tem como objetivo apresentar alguns aspectos historiográficos da vida da Igreja local que, a partir da realização do Sínodo Diocesano, deseja desenvolver ainda mais a prática da cultura da acolhida e da missão permanente.

A criação e instalação da Diocese de Santo André - O catolicismo na região do ABC re-

monta à chegada dos primeiros jesuítas no planalto paulista. A figura icônica do padre Leonardo Nunes faz-nos recordar a antiga Vila de Santo André da Borda do Campo, fundada em 1553 e transferida para São Paulo de Piratininga em 1560, onde havia uma ermida dedicada ao apóstolo Santo André. Em 1611, na rota dos tropeiros, surge a Capela Santa Cruz, no atual centro de Rio Grande da Serra. Em 1714, é edificada a Capela de Nossa Senhora do Pilar e, em 1717, os monges de São Bento fundam nas suas duas fazendas da região as capelas dedicadas a São Bernardo de Claraval e São Caetano Di Thiene.

Com a criação da Diocese de



Dom Jorge Marcos de Oliveira (o primeiro, à esquerda) na primeira sessão do Vaticano II, ao lado de Dom José Gomes, bispo de Chapecó (SC)

São Paulo em 1745, o número de novas paróquias vai crescendo em torno dos aldeamentos e povoações. Vivendo sob o regime de padroado, Dom João VI, príncipe regente, cria a vila e erige civilmente a Paróquia de São Bernardo, sendo que o quarto bispo diocesano de São Paulo, Dom Matheus de Abreu Pereira, confirma canonicamente a criação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, que acrescentará depois “da Boa Viagem”.

A linha ferroviária construída entre Santos e Jundiaí contribui para o progresso local. Com a chegada dos primeiros imigrantes italianos (1877), no lugar da antiga capela de São Caetano uma nova igreja será erguida.

Surge assim o núcleo que dera origem à atual São Caetano do Sul. Novas localidades surgem no vasto território paroquial e pequenas capelas e oratórios são construídos. Com a proclamação da República, em 1889, é criado o município de São Bernardo, semente dos atuais municípios.

A República marca também a separação entre Igreja Católica e Estado brasileiro, firmada pelo decreto 119A de 1890. A partir dessa nova realidade, a Igreja tem autonomia para criar novas estruturas eclesiais¹. No caso do Estado de São Paulo, a sede da diocese é elevada, em 1908, à condição de arquidiocese metropolitana e cinco novas dioceses são erigidas (Botucatu, Campinas, Ribeirão Preto, Taubaté e São Carlos). Em todo o território nacional surgem novas dioceses.

O rápido desenvolvimento ocasionado pela rede ferroviária e a industrialização fez de São Paulo uma metrópole. Com a valorização do território e o aumento dos impostos, a região do município de São Bernardo tornava-se a nova possibilidade para a implantação de novas indústrias. Tanto no centro do município como no bairro da Estação, São Caetano e Pilar (Mauá), as fábricas de móveis, tecelagens, a indústria da porcelana e também a indústria automobilística, com a instalação da General Motors, começam a transformar a realidade local. Com as indústrias, novas gerações de

migrantes tornam-se parte da classe operária, desenvolvendo a economia local, fazendo surgir novos loteamentos e, a partir da década de 1940, desmembrando o único município no que se tornou o ABC.

(...) em 22 de julho de 1954, foi criada pelo Papa Pio XII a Diocese de Santo André e o primeiro bispo, Dom Jorge Marcos de Oliveira (...) fora nomeado quatro dias depois.

No aspecto eclesial, vemos aumentar gradativamente o número de paróquias entre 1911 e 1943. As sedes paroquiais são reconstruídas e ampliadas dado o número crescente da população e a necessidade de uma presença maior da Igreja Católica. Tendo em vista as celebrações do IV Centenário de Santo André, o cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, arcebispo metropolitano de São Paulo, e seu bispo auxiliar, Dom Paulo Rolim Loureiro, com os padres e representantes da sociedade civil dos três municípios formam uma comissão, presidida pelo monsenhor José Bibiano de Abreu, pároco de Nossa Senhora do Carmo em Santo André, em vista da criação de um novo bispo com sede em Santo André.

Para isso, foram criadas oito novas paróquias na região, totalizando o número de 16, e dados os primeiros passos para a organização de um patrimônio para o sustento da diocese. Todos esses dados foram enviados ao nuncio apostólico da época, Dom Carlo Chiarlo e, em 22 de julho de 1954, foi criada pelo Papa Pio XII a Diocese de Santo André e o primeiro bispo, Dom Jorge Marcos de Oliveira, até então bispo auxiliar do arcebispo do Rio de Janeiro, fora nomeado quatro dias depois.

A diocese foi instalada em 12 de setembro de 1954, em uma solenidade presidida pelo cardeal Adeodato Giovanni Piazza, da Ordem Carmelita Descalça, secretário da Sagrada Congregação Consistorial, legado pontifício para o Congresso da Padroeira do Brasil celebrado em São Paulo, na Praça do Carmo, junto à nova Igreja Catedral, na presença de autoridades civis e religiosas e fiéis de todo o território diocesano.

As estruturas patrimoniais ainda não eram devidamente organizadas e o bispo entra solenemente na sua nova igreja em 24 de outubro, tendo como residência provisória a Vila Mimosa, propriedade da família Simonsen Murray.

Em poucos anos, novas paróquias começam a surgir e Dom Jorge, conhecendo a realidade da Igreja local, acolhendo novos padres e unido às lideranças religiosas começa a organizar uma pastoral mais atenta aos proble-



Arquivo/Associação Lar Menino Jesus

Cardeal Adeodato Giovanni Piazza (à esquerda) e Dom Jorge Marcos de Oliveira na solenidade de instalação da Diocese de Santo André e posse do primeiro bispo, em 12 de setembro de 1954

mas sociais e religiosos. Essa visão eclesial forma a identidade da diocese e coloca-a numa postura de vanguarda, anterior à renovação do Concílio Vaticano II (1962-1965).

A Diocese e os operários - A Doutrina Social da Igreja, sistematizada a partir da publicação da encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, possibilitará uma aproximação entre a Igreja Católica e a realidade dos operários na região. O discurso anticomunista distanciou muitos fiéis. A Ação Católica sofre resistência por parte de muitos padres que não compreendiam a metodologia pastoral que aproximaria a doutrina da vida do trabalhador. O sofrimento dos operários com as greves reprimidas, a falta de direitos e segurança no mundo do trabalho, a falência das indústrias e o desemprego fazem com que o bispo comece um trabalho de diálogo e mútuo conhecimento com os sindicatos e os industriais. A participação de Dom Jorge e membros do clero e do laicato nas greves e reivindicações sociais transforma a relação entre a Igreja Católica do ABC e a sociedade².

A Associação Lar Menino Jesus, criada em 18 de fevereiro de 1956 como obra social diocesana, ainda hoje atuante, revela a preocupação da Igreja Católica com a marginalização da criança e do jovem, principalmente diante da pobreza extrema, abandono e violência. Um dos trabalhos mais relevantes foi a criação da Casa Santa Mônica, que atendeu especialmente a mãe menor solteira³.

O primeiro bispo da diocese torna-se o “Bispo dos Operários”, dada a sua defesa dos trabalhadores. Um acontecimento emblemático é da greve da Santex (1958), indústria têxtil localizada em Santo André que decretou falência. O empenho do bispo junto ao então

governador Jânio Quadros e o presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, resultou na lei nº 3726, de 11 de fevereiro de 1960, garantindo o direito dos trabalhadores⁴.

Os governos de Dom Jorge Marcos de Oliveira e Dom Cláudio Hummes, marcados pelo movimento operário do ABC, revelam a solidariedade da Igreja diante da vulnerabilidade dos direitos trabalhistas. Valorizando a organização dos trabalhadores em vista de condições dignas de vida dentro e fora das indústrias, a instituição eclesial foi mediadora em épocas de conflitos, principalmente no período da ditadura militar (1964-1985).

A diocese e a ditadura militar⁵

- A década de 1960 é marcada pelas ditaduras na América Latina. O Brasil viveu 21 anos de ditadura militar, alicerçado pelas intervenções econômicas e políticas dos Estados Unidos em tempos de Guerra Fria. As urgentes reformas sociais foram sufocadas pelo anticomunismo e um regime de armas, supressão da liberdade e direitos fundamentais. Por ser um grande polo industrial com rápido desenvolvimento demográfico, o Grande ABC sofre com a perseguição política e ideológica. A ditadura impede o movimento sindical, a organização das bases, persegue estudantes e movimentos sociais. As estruturas democráticas são atacadas com a supres-

são dos direitos políticos e eleições indiretas.

A diocese, realizando um trabalho social em sintonia com os movimentos estudantis e operários, manifesta-se por meio da liderança de Dom Jorge Marcos, membros do presbitério, entre os

quais fazemos memória dos padres Emílio Rubens Chasseraux, José Mahon (da Ordem Religiosa Filhos da Caridade), Walfrides Praxedes e do monsenhor José Benedito Antunes, e de leigos nas comunidades e estruturas sociais, em oposição à ditadura, à

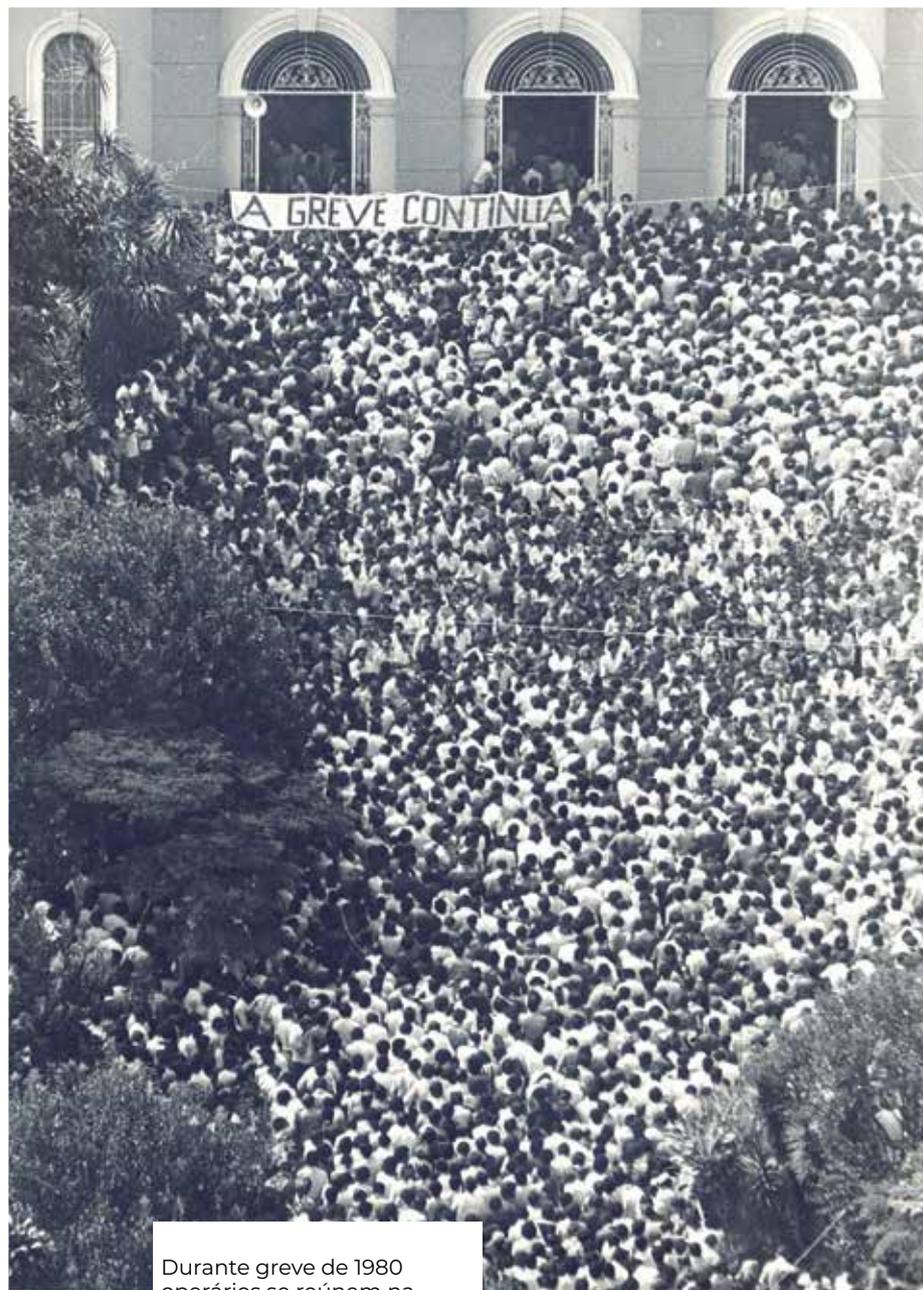
tortura e prisões ilegais.

Ao lado do povo e em defesa da democracia, a Igreja Católica do ABC exerce profeticamente sua missão de denunciar e mediar conflitos que ferem diretamente os direitos humanos. O testemunho profundo de Dom Jorge possibilita que nas grandes greves, no período da redemocratização, Dom Cláudio Hummes continue a caminhar com a diocese fazendo uma opção clara pela justiça.

A diocese, o Concílio Vaticano II e a pastoral de conjunto

- Convocado pelo Papa João XXIII, o Concílio Vaticano II (1962-1965) promove o diálogo entre catolicismo e sociedade contemporânea⁶. Após as três grandes revoluções no final do século 18 (Iluminismo, Revolução Industrial e Revolução Francesa), as relações entre as instituições religiosa e civil se abalam pela mudança do objeto de análise da realidade e pelas questões de poder temporal. Os pontificados de Gregório XVI e Pio IX são marcos para compreendermos momentos de mútua condenação.

Eleito em 1958, o Papa Roncalli apresenta como programa de pontificado três grandes projetos: a realização de um Sínodo para a Diocese de Roma, a revisão e atualização do Código de Direito Canônico e um Concílio Ecumênico. A partir daí, após um processo de consulta sobre temas a serem tratados no Concílio e



Durante greve de 1980 operários se reúnem na Paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem, em São Bernardo do Campo

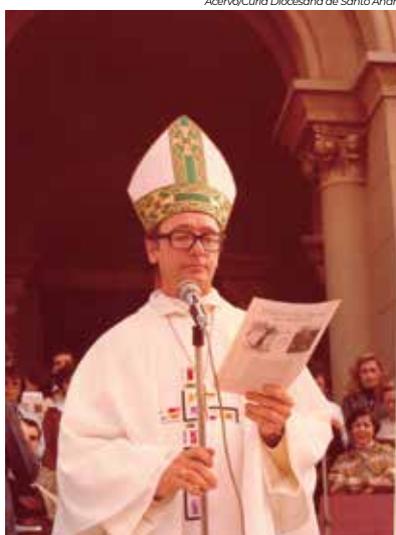
intensa fase preparatória, em 11 de outubro, a maior assembleia conciliar da história eclesial se inicia. Com a morte de João XXIII, Paulo VI continua os trabalhos, encerrados em 8 de dezembro de 1965, e realiza a importante missão de interpretar e aplicar as decisões conciliares.

Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo da diocese, participa ativamente do Concílio durante suas quatro sessões. Mesmo tendo sofrido um enfarte na primeira sessão, dedicou-se a trabalhar pela renovação eclesial. Sua participação está registrada nas três intervenções escritas que elaborou sobre o estudo para a Constituição sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*⁷.

O Vaticano II marcou decididamente a caminhada de nossa Igreja local. A organização pastoral da Igreja Católica no ABC passa a ter um rosto sinodal a partir do Plano de Pastoral de Conjunto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), 1966-1970, e as conclusões do Documento de Medellín (1968), valorizando os ministérios e a formação. Em 1971, a diocese é organizada em regiões episcopais e são criados os conselhos presbiteral e de pastoral. Com a renúncia de Dom Jorge por motivos de saúde em 1975, Dom Cláudio continua o caminho realizando as assembleias e os primeiros quatro planos diocesanos de pastoral, em sintonia

com as Diretrizes de Ação Pastoral da CNBB e as conclusões das Conferências de Puebla (1979) e Santo Domingo (1992).

A pastoral em diálogo com a sociedade possibilitou uma presença mais intensa da Igreja Católica nas periferias. Numerosas comunidades surgem, as Comunidades Eclesiais de Base, a Pastoral Operária e a Catequese fomentam a participação eclesial



Dom Cláudio Hummes durante celebração dos 25 anos da Diocese de Santo André, na Praça do Carmo

na transformação da realidade social marcada pela injustiça. A formação do presbitério reorganiza a Pastoral Vocacional e o Seminário Diocesano (entre 1978-1996) e a formação do laicato faz com que nasça o Instituto de Teologia (1993).

Caminhando para o terceiro milênio, sendo bispo Dom Décio Pereira, a Igreja Católica do Grande ABC coloca-se em estado permanente de missão. As celebrações do Ano Missionário

(1998-1999) e do Ano Vocacional (2000-2001) despertam as comunidades diante das transformações da realidade de nossa região, que passa a abrigar estruturas do terceiro setor.

No governo pastoral de Dom Nelson Westrupp (da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus), em comunhão com a Igreja no Brasil, vemos a animação da vida pastoral e a elaboração de novos planos de pastoral e de assembleias diocesanas. Em vista da dinâmica da evangelização, edifica-se o prédio que abriga a Cúria Diocesana, o Centro Diocesano de Pastoral e a Administração, o Edifício Santo André Apóstolo em Santo André.

A Diocese e o Sínodo - Com a posse de Dom Pedro Carlos Cipollini em 2015, diante da maturidade eclesial de nossa Igreja Diocesana, colocou-se em prática o projeto que resultou na realização do Sínodo Diocesano (2016-2017), resultando num processo de estudo sobre a realidade socioeclesial e a procura de novos métodos pastorais. Inspirada pelos ensinamentos do papa Francisco que deseja uma Igreja em saída missionária, a diocese coloca-se a serviço da espiritualidade do acolhimento e da atividade missionária permanente.

O processo sinodal revela que a Igreja Católica contribuiu e contribui para a formação e



Dom Cláudio visitando encarcerados

Arquivo Cúria Diocesana de Santo André



Dom Décio Pereira

Arquivo Cúria Diocesana de Santo André



Dom Nelson Westrupp (SCJ)

Arquivo Cúria Diocesana de Santo André

identidade do nosso Grande ABC. Sendo servidora e missionária, durante esses 65 anos de história, entre alegrias e esperanças, tristezas e angústias, procura anunciar Jesus Cristo, Redentor da Humanidade, gerando fraternidade, comunhão e testemunho. A serviço do Reino de Deus, a diocese deve ter cada vez mais consciência de colaborar para um verdadeiro desenvolvimento equilibrado de nossa região e de todo o povo.

Os 65 anos da criação e instalação da Diocese de Santo André apresentam a nós um vasto universo para pesquisa sobre a importância da Igreja Católica no processo de desenvolvimento do Grande ABC. Composta atualmente por 105 paróquias, distribuídas em dez regiões pastorais, tem o grande desafio de se fazer presente nas novas realidades sociais existentes.

Uma premissa fundamental da História Eclesiástica é nos ajudar a compreender os caminhos da Igreja Católica no decurso da História através do estudo analítico das fontes, propondo diálogo entre fé e cultura. Inúmeros temas sobre a presença do catolicismo na região foram tratados nas ciências humanas. Porém, a ciência teológica, trabalhando seus métodos, pode possibilitar novos horizontes de pesquisa. Que os estudos e os próximos anos de caminhada rendam frutos para a Igreja e a sociedade. ■



Dom Pedro Carlos Cipollini e o papa Francisco

Arquivo Cúria Diocesana de Santo André

Referências Bibliográficas

Arquivos e bibliotecas

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo (ACMSP)
Arquivo da Cúria Diocesana de Santo André (ACSA)
Arquivo do Museu Octaviano Armando Gaíarsa – Santo André (AMOAG)
Arquivo da Associação Lar Menino Jesus – Santo André (ALMJ)
Biblioteca de Assuntos Religiosos (Redentoristas – São Paulo)

Entrevistas em áudio

Entrevista de Anastácio Brolezzi a Felipe Cosme Damião Sobrinho em 4 de abril de 2008.
Entrevista com Pe. José Mahon a Felipe Cosme Damião Sobrinho em 11 de setembro de 2014.
Entrevista com Walfrides Praxedes a Felipe Cosme Damião Sobrinho em 03 de abril de 2008 na Paróquia São Geraldo Magela em São Bernardo do Campo.

Obras consultadas

LIBÂNIO, J.B. *Concílio Vaticano II*: Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.
MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)* (tradução Heloisa Braz de Oliveira Prieto). São Paulo: Brasiliense, 2004.
MARTINS, H. H. T. de Souza. *Igreja e Movimento Operário no ABC, 1954-1975*. São Paulo: Hucitec, São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1994.
SOUZA, Ney de. Os caminhos do Padroado na evangelização do Brasil apud. *Revista Eclesiástica Brasileira* (247). Petrópolis; p. 683-694, 2002.
SOUZA, Ney de, GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Catolicismo e sociedade contemporânea: do Concílio Vaticano II ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2013.
SOBRINHO, F.C.D. *Entre fé e liberdade: Catolicismo, operariado e ditadura no ABC Paulista (1964-1985)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

Notas

- ¹ SOUZA, Ney de. Os caminhos do Padroado na evangelização do Brasil apud. *Revista Eclesiástica Brasileira* (247). Petrópolis: 2002, p. 683-694.
- ² ALMJ. MARTINS, Heloisa; BARGAS, Marita. *Entrevista realizada com Dom Jorge Marcos de Oliveira* (período de 18 de maio a 15 de junho de 1984).
- ³ ALMJ. *50 anos de caminhada*. FAENAC: São Caetano do Sul, 2006.
- ⁴ EM caso de falência: Direito do trabalhador acima dos direitos dos fazendários. *Jornal de Santo André*, Santo André, 16 abr. de 1958; Deus também está ao lado dos grevistas. *Revista Mundo Ilustrado*, 23 mai. 1959 (Cópia-Hemeroteca); *A voz do ABC*, 20 fev. 1960 (caps); MARTINS, Heloisa. *Igreja e movimento operário no ABC*, p. 69-71.
- ⁵ SOBRINHO, F.C.D. *Entre fé e liberdade: Catolicismo, operariado e ditadura no ABC Paulista (1964-1985)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ⁶ Sobre as referências históricas e aspectos teológicos do Concílio consultar: LIBÂNIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*: Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.
- ⁷ ACTA SYNODALIA SACROSSANCTI CONCILII OECUMENICI VATICANI II. IV/3, 181-87; AS IV/3, 314-19; AS IV/3 792-94.

Padre Felipe Cosme Damião Sobrinho

é presbítero da Diocese de Santo André e mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor auxiliar de ensino na Pontifícia Universidade Católica, lecionando as disciplinas de História Eclesiástica. Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Política no Brasil Contemporâneo da PUC/SP, registrado no CNPq.

ANTIGO SINO DA IGREJA SÃO CAETANO



Foto: Arquivo Registrado Omnia (FPM/CSJ)

ANTIGO SINO DA IGREJA SÃO CAETANO, do Bairro da Fundação, fundido em 1883 pela Oficina Mecânica A. Sydow. Ele pesa 86,3 quilos e está exposto no Museu Histórico Municipal, desde a década de 1980 quando foi doado pela prefeitura municipal para integrar o acervo da instituição.

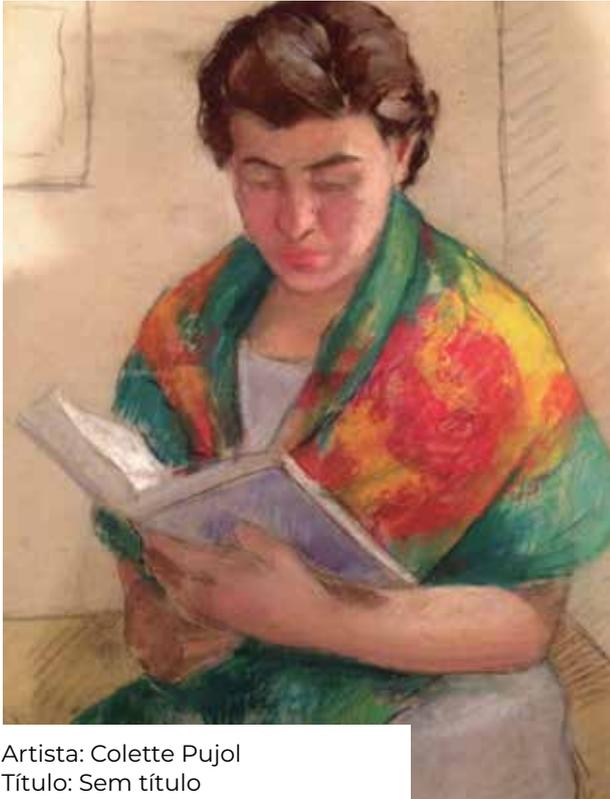
José de Souza Martins, no livro *Diário de uma Terra Lontana - Os "faits divers" na história do Núcleo Colonial de São Caetano*, nos conta um pouco mais sobre a história deste objeto:

"25/04/1883 - Sinos para a igreja de São Caetano: Giovanni Peruch, em nome da comunidade, encomenda, na Oficina Mecânica de A. Sydow, no bairro da Luz, em São Paulo, dois sinos para a nova igreja que se pretende construir em São Caetano, no lugar da capela. Dá um sinal de Rs. 50\$000. Essa igreja seria depois a Matriz Velha. Entra como parte do pagamento o sino colocado na Capela de São Caetano no século XVIII pelos beneditinos. (...) Sydow, o fundidor dos sinos, era protestante.

13/05/1883 - Os sinos da matriz velha: Giovanni Peruch e Filippo Roveri vão buscar, na Officina Mechanica de A. Sydow, no Campo Mauá, junto ao armazém de mercadorias da Cia. Sorocabana (bairro da Luz, em São Paulo), os dois sinos novos, pesando 86,5 kg, que a população de São Caetano mandara fazer. Os sinos se destinam à igreja que se pretende construir no mesmo local em que existe a histórica capela edificada pelos monges beneditinos, em 1772, sobre outra de 1717-1720, dedicada ao patriarca São Caetano. Dão em dinheiro Rs. 50\$000 e cobrem parte do preço total de Rs. 223\$600 com um sino velho, que pesa 17 kg. Ficam devendo Rs. 160\$000 (cento e sessenta mil réis). O sino velho era do século XVIII e pertencera à Capela de São Caetano, amplamente reformada entre 1770 e 1772. Tinha torre, coro e púlpito. Os sinos novos foram encomendados no dia 25 de abril.

No templo, reformado neste mesmo ano de 1883, há celebração e grandes festejos presididos pelo Pe. José Marcondes Homem de Melo, vigário do Brás, mais tarde arcebispo de Belém do Pará e bispo de S. Carlos." ■

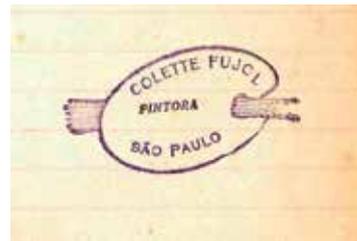
COLETTE PUJOL



Artista: Colette Pujol
 Título: Sem título
 Técnica: Pastel seco sobre cartão
 Dimensões: 63 x 48 cm
 Sem data



Reprodução
 de estudos
 da artista
 Colette Pujol



O ACERVO COMPLETO da artista Colette Pujol (São Paulo, 1913 - São Paulo, 1999) foi confiado à Fundação Pró-Memória em 2017, passando a integrar a coleção de obras da Pinacoteca Municipal. Entre pinturas, fotografias, objetos de ateliê, anotações, cartas, esboços, recortes de jornal, cadernos de artista, entre outros, são cerca de mil itens.

Meticulosa e importante ar-

tista da história da arte brasileira, Colette dedicou-se tanto à pesquisa como à arte-educação. Podemos destacar, em sua intensa biografia, o momento no qual foi contemplada com uma bolsa de estudos na Escola Nacional Superior de Belas Artes, e sua nomeação como professora de composição e pintura na Escola de Belas Artes de São Paulo, hoje, Centro Universitário. ■

Saiba mais sobre a programação da Pinacoteca Municipal em WWW.FPM.ORG.BR

25
JUN
2019

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Sylvio Romero visitam as exposições *O processo é Incessante* e *Uma janela para realidade da arte urbana*, que ficaram em cartaz na Pinacoteca de 23 de maio a 16 de julho, dentro do projeto *Agir e Interagir*

4
OUT
2019

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Alunos do 3º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Leandro Klein participam do projeto *Encontro com a História*, iniciativa da Fundação Pró-Memória que promove apresentações sobre a história da cidade, com apoio de fotografias e documentos antigos, e visitas aos espaços culturais da instituição. Na imagem, crianças durante visita monitorada à exposição *Rubens Ianelli – Passagens*

O programa de visitas atende crianças a partir de 3 anos com atividades e linguagem adaptadas para cada faixa etária. Ele conta também com workshops e oficinas para professores e público em geral. O atendimento é realizado de segunda a quinta-feira. O agendamento pode ser feito pelo telefone 4223-4780 ou pelo email acaoeducativa@fpm.org.br. Saiba mais em www.fpm.org.br

EXPOSIÇÕES

**Retina Regis Ribeiro**

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, por meio do Espaço Cultural Casa de Vidro – Ateliê Pedagógico, apresentou, a partir do dia 26 de julho, a exposição *Retina Regis Ribeiro*, com aproximadamente 200 obras, entre monotipias, xilogravuras, colagens, fotoperformances e instalações. A mostra ficou em cartaz até 6 de outubro.

**ESPAÇO CULTURAL
CASA DE VIDRO –
ATELIÊ PEDAGÓGICO**
JUL A OUT - 2019

**Arte como Apoio
Terapêutico**

Em 31 de julho, a Pró-Memória realizou a abertura da exposição *Arte como Apoio Terapêutico*. A iniciativa fez parte do programa de mesmo nome, uma parceria com os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) AD e Geral, unidades municipais de saúde. Durante a abertura foi realizada roda de conversa com profissionais da área com o tema: arte como instrumento terapêutico no tratamento de usuários da rede de saúde mental. A mostra ficou em cartaz até 9 de agosto.

**HALL DA PINACOTECA
MUNICIPAL**
JUL A AGO - 2019

**Rubens Ianelli –
Passagens**

A partir de 22 de agosto, a Pinacoteca Municipal apresentou a exposição *Rubens Ianelli – Passagens*. Com aproximadamente 50 obras, que abrangiam diversas linguagens artísticas como escultura, instalações e aquarelas, a mostra exibiu um artista múltiplo, inquieto e que desenvolve um percurso artístico laborioso, disciplinado e rigoroso, permitindo aos visitantes caminhar por suas experiências repletas de variados elementos ligados a referências modernistas, construtivistas e indígenas. A mostra ficou em cartaz até 25 de outubro.

PINACOTECA MUNICIPAL
AGO A OUT - 2019

**Retratos do Passado**

O Salão Expositivo da Pró-Memória, localizado no Espaço Verde Chico Mendes, foi reaberto em 27 de setembro com a exposição *Retratos do Passado*. Composta por dezenas de imagens produzidas entre o período que vai do final do século 19 e a década de 1930, a mostra traz retratos de famílias, homens, mulheres e crianças, antigos moradores da cidade, que apresentam suas singularidades,

mas também demonstram diversos padrões, presentes nas atitudes dos retratados e nos trajes, cenários e aparatos que constroem a linguagem do retrato da época. A exposição fica em cartaz até 21 de fevereiro de 2020.



**SALÃO EXPOSITIVO
ESPAÇO VERDE
CHICO MENDES**
SET - 2019 A FEV - 2020

**Google for Education**

Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e o Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação Dr^a Zilda Arns, a Fundação Pró-Memória promoveu, entre os dias 9 de outubro e 6 de novembro, a exposição *Google for Education*. A mostra contou com 18 cartazes dispostos em biombos com artes (colagens, desenhos e pinturas) produzidos pelos alunos do 4º ao 6º ano da rede municipal de ensino fundamental, consagrados em votação popular realizada por meio da internet e fizeram parte do desafio Google Arte.

**HALL DA PINACOTECA
MUNICIPAL**
OUT A NOV - 2019

O povo disse “sim”: São Caetano e sua autonomia

Celebrando os 71 anos da emancipação político-administrativa de São Caetano do Sul, a Fundação Pró-Memória promove no Espaço do Forno, de 24 de outubro a 18 de abril de 2020, a exposição *O povo disse “sim”: São Caetano e sua autonomia*, com fotos, imagens e reproduções de jornais da época. Em sua abertura, também foi exibido o documentário *Os Autonomistas* e realizada roda de conversa sobre o tema.

ESPAÇO DO FORNO
OUT - 2019 A ABR - 2020



Yutaka Toyota - Arte em Movimento

A Pinacoteca Municipal apresenta, desde 9 de novembro, a exposição *Yutaka Toyota - Arte em Movimento*, com obras do artista que dá nome à exposição. Sua obra permite uma imersão no ato criador do artista, incorporando uma energia que modifica o espaço, a arte e o movimento. O público interage com sua obra, que permite a reflexão e aguça os sentidos, absorvendo-se em um exercício de meditações e conjecturas filosóficas. Até 31 de janeiro de 2020.

PINACOTECA MUNICIPAL
NOV - 2019 A JAN - 2020

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS



De agosto a dezembro a Fundação Pró-Memória realizou exposições virtuais em seu site (www.fpm.org.br) começando com a mostra em homenagem ao Dia do Soldado, celebrado em 25 de agosto. Em setembro, foi a vez de celebrar o Dia do Idoso, com fotos mostrando atividades nos centros da terceira idade do município. Em outubro e novembro, a exposição virtual *Jayme Patrão e Zé Caetano – Personagens da história da autonomia* trouxe obras do chargista no período do movimento autonomista de 1948. Finalizando o ano, a Pró-Memória traz, na mostra virtual de dezembro, uma homenagem aos 30 anos da Associação Desportiva São Caetano.

SITE - FPM
AGO A DEZ - 2019

PROJETOS Roda de Conversa

Lançado em abril de 2019, o projeto *Roda de Conversa* consiste em encontros informais para bate-papo e troca de experiências sobre algum fato ou instituição histórica ou conceitos artísticos

e educacionais. Entre os meses de julho e dezembro foram realizadas diversas edições da ação envolvendo historiadores, artistas e estudantes.



PINACOTECA MUNICIPAL
OUT - 2019

Doação de Escultura

No dia 25 de outubro, o artista Rubens Ianelli doou à Pró-Memória uma de suas obras, uma escultura, sem título, produzida em 2006, composta de aço *corten*. Foi instalada nos jardins da sede da instituição.

FPM
OUT - 2019

PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS

30º Simpósio Nacional de História

Os historiadores da Pró-Memória, Cristina Toledo de Carvalho e Rodrigo Marzano Munari, participaram da 30ª edição do Simpósio Nacional de História, realizada em Recife (PE), de 15 a 19 de julho. Cristina apresentou o trabalho *São Caetano do Sul e a construção de suas memórias ao longo do século 20*, no Seminário Temático *História e Cidades: memória, identidades, estilos de vida e reconfigurações urbanas*. Já

Munari participou no Seminário Temático *Representação política no Brasil oitocentista*, com o trabalho *Carreiros, tropeiros e lavradores no Caminho do Mar: eleições e votantes da freguesia de São Bernardo, subúrbio da cidade de São Paulo, na segunda metade do século 19*.

RECIFE - PE
JUL - 2019

Artista da Pró-Memória participa de exposição em São Paulo



O coordenador do Espaço Cultural Casa de Vidro – Ateliê Pedagógico, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, João Alberto Tessarini, participou da exposição coletiva *Retratos de São Paulo de Piratininga*, que ficou em cartaz de 22 de agosto a 18 de outubro, no Centro Cultural Correios São Paulo (CCCSP). Ao lado de outros 17 artistas, Tessarini trouxe ao público a instalação *Fratum* produzida na década passada e que conta com 4 metros de diâmetro e é composta por 300 cabeças colocadas de forma circular em volta de um totem.

CCCSP
AGO A OUT - 2019

Curso de Aperfeiçoamento Profissional da GCM

A Guarda Civil Municipal de São Caetano do Sul iniciou, no mês de agosto, o Curso de Aperfeiçoamento Profissional para seus 430 agentes de segurança. A Fundação Pró-Memória integrou a ação, ministrando semanalmente palestra sobre a história da cidade. Participaram da ação a jornalista Paula Fiorotti, a pesquisadora Cristina Ortega e os historiadores Cristina Toledo de Carvalho e Rodrigo Munari. O projeto foi encerrado em 23 de outubro.

GCM
AGO A OUT - 2019

Pró-Memória participa de atividade da UniMais

Levar o conhecimento da história e dos fatos do passado ao público é uma das missões da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Na tarde de 19 de setembro, os historiadores da instituição, Cristina Toledo de Carvalho e Rodrigo Marzano Munari, participaram de atividade curricular de um grupo de alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade de São Caetano do Sul, a UniMais, realizada no campus Barcelona da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

USCS
SET - 2019

Dia de Brincar

A Pró-Memória de São Caetano do Sul esteve presente em mais uma edição do Dia de Brincar. A atração, organizada pela Secretaria Municipal de Cultura, foi realizada dia 12 de outubro, no Parque Cidade das Crianças. Entre as dezenas de atividades do local, a Pró-Memória levou, para o espaço Intervenções Animadas, o Jogo da História de São Caetano.



CIDADE DAS CRIANÇAS
OUT - 2019

Ciclo Regional de Gestão dos Arquivos

Representando a Pró-Memória, as integrantes do Centro de Documentação Histórica da instituição, Monica Iafate e Jacqueline Nakagawa, participaram, no dia 30 de outubro, do Ciclo Regional de Gestão dos Arquivos. Promovido pelo Consórcio Intermunicipal Grande ABC, o evento contou com palestras e discussões acerca do trato documental e de acervo do poder público.



CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DO GRANDE ABC
OUT - 2019

EVENTOS LITERÁRIOS



Neste segundo semestre a Pró-Memória foi palco do lançamento de três livros escritos por educadores e historiadores. A jornalista e professora Lilian Crepaldi lançou, em 31 de agosto, a obra *Babel nas terras alagadiças: revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul*, que destaca a importância do imaginário migrante na região do ABC paulista por meio de *Raízes*, publicação da Pró-Memória.

Já em 2 de outubro, a professora e coordenadora-geral da Pró-Memória, Márcia Gallo, teve seu livro *Indisciplina, Violência e Bullying – Um desafio para os gestores escolares* lançado. A publicação, voltada ao público educacional, disserta sobre ações a serem tomadas diante dos problemas relatados no título da obra.

Em 17 de outubro, foi a vez de *Deputados e delegados do poder monárquico: eleições e dinâmica política na província de São Paulo (1840-1850)* do historiador Rodrigo Marzano Munari. A obra aborda o problema das eleições e da legislação eleitoral

no Brasil do século 19, com ênfase na atuação eleitoral dos presidentes de província, figuras fundamentais do jogo político no Império brasileiro. Os eventos foram realizados no Espaço Cultural Casa de Vidro – Ateliê Pedagógico.

FPM
AGO A OUT - 2019

VISITAS



Jornada do Patrimônio 2019

O Espaço do Forno, local expositivo pertencente à Fundação Pró-Memória, recebeu no dia 17 de agosto um grupo de 40 pessoas como parte integrante das ações da Jornada do Patrimônio 2019, ação realizada pela prefeitura de São Paulo em parceria com o Serviço Social do Comércio. Em roteiro organizado pelo coletivo Pisa – que realiza atividades educativas pela capital – os participantes do grupo, frequentadores do Sesc São Caetano, puderam conhecer a origem e crescimento da cidade por meio da história da Cerâmica São Caetano, originalmente estabelecida no local

ESPAÇO DO FORNO
AGO - 2019

Fundação Pró-Memória de Indaiatuba



Em um gesto inédito de aproximação e integração, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul visitou, no dia 10 de setembro, uma instituição homônima, localizada em Indaiatuba, no interior paulista. Na ocasião, a equipe de São Caetano foi recebida pelo superintendente da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus. O grupo conheceu as atividades e os espaços físicos de sua coirmã indaiatubana como a nova sede, inaugurada em junho passado, e o histórico Casarão Pau Preto, construção do início do século 19 em taipa, tanto a de pilão como a de mão e que atualmente abriga o Museu Municipal da cidade.

INDAIATUBA
SET - 2019

Acervo/FPMSCS



Família Marzano. As crianças são Oscar, Hilário, Geraldo, Leonor, Yolanda e Olga (no colo). A mãe é Luíza Vicentini Marzano. Foto de 1933



Acervo/FPMSCS

Silvano Tíntori e Teresa Cavana, em retrato de 1935

Acervo/FPMSCS

Aurélio Tenca foi subprefeito do distrito de São Caetano. Foi também um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial de São Caetano, cuja primeira reunião aconteceu em 23 de fevereiro de 1938



Acervo/FPMSCS



Trabalhadores da empresa de iluminação Light fazendo manutenção de luminárias na esquina das ruas Alagoas e Santo Antonio, em frente ao antigo armazém de secos e molhados de Sebastião Gianotti. Foto de 1942



Alunas do Externato Santo Antonio, na época localizado na esquina da Rua Manoel Coelho com a Avenida Conde Francisco Matarazzo, durante aula de bordado e corte e costura. Foto de 1943

Fachada do antigo Cine Max, localizado na Avenida Conde Francisco Matarazzo, no Bairro Centro, em 1949. Sua tela chegou a ser a segunda da América do Sul em tamanho, e a capacidade da sala era de 1.650 lugares. O cinema foi inaugurado em 1944 com um filme em technicolor e com sistema sonoro movietone (a gravação incluída na própria película)



Acervo/FPMSCS

Foto dos alunos do 1º ano A do Grupo Escolar Senador Fláquer, em maio de 1952. Entre os alunos, foram identificados: Nairo Ferreira de Souza, Cláudio Geri, Domingo Glenir Santarneckchi, Toshio, Milton Martins, Altevir Vargas Anê e Pedro Bonesso. Ao centro, estão: o professor Paulo Tonini e o diretor, Edson França Guimarães



Acervo/FPMSCS



Em foto de 1960, vemos o então vereador Gentil Monte (à direita) e o advogado Odilon de Souza Mello, na época vice-prefeito de São Caetano do Sul, durante a quinta legislatura e a primeira gestão do prefeito Hermógenes Walter Braido (1965-1969)

Acervo/FPMSCS



Alunos da Escola Municipal de Educação Infantil Antonio de Oliveira, no Bairro Santa Maria. A esquerda, a professora Maria Therezinha Dario Fiorotti e à direita, Leila Dario Foroni. Foto de 1966

Acervo/FPMSCS



Família de Jorge Laranjeira durante comemoração de Bodas de Ouro de Luiz Vincenzi e Emma Cavallini Vincenzi, ocorrida no ano de 1964. Vemos, em pé, a partir da esquerda: Mauro, Jorge Laranjeira, Lúcia e Marly. Sentados, estão: Emma Cavallini Vincenzi e Luiz Vincenzi

Acervo/FPMSCS



Dulce Junquetti foi uma professora que iniciou sua carreira em São Caetano do Sul em 1966, dando aula no Parque Infantil Irineu da Silva. Foi também professora no então Grupo Escolar Padre Luiz Capra. Em 1985, foi nomeada diretora do Departamento de Educação e Cultura (Depec) e, em 1989, assumiu a diretoria da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Dulce Junquetti faleceu no dia 15 de maio de 2001. Foto da década de 1980

Acervo/FPMSCS



Procuradores da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, em foto de 1970. Da esquerda para a direita, vemos: Enéas Chiochetti, Fernando Antonio Ferreira Rodrigues (hoje desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo) e Moacyr Rodrigues, nascido no dia 1º de outubro de 1919 e falecido em agosto de 1988

Acervo/FPMSCS



Jantar de confraternização do Lions Clube-Centro, realizado na década de 1970. Da esquerda para a direita, vemos: Noemia Crepaldi, Dora Cipullo, Cleusa Inês de Souza e Ivete Marcílio Sperate

Acervo/FPMSCS



Foto de meados da década de 1970, vendo-se a estação ferroviária, inaugurada em 1973 pela Rede Ferroviária Federal, hoje com o nome de Estação Ferroviária Hermógenes Walter Braido, localizada na Rua Serafim Constantino, no Bairro Centro

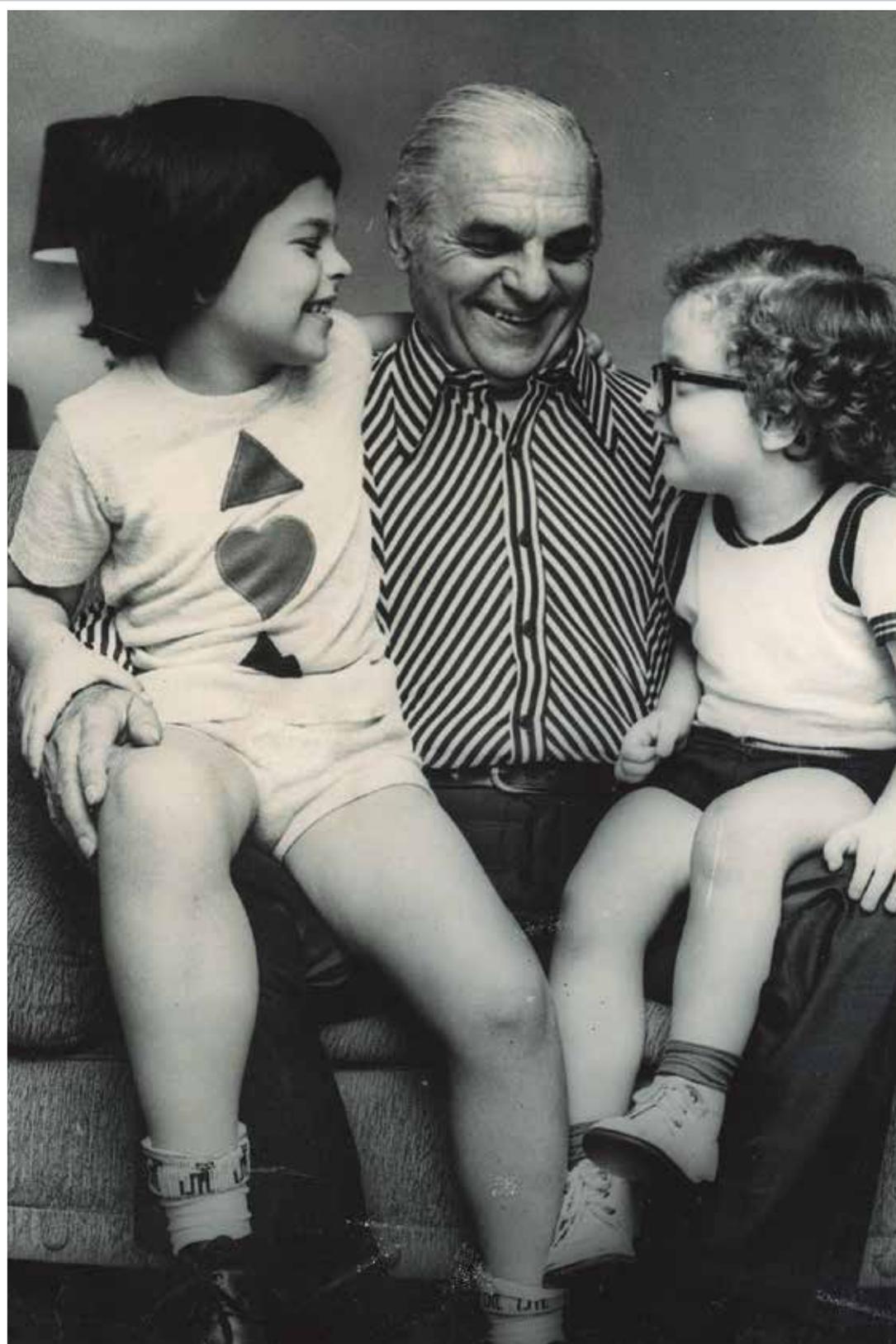


Foto de João Dal'Mas e seus netos no final da década de 1970. Na época, Dal'Mas era vice-prefeito de São Caetano (1977-1982). Neste mandato, ocupou a chefia do Executivo por oito meses, quando o prefeito Raimundo da Cunha Leite se afastou. Batalhou na campanha autonomista, transformando a tribuna da Câmara de Santo André, onde era vereador, em suporte para a luta pela independência de São Caetano. Assim que ocorreu a autonomia da cidade, renunciou à vereança em Santo André

Acervo/FPMSCS

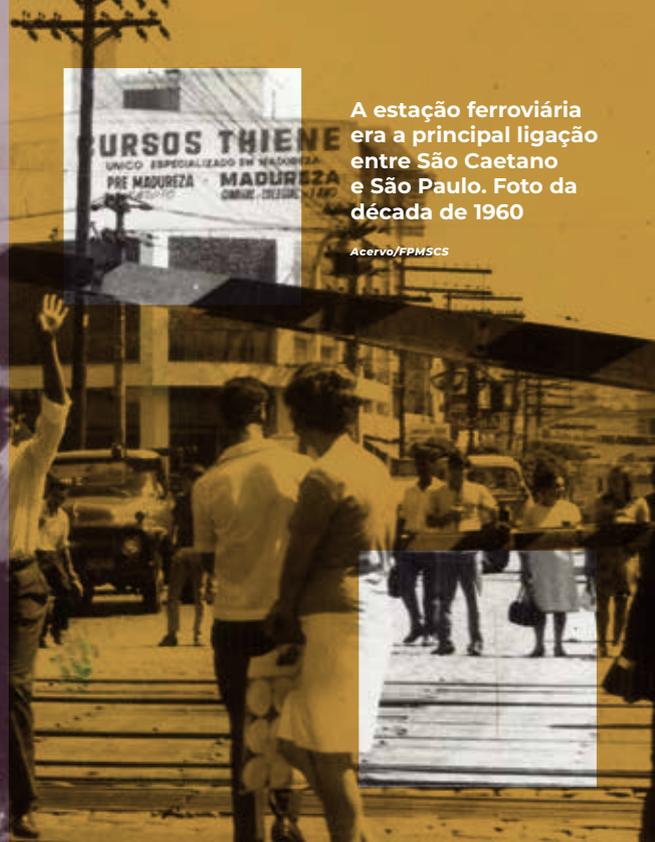


Alfaiates de São Caetano do Sul reunidos em um encontro da categoria, em 1980. Vemos, da esquerda para a direita: Teodoro Ivanof, Víctor Caetano Dias, Anísio Antonio Girardi e Messias Daniel de Souza

Acervo/FPMSCS



Participação do time feminino de futebol do Clube Gisela, durante campeonato realizado no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida (Estádio Anacleto Campanella). Foram identificados, à direita, o técnico Aurélio Loureiro Bastos e Antonio José dos Santos (Toninho dos Esportes), presidente da Comissão Municipal de Esportes, no momento da entrega da premiação ao time. Foto de 1982



A estação ferroviária era a principal ligação entre São Caetano e São Paulo. Foto da década de 1960

Acervo/FPMSCS

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

SEDE ADMINISTRATIVA PINACOTECA MUNICIPAL CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
São Caetano do Sul – SP
(11) 4223-4780
fpm@fpm.org.br
pinacoteca@fpm.org.br
centro.documentacao@fpm.org.br

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
São Caetano do Sul – SP
(11) 4229-1988
museu@fpm.org.br

SALÃO EXPOSITIVO ESPAÇO VERDE CHICO MENDES

Avenida Fernando Simonsen, nº 566
São Caetano do Sul – SP

ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO

Praça do Professor
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)
São Caetano do Sul – SP

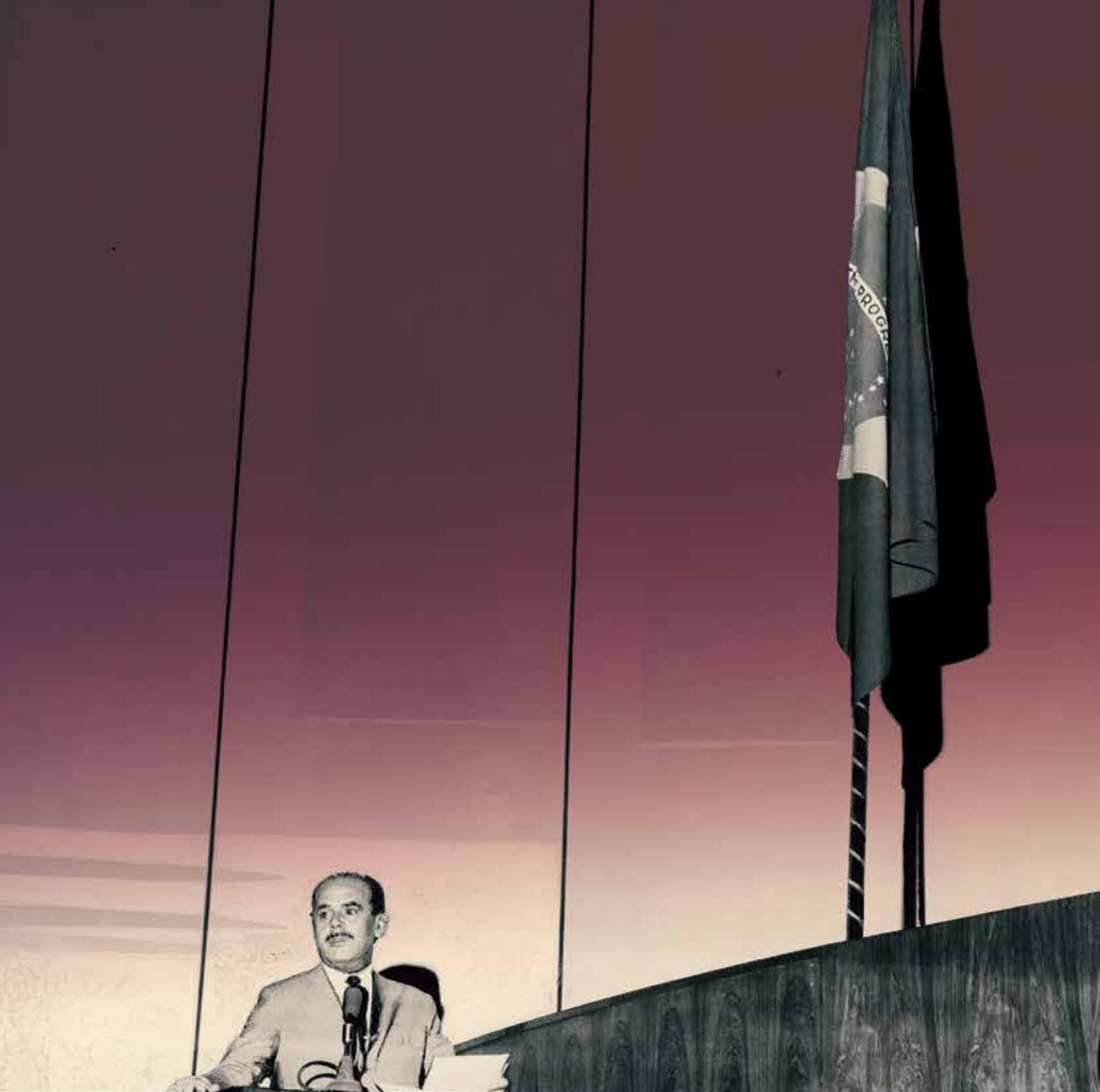
ESPAÇO DO FORNO

Praça do Forno do
Espaço Cerâmica
São Caetano do Sul – SP



Casa de Matheus Constantino. A frente ficava voltada para a Rua Amazonas, e este da foto era o muro lateral

Acervo/FPMSCS



ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA MUNICIPAL
SÃO CAETANO DO SUL